ADRIANO ANTHERO
Da Academia das Sciencias de Lisboa

A TUNICA DE NESSO

(ROMANCE)

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
116, Rua Formosa, 116

1923

A TUNICA DE NESSO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Réprobos (poema) — Esgotado.

O Poema do Trabalho.

A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do Paiz (1895).

A Historia Economica. Vol. I — *Edade antiga.*

A Historia Economica. Vol. II — *Edade media.*

A Historia Economica. Vol. III — *Edade media.*

A Historia Economica. Vol. IV — *Edade moderna.*

A Historia Economica. Vol. V — *Edade moderna.*

Na Penitenciaria (poemeto).

Entre o Breviario (poemeto).

A Lista Civil, discurso proferido na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de julho de 1908.

A Crise Vinicola, discursos proferidos na Camara dos Deputados, nas sessões de 6 e 7 de agosto de 1908.

Projectos Parlamentares.

Novos Projectos Parlamentares.

O Poema da Vida.

Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. I.

Comentario ao Codigo Commercial Portuguez. Vol. II.

O Direito Aéreo.

O Poema da Amargura.

Hespanha e Portugal e suas affinidades.

Megaclés (romance historico).

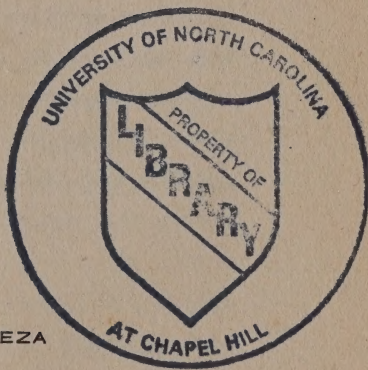
A Tunica de Nesso (romance).

A ENTRAR NO PRELO

A Historia Economica — *Edade contemporanea.* (2 volumes).

O Direito Internacional.

ADRIANO ANTHERO
Da Academia das Sciencias de Lisboa

A TUNICA DE NESSO

(ROMANCE)

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
116, Rua Formosa, 116

1923

PRIMEIRA PARTE

I

Esfusiava a gargalhada n'essa roda de amigos, todos pertencentes á mocidade doirada. Novos, elegantes e cheios de vida e saude, contavam os dias pelos prazeres e as glorias pelas estroinices. Corações embutidos na devassidão mundana, almas combalidas na libertinagem, caracteres apagados no excesso das orgias, trocavam-se e rejubilavam-se mutuamente com a narração das conquistas amorosas e das scenas extravagantes que tinham representado, ou que tinham visto ou provocado.

A tarde ia declinando; as rosas de um jardim proximo embriagavam os sentidos; as aves cantavam no arvoredo as canções doiradas da primavera; a multidão das mulheres

novas, radiantes e formosas, que iam passando na rua, acirrava os desejos; e, na alegria communicativa d'esse grupo, no clarim das suas risadas, e nos olhares cubiçosos para as jovens que passavam, parecia que resfolgava o sentimento capitoso da carne, que estonteia os cerebros da mocidade.

—Sim, dizia Daniel d'Avellar, aposto que sou capaz de fazer com mulheres, mesmo á luz do dia, a maior estroinice que me der na cabeça.

—Já sei, replicou Alberto Durão, és capaz de olhar radiante para qualquer rapariga bonita que passe, fazer-lhe até um cumprimento galanteador, e seguil-a, se ella te der cavaco. Não é assim?

—Estás gracejando. N'isso não haveria nada de extraordinario. É a rotina vulgar da tentação ou do namôro. Repito que sou capaz de fazer, á luz do dia e mesmo agora, a qualquer mulher o maior desproposito que me lembrar.

—Então, por exemplo, és capaz de dar, aqui, em pleno passeio, um beijo na face da mulher que nós te indicarmos?

—Sim, senhores.

—Mesmo por mais digna e respeitavel que ella se mostrar?

—Certamente, e só com uma condição: que seja nova, tenha aspecto de solteira, e seja tambem formosa, para que a bocca me fique dôce.

—Está dito. Vale a aposta vinte libras.

—Acceito. Só resta agora que vocês me apontem uma rapariga bonita e n'aquellas condições.

N'isto, surgiu no meio da rua uma criatura, elegantemente vestida, com a apparencia a mais radiosa, e ao mesmo tempo grave e modesta.

—Eil-a,—disseram todos em côro.—Alli está a victima.

Daniel d'Avellar avançou até o passeio, de modo a ficar no encontro d'essa mulher; mas, quando ella se approximou, a sua figura deteve-o, como se fosse a imagem d'uma santa que o absorvesse n'uma devoção mystica e sagrada. Sentiu refulgir-lhe como scentelha do paraiso a dôce claridade de um olhar azul, d'onde resumbrava a suavidade da lua e o encanto

das estrellas. Como nimbo da fronte gentil, o cabello louro e annellado reflectia o proprio resplendor das auroras. A face, de uma alvura transparente e mimosa, parecia traduzir a virgindade do coração. E o busto airoso, n'uma accentuação harmonica de linhas e na leve ondulação do caminhar, mostrava, logo de relance, um primor da natureza.

Daniel ficou surprezo. Não era mulher, era uma divindade que lhe apparecia, tão apparentemente casta, tão evidentemente formosa, e tão ostensivamente senhoril, que elle rapidamente viu que roubar-lhe um beijo seria mais do que um verme contaminar o lirio branco dos jardins; e que era um sacrilegio o conspurcar com a baba immunda dos bordeis, a propria imagem dos altares. N'esse momento, uma especie de choque electrico, e como que uma vertigem da resurreição de si proprio e de compuncção da sua torpeza, cruzou no espirito de Daniel; e elle deixou, portanto, passar essa mulher. Mas nos ouvidos restrugiu-lhe logo uma gargalhada unisona e zombeteira dos amigos; e como envergonhado da sua fraqueza e da sua hesitação, foi collocar-se de

novo rapidamente á frente d'ella, que já tinha seguido para diante. E bruscamente lhe deu um beijo na face.

A senhora, surprehendida de tão grande ousadia e de tão insolito procedimento, ficou um momento aturdida; mas immediatamente cobrou animo, e, dirigindo-se a um policia, disse-lhe, indignada:

—Prenda este homem, que acaba de me offender.

O policia assim o fez. Prendeu-o, e tomou o nome de algumas testemunhas presenciaes do desacato.

Daniel, então, não fez o minimo movimento. Deixou-se prender; e, muito pallido, envergonhado de si proprio, e como que fulminado perante a contemplação d'aquella belleza e da sua apparente innocencia e castidade, teve apenas tempo de dizer-lhe:

—Minha senhora, perdôe-me, por quem é. Sou um miseravel. Fiz isto por uma aposta. Mas v. ex.ª tem razão, para me julgar o mais indigno dos homens. O meu eterno remorso será o meu castigo, e a minha vergonha será o meu continuado martyrio.

Seguiu, então, com o policia, que o levou para o tribunal. Mas aquelle beijo foi a *tunica de Nesso.* Começava a queimar-lhe como o veneno do mais cruciante remorso; e, coisa original, o coração saltava-lhe no peito como inicio de uma paixão repentina, e, luzia-lhe lá dentro como carbunculo a imagem d'aquella criatura!

II

A familia Ribaldar tinha as suas propriedades n'uma aldeia, chamada Carcavellos, da Beira Alta. Ahi vivia dos seus rendimentos; e, entre a dedicação dos caseiros e familiares e o respeito e amisade dos visinhos, tinha, desde longa data, passado de paes a filhos a tradição da sua bondade e da sua fidalguia. Os ultimos membros d'ella, quando começa a nossa historia, eram o chefe da casa, Lourenço Ribaldar, seu filho, o Dr. Jorge Ribaldar, e a filha, Noemia Ribaldar. Tinham na sua habitação e na sua aldeia tudo o que torna a vida confortavel e sã.

A casa, palacio antigo, cheio de retratos de familia e moveis preciosos, aberto a todos os ventos, rodeado de lagos e jardins, e no centro das vastas propriedades, como um baluarte d'esses haveres, parecia até que, na frontaria, no aprumo dos alinhamentos e no regulamento do alçado, demonstrava a respeitabilidade d'essa familia.

Os predios eram objecto continuado de uma cultura esmerada, dirigida pelos donos da casa; porque tanto o pae como o filho tinham uma vasta instrucção agricola, a par de uma grande erudição geral. O Lourenço completara o curso superior de lettras, e o filho era formado em direito; e ambos tinham estudado com grande aproveitamento.

Quanto á filha, era um encanto, feito em mulher. Formosa como um astro; bondosa como as santas; suave e meiga como as criaturas predestinadas para cobrir de rosas o chão que os outros pisam; de uma illustração sensata e regrada, tanto na musica e nas outras artes, como na litteratura e nas linguas; caritativa e dôce para todos os pobres; com lagrimas para todos os infortunios; adorada e abençoada por

quantos a conheciam; e festejada, quando passava na povoação e na visinhança, como se fosse a imagem de um andor de festa: era a representação perfeita e completa de um anjo que baixasse á terra, para mostrar como Deus entreabre o paraiso, n'estas visões redemptoras da humanidade.

Costumava essa familia passar o inverno e primavera em Lisboa, e o estio e outomno em Carcavellos; e foi, assim, que Noemia se encontrava em Lisboa, quando lhe foi roubado aquelle beijo.

III

Daniel de Avellar era natural de Lisboa. Formara-se em direito pela Universidade de Coimbra, mas nunca passara de um *musico,* isto é, de um estudante não classificado, embora intelligente, e de um bohemio illustrado. Educado desde criança na vida esteril e frivola da capital, com a alma apagada para os brios serios e honestos; viciosamente envenenado

na crapula e no ar corrupto dos bordeis; com uma camada de lôdo, a cobrir-lhe de ignominia o que havia de bom no fundo da alma: nem elle proprio conhecia precisamente o seu caracter.

Sentia que, algumas vezes, a vitalidade lhe retemperava o estimulo do bem; e, n'esses momentos, uma especie de agua lustral consoladora lhe purificava o coração. Mas a onda passava; e vinha, logo após, a camada corrosiva do mal apagar os vislumbres radiosos da virtude. N'um misto de egoismo e filantropia, de immoralidade e recolhimento, de arrojo e abstenção, de indifferença e de interesse; combalido pela torpeza dos costumes; insensivel quasi sempre aos aguilhões da consciencia; levado, como a folha desprendida das arvores, sem norte e sem rumo, no meio de um mundo banal; sem preoccupação pelo dia de ámanhã ou pesar pelo dia de hontem: era o espelho vivo d'essa mocidade esteril, cansada, contradictoria e indefinivel, que faz a vida dos alcouces, dos cafés e desportos erroneos, e que se vai despenhando, dia a dia, pela maceração da ociosidade, no estigma da corrupção.

E, entretanto, havia n'elle uma especie de radio interior, que por espaços esclarecia uma alma cavalheirosa e nobre, por entre a gangrena do vicio, da indifferença e da perdição. E tambem, algumas vezes, á vista de uma injustiça ou perversão, o animo e caracter se retemperavam no estimulo da virtude e no sentimento do brio e da dignidade.

IV

Daniel de Avellar foi julgado pelo crime de ultrage publico ao pudor, que o Codigo Penal pune com prisão até seis mezes e multa de um mez.

Entre as poucas pessoas que assistiram ao julgamento, figuravam Noemia, o pai e o irmão; porque o Ministerio Publico tinha requerido a presença d'ella.

Daniel não quiz levar advogado. Foi-lhe, por isso, nomeado, como advogado officioso, um dos mais novos, mas tambem dos mais intelligentes do fôro; e, aberta a audiencia, lido o

processo e recolhidas as testemunhas, o juiz começou pelo interrogatorio do reu.

—Como se chama? Perguntou elle.

—Daniel de Avellar.

—Onde nasceu?

—Em Lisboa, freguezia da Magdalena.

—O nome de seus paes?

—Meu pae chamava-se Manuel de Avellar, e minha mãe D. Margarida de Avellar. Ambos já fallecidos.

—O seu estado?

—Sou solteiro.

—Quantos annos tem?

—Vinte e dois annos.

—A sua profissão?

—Formei-me em direito, mas, infelizmente, sou um vadio, que vive dos seus rendimentos.

—Sabe o crime de que é accusado?

—Sim, senhor.

—E que tem a dizer a isso?

—Que, realmente, por causa de uma aposta, feita com alguns amigos e companheiros meus, n'uma desgraçada aberração de espirito, dei, ou antes roubei bruscamente um beijo áquella menina. Fui um miseravel. Quando ia para

roubar esse beijo, e encarei com ella, a sua presença e formosura e a sua ostensiva dignidade chegaram a conter-me; e, n'um relance salvador, que me passou na consciencia, vislumbrei a torpeza do meu procedimento. Mas uma gargalhada escarnecedora dos meus companheiros, ao verem a minha hesitação, fez-me perder esse vislumbre do bem; e, passando outra vez á frente da mesma senhora, dei-lhe bruscamente um beijo na face. Conheço agora quanto fui miseravel. Este meu crime ennodoa-me até perante a propria consciencia. Arrependo-me profundamente, e nem sequer allego attenuantes perante a justiça de v. ex.ª. Quanto mais dura fôr a pena, mais diminuirá o meu remorso, e maior reparação será para aquella menina e para seu pae e irmão, a todos os quaes peço humildemente perdão. Esse irmão, o senhor Dr. Jorge Ribaldar, foi meu contemporaneo. Respeitei-o, e estimei-o sempre como um dos estudantes mais distinctos e dignos da Universidade; e mal sabia, então, que o meu procedimento iria offender uma sua irmã, que eu não conhecia. Considero tambem isso como outra aggravante. E, assim,

como não posso, nem com palavras, nem com satisfações minhas, attenuar a villeza do que fiz, em vez de pedir a v. ex.ª qualquer benignidade, peço outra vez todo o rigor da lei. Ao menos, d'este modo, posso mostrar áquella menina e á familia quanto estou arrependido, e quanto daria, para que elles esquecessem a minha indignidade.

As testemunhas confirmaram a verdade dos factos. O Ministerio Publico limitou-se a pedir justiça. O advogado officioso allegou o bom comportamento anterior do reu, a sua confissão espontanea, o seu arrependimento e o desconhecimento da respeitabilidade da offendida. E o juiz, attendendo a tudo isto, e mesmo contra os desejos que o reu mostrara de ser castigado com todo o rigor, condemnou-o apenas em trinta dias de multa, a remir por 500 réis cada dia.

Daniel estava succumbido, e o seu aspecto e as suas declarações tinham commovido todos os assistentes. A propria Noemia não mostrava rancor, mas, peior do que isso para Daniel, quando este, depois de lida a sentença, a fitou supplicante, ella fulminou-o, n'uma vista e fei-

ção de tanto desprezo, que duas lagrimas assomaram espontaneamente aos olhos do pobre arrependido, e, alquebrado como um doente, e acompanhado d'alguns amigos, saiu do tribunal. A *tunica de Nesso* fazia o seu effeito.

V

Daniel de Avellar mudara rapidamente depois do julgamento. A sua alegria effusiva convertera-se n'uma seriedade taciturna. Á expressão radiosa das suas extravagancias succedera um recolhimento regular e uma linguagem séria e comedida. Abandonara os lupanares; quasi não frequentava os cafés; no club, passava o tempo na leitura; e, no seu rosto, como n'um panno de theatro sombrio, um pesado veu de melancolia escondia o triste espectaculo da sua alma e do seu coração.

É que ahi ganhara raizes, e brotara viva, como a vegetação nas cinzas d'uma cratera, a rosa encantada da paixão ardentissima que elle sentia.

A imagem de Noemia, no accordamento, nas vigilias e nos sonhos, erguia-se radiosa como a flor do nenufar, alentada nas lagrimas tacitas que elle chorava.

Umas vezes, tinha ella, como os anjos do exterminio, o azorrague com que Christo açoitou os peccadores. Outras vezes, o amargor e vergonha da dignidade offendida a tornava rubra, como o sangue de Jesus. E, ainda outras vezes, imaginava elle que essa imagem clareava n'um alvor de perdão, e que Noemia recolhia as lagrimas seccas e tacitas que elle chorava, na ambula onde a Virgem Maria recolhia o pranto dos desgraçados.

Assim, não podia viver. Nem ao menos tinha direito a supplicar novamente o perdão de Noemia.

Era preciso, por isso, arrancar do peito, a ferro e fogo que fosse, esta paixão que tanto escaldava; e sabia que as viagens são o antidoto dos namorados.

No estrepito do grande mundo, no ruido das grandes cidades, no ar e temporal das grandes montanhas, devia talvez desapparecer de todo, ou, ao menos, entibiar-se, o sentimento

doloroso que o confrangia. Essa *tunica de Nesso*, sacudida nos grandes movimentos e nas grandes paisagens do estrangeiro, talvez largasse o veneno que o estava corroendo. Demais a mais, dentro do paiz suppunha-se n'um carcere, onde Noemia, que presidia a um tribunal superior — o da expiação d'elle Daniel, o fulminava a toda a hora.

Resolveu, portanto, viajar.

VI

Correu a Inglaterra. Mas não foram as suas grandes cidades e monumentos, que mais o prenderam. Assombrou-se, realmente, perante a grandeza de Londres e das outras grandes cidades; mas o seu espirito e a sua tristeza davam-se melhor com os bellos quadros da natureza, que lhe fallavam á alma, ou com as recordações historicas e litterarias, que lhe despertavam a memoria. É que o presente era para elle um mundo estonteador; e a noite do seu coração mais se comprazia com as ruinas do passado ou com a mudez das solidões.

Por isso, na Inglaterra propriamente dita, embora se espantasse perante as docas d'aquella capital e de Liverpool; perante os grandiosos canteiros de Chatam e as multiplas e enormes fabricas de Birmingham e de Cornwaille e as suas manufacturas, mais se distraiu em Worcester, a Sevres britannica, onde, em 1651, Cromwell alcançou uma victoria decisiva sobre os realistas.

Extasiou-se perante o Castello de Windsor, que passa por ser uma das primeiras maravilhas da Inglaterra, e o mais completo monumento e de mais larga historia que ella tenha escripto sobre a pedra.

Esteve nos banhos de Bath, as *Acquæ Suli* dos Romanos, onde o celebre astronomo Herschel, o primeiro da sua dynastia, começou por exercer muito tempo o mister de musico, e depois consagrou a sua carreira de sabio.

Visitou Bristol, por se lembrar que, n'essa cidade, foram armados os primeiros navios para a descoberta do Novo Mundo, e que ahi desembarcou Sebastião Cabot, na sua volta da America.

Esteve na ilha de Wight, que conserva ainda as suas muralhas normandas e as torres arruinadas dos velhos castellos feudaes. E ahi visitou as cidades de Newport e Ryde e o castello forte de Cambrock, onde Carlos I foi encerrado, e onde a sua filha Izabel morreu, egualmente encerrada, em 1650.

No paiz de Galles, visitou Shrewsbury, por ser a patria de Darwin, e examinou o castello de Ludlow, uma das fortalezas da meia edade, mais vasta e mais conservada que possue a Inglaterra.

Na Escossia, percorreu tambem as suas principaes cidades; mas não foram ellas que mais o distrairam. Antes mais o captivou, nos arredores de Glasgow, o castello de Abbotsford, por estar ainda cheio das recordações de Walter Scott.

Em Edimburgo, essa tão bella e original cidade, e tão notavel pela sua producção scientifica e litteraria, o palacio de Holyrood é que principalmente chamou a sua attenção, pelas recordações historicas, sobretudo nos aposentos de Maria Stuart.

Visitou o castello de Striling, que domina a cidade do mesmo nome, onde se passaram os acontecimentos mais importantes da historia da Escossia, e onde estão as estatuas de Roberto Bruce e do grande heroe Walace.

Na Irlanda, passou, da mesma forma, quasi que indifferente, perante as grandes cidades de Dublin, Limerick, Cork, Belfast e outras. Mas parou concentrado em Carrickfergus, perto da cidade de Belfast, por se lembrar que ahi desembarcou Guilherme III, para derrotar o exercito de seu padrasto, e que o francez Thurot foi senhor d'ella, por espaço de tres dias, em 1759.

Esteve nos lagos Killarney, em cujas margens o poeta nacional da Irlanda, Thomaz Moore, vinha procurar inspiração, e onde o grande romancista Walter Scott achou sitios comparaveis aos do lago Lomond. E chegou a enlevar-se mysticamente na ermida do lago Gongane Barra, que foi habitado outr'ora por S. Fionn Bar, o apostolo de Cork e de toda essa região.

E foi tambem a Macroon, por ser a antiga cidade dos bardos.

Mas, afinal, á parte o deleite espiritual que lhe deu a instrucção, resultante do muito que viu e do muito que aprendeu e recordou, até o aspecto humido, nevoento e sombrio de todas essas cidades e logares, mais carregado lhe tornou o coração.

A França e a Suissa, que Daniel tinha já visitado e percorrido, não lhe offereciam tanto interesse e curiosidade como os outros paizes; e, por isso, da Inglaterra seguiu directamente para a Belgica.

VII

Tambem na Belgica, succedeu a Daniel o mesmo que na Inglaterra.

Visitou as grandes cidades de hoje, e as duas unicas que havia no tempo dos Romanos —*Turnacum* (Tournay) e *Atantuca Tongrorun* (Tongres); mas sempre determinado, mais pelo attractivo das artes e pelas recordações historicas dos logares, que pela opulencia e grandeza d'essas cidades, dos edificios e dos monumentos.

N'esse proposito, no museu de Bruxellas, examinou com arrebatamento as obras de Rubens e as telas de Jordaens, Van Dyck, Filippe Champagne, irmãos Van Eyck, e Gaspard de Crayer; e renovou a sua admiração pelo nome glorioso de tantos outros filhos illustres d'essa cidade, como André Vesale, Van Helmont, Van der Meulen e Duquesnoy.

Ao contemplar o grande movimento do porto de Anvers, um dos mais commerciaes do mundo, reproduziu na sua mente os principios d'elle.

Achava-se, primeiramente, separado do mar, e no meio d'uma região inculta e pantanosa. E, embora estivesse na extremidade de um estuario, para o qual convergia o Escalda com seus dois affluentes — o grande Schyn e o pequeno Schyn, mais consideraveis outr'ora que actualmente, essa situação não abria directamente sobre o Oceano. Só no seculo xv, é que o estreito do Hont ou do Escalda oriental se tornou facilmente navegavel, transformando em cidade maritima o burgo d'Anvers. Ainda assim, em 1444, ella só tinha quatro mercadores, e a sua frota compunha-se apenas de seis

barcos para a navegação fluvial; mas, á proporção que se ia açoriando o golfo de Zwyn, em prejuizo de Bruges, o estuario de Anvers foi augmentando de importancia, a ponto de constituir, já no fim da edade media, um grande emporio commercial.

E, ao passo que Daniel identificava a sua imaginação no progresso de Anvers, recordava tambem o romance da vida de um grande pintor — Metsys, que ahi viveu, romance que tanto lhe fallava ao coração.

Esse pintor começou a sua vida, por ser ferreiro; e, ainda n'essa humilde situação, apaixonou-se pela filha gentil de outro pintor. Era correspondido n'este amor; porém o pae d'ella declarou que só daria a sua filha a quem fosse um pintor auspicioso. E, então, Metsys dedicou-se á pintura, tornando-se uma das maiores notabilidades de que a Belgica se ufana, e conquistando, assim, a noiva e a gloria.

Ao visitar Bruges, a cidade tão decaida do seu antigo esplendor, lembrou que, em 1386, os Portuguezes ahi se estabeleceram definitivamente, e vieram a ter, não só casa propria,

edificada, em 1445, para as suas transacções commerciaes, mas tambem uma capella, na egreja dos Dominicanos; que, em 1386, Filippe, o Atrevido, concedeu aos habitantes e mercadores de Portugal um passaporte, datado de Paris, para poderem residir em Flandres com suas familias e seus criados, comprarem e venderem, e poderem até ir á Inglaterra, sem risco de qualquer vexame; que este privilegio, limitado a um anno, foi depois renovado por tempo indefinido; e que, ainda depois d'isso, João Sem Medo, em 1411, e Filippe o Bom concederam outros privilegios aos Portuguezes.

Em Liége, veiu-lhe á recordação que, no seculo XII, um ferreiro, chamado Hulloz, descobriu o carvão de pedra, e que esse poderoso gerador da grande industria andou, por muitos seculos, proscripto e refugiado no seu mister, até que pôde dominar a opposição que a ignorancia lhe fazia, quando suppunha que o seu emprego envenenava a humanidade.

Em Louvain recordou egualmente que, no começo do seculo XVI, a Universidade, pela justa fama de que gosava, attraiu ao seu seio o nosso André de Rezende, que lá se relacio-

nou com muitos sabios, e entre elles com Erasmo, Cleynarsdt e Diest, seus intimos.

E visitou tambem Alost, sobretudo por ter sido a cidade, onde Thyerry Maertens fundou a primeira imprensa, em 1473; bem como visitou Gand, a Veneza do Norte, por ser ahi que, em 1667, se publicou o mais antigo jornal da Belgica, a *Gazzette Van Gent*; e por terem lá residido Damião de Goes, e o distinctissimo Antonio de Sena, frade dominicano, que depois veiu para Portugal, chamado por D. João III, para dirigir a educação d'um seu irmão.

Mas o nosso viajante, deixando as cidades, cujo movimento lhe causava oppressão, perdeu muito tempo, divagando por essa vasta lande que se estende ao norte das planicies ferteis da Belgica central, e se prolonga ao longe, mesmo nos Paizes Baixos.

Como o grande romancista flamengo Henri Conscience, que amava as solidões tristes e os horizontes melancolicos, tambem a alma de Daniel desafogava na tristeza d'essas paisagens, aridas e tristes. N'essa disposição de espirito, visitou demoradamente a gruta de Han, situada na provincia de Namur, a uma

pequena distancia do ducado de Luxemburgo, na qual ninguem ousou aventurar-se, durante muitos seculos.

Só em 1814, quatro jovens animosos se adiantaram resolutamente n'essa caverna. Armados de tochas, espalhando detrás d'elles farinha, destinada a indicar o caminho que iam seguindo, e arrastando-se mesmo nos orificios estreitos, chegaram até á base da montanha onde essa gruta se acha collocada; e observaram, então, que era composta de vinte e duas salas differentes e de muitos subterraneos estreitos, de grande comprimento, constituindo cada uma d'essas salas um palacio feerico, onde o luxo das estalactites forma um deslumbrante revestimento prateado.

Em volta d'essa caverna, tudo é silencioso, e nenhum ruido perturba esses logares, a não ser o das gottas d'agua que formam as estalactites. E, por isso, era ahi, n'essa sepultura ornada apenas pela mão da natureza, que Daniel se sèntia mais á vontade. É que a sua alma era egualmente uma especie de sepulchro, onde o seu amor reluzia como as tochas que allumiavam os visitantes d'essa caverna.

E desceu tambem ao fundo das grandes hulheiras, para ver se, no estrepito da grande industria subterranea, o seu coração ganhava alento, como o Anteu da fabula, de encontro ás proprias rochas.

VIII

Da Belgica passou á Hollanda, mas tão aborrecido como entrara e saira da Belgica.

Admirou as cidades d'esse paiz, as eclusas, os diques, os *polders* e os moinhos hydraulicos, que representam o triumpho incruento d'esse grande povo sobre o proprio mar e sobre os proprios rios; bem como representam a dominação tambem dos proprios ventos e dos proprios pantanos; porque esses moinhos servem, não só para a moenda, mas tambem para enxugar os terrenos da agua superflua.

Admirou egualmente o dessecamento do Zuiderzée, e os grandes canaes, sobretudo, os que vão de Amsterdam ao mar do Norte.

Extasiou-se perante a belleza e aceio da

cidade de Haya, cujas casas são adornadas de jardins e flores.

Rotterdan e Amsterdam e os seus grandes portos e movimento commercial causaram-lhe a surpreza que tinha sentido com o movimento de Liverpool, de Anvers e de Londres. E, em Amsterdam causaram-lhe tambem profunda impressão os seus jardins, que rivalisam com os melhores do mundo; o grande parque Vondel, onde está a estatua do eminente poeta hollandez Justus Van den Vondel; o jardim zoologico, um dos melhores da Europa; e o muzeu Tripenhuis, que encerra mais de quinhentos quadros de insignes pintores, sobretudo da escola flamenga e hollandeza.

Mas ainda mais se comprazeu Daniel, estacionando algum tempo na melancolica aldeia de Broek, situada a dez kilometros de Amsterdam, onde tambem estacionaram Victor Hugo, M. d'Amicis, Walter Scott, Emilio Augier e Gambetta; e onde tantos estrangeiros teem ido curtir egualmente as suas tristezas e espalhar as suas saudades.

Em Utrecht, veiu-lhe á lembrança que, em 1579, as povoações neerlandezas ahi se

agruparam em republica federal, e que, em 1712, foi essa cidade escolhida como ponto de reunião para os plenipotenciarios que deviam assignar o tratado de paz entre a França, Hespanha, Inglaterra e Hollanda.

Foi vêr Haarlen, por saber que é uma das cidades neerlandezas, onde nasceram mais homens celebres, como, por exemplo, Wynantez, Franz Hals, Van Der Helst, Adriaan Bromer, Cornelis Bega, Filips Wouwerman, Berghem e Reuysdael.

Mas, afinal, o seu espirito andava sombrio quasi sempre, e tudo isso não conseguiu distrail-o.

Da Hollanda seguiu para a Allemanha.

IX

Ao entrar na Allemanha, passou-lhe perante os olhos toda a grandeza da sua historia, com todo o prestigio das suas artes e das suas sciencias. Viu refulgir na tela de um brilho infinito a obra litteraria de Gœtte, Schiller e Heine. Lembrou-se de que Kant fazia uma

revolução nas ideias, ao mesmo tempo que a Europa occidental a fazia na politica. Recordou a pujança de Hegel e Fichte, no campo da philosophia. Passaram-lhe na alma as harmonias de Mozart, Haydn, Weber, Beethoven, Mendelsohn e Schuber. Prescrutou as sombras do passado, por meio das indagações historicas de Ranke e Mommsem. Atravessou o globo, pela suggestão das noções geographicas de Alexandre Humboldt, Carl Ritter e Oscar Peschel. E, em summa, a serie ininterrupta de genios allemães, em todos os ramos dos conhecimentos humanos, refulgiu no seu pensamento, como um grupo seguido de constellações sobrenaturaes.

O seu mundo interior enchia-se do contentamento salutar que a instrucção e a sciencia fornecem. Mas, na passagem atravez do territorio, as recordações historicas ou as grandes maravilhas da industria e da sciencia é que principalmente o interessavam.

Assim, no valle do Rheno, em Essen, pela influencia de um amigo, pôde visitar a fabrica Krupp, para vêr até onde chegara o augmento e o progresso de uma pequena officina.

Com effeito, em 1827, Frederico Krupp era apenas o dono de um pequeno *atelier* de cutellaria; e graças ao seu talento e energia, ajudados do favor da sorte, tornara-se o proprietario d'um estabelecimento maravilhoso, que já cobria 400 hectares de superficie, e que fabricava enorme quantidade de material de aço e de guerra.

Foi visitar Colonia, sobretudo para vêr a cathedral, um dos mais celebres monumentos do mundo; e, recordando o passado grandioso d'essa cidade, lembrou-se de que ella fundou em Londres a *guilda de Colonia*, e, no seculo xv, disputava a Francfort a honra de ser a metropole da Allemanha. Mas a descoberta da America, fazendo abandonar as antigas vias de commercio, e prejudicando, portanto, as communicações do Rheno, tirou-lhe muito da sua importancia. E, a par d'isso, as luctas religiosas, trazendo a expulsão dos protestantes, afastou a maior parte dos cidadãos mais uteis e mais trabalhadores.

D'ahi passou a Aix-la-Chapelle, a cidade escolhida por Carlos Magno para capital, onde, depois da sua morte, os peregrinos corriam

aos milhares, para beijarem as reliquias d'esse imperador; e que veiu tambem a ser escolhida para a cerimonia da coroação imperial. De modo que, depois de Frederico Barba Roxa, trinta e sete imperadores ahi foram investidos na respectiva dignidade.

Em Francfort, onde tambem residiu Carlos Magno, e que, no reinado de Luiz o Germanico, se tornou a cidade principal do reino oriental dos Francos, nem o movimento das grandes feiras, que lá se realisam, tão concorridas de toda a Europa, o distrahiu.

Foi tambem a Treves, e espantou-se da quantidade de peregrinos que iam contemplar a *Santa Tunica*, levada para alli, segundo a lenda, pela imperatriz Helena. E refez na sua imaginação o antigo amphiteatro, onde cabiam sessenta mil espectadores, e onde Constantino, só n'um dia, fez lacerar pelos animaes ferozes uma população inteira de Francos, junctamente com os proprios reis.

Em Munster, viu ainda, na torre inclinada de uma das suas egrejas ogivaes, suspensas, para testemunho da atrocidade dos antigos senhores, as tres gaiolas de ferro em que o

bispo fez encerrar o anabaptista João de Leyde e os seus dois companheiros; e, depois d'isso, estando ainda vivos, lhes fez arrancar a carne com pinças ardentes.

Desejou contemplar de perto os grandes portos da liga hanseatica, Bremen, Hamburgo e Lubeck.

Em Bremen, lembrou-se de que foram tres cavalleiros d'essa cidade, com dois de Lubeck, que, em 1119, fundaram a Ordem Teutonica, em S. João d'Acre; que foi tambem em Bremen que nasceu o segundo mestre d'essa ordem, Othon Largen; e logo que Frederico I concedeu a essa cidade uma carta de muitos privilegios, ella marchou rapidamente no caminho do progresso.

Quanto a Hamburgo, lembrou-se de que esta cidade foi fundada por Carlos Magno sobre o Alster, affluente do Elba, e que, já no seculo XII, na formação d'aquella liga, constituiu a grande metropole do commercio allemão. Em todo o caso, na edade média, não tinha a enorme importancia que depois tomou; porque estava separada do Elba por uma série de pantanos — os pantanos de Brook. Só no

seculo XVI, e depois que, por meio de grandes trabalhos hydraulicos, o leito d'esse rio foi prolongado até junto da cidade, é que ella se tornou a principal do Hannover e uma das maiores da Allemanha.

Em 1842, soffreu um incendio enorme; e Daniel pasmou como tão depressa resurgiu das cinzas fumegantes, a ponto de se tornar uma cidade tão poderosa, e com ruas tão largas e espaçosas, bordadas de casas magnificas, que não ficavam inferiores aos melhores bairros de Londres e de Paris.

Quanto a Lubeck — essa capital da mesma liga, já existia uma outra cidade do mesmo nome, em 1143, que foi destruida pelos piratas. Mas, em 1144, Adolpho de Shauenburgo lançou os fundamentos da nova cidade, e Henrique de Leão tomou-a, como estancia de recreio, debaixo da sua protecção. Tendo Vineta caido, em 1177, sob os golpes dos Dinamarquezes, Lubeck herdou um grande quinhão do seu commercio. Pela carta que Frederico I lhe concedeu, em 1181, alargou-se ainda muito mais a base da sua fortuna. Em 1203, passou para o dominio da Dinamarca; mas, em 1226, sacudiu

esse dominio, e foi proclamada, sob Frederico II, como cidade livre do imperio, excedendo então as outras da Allemanha em riqueza e magnificencia. Tudo isto atravessou rapidamente a memoria de Daniel.

Foi vêr Berlim, e admirou a boa situação d'essa cidade, e a regularidade, belleza e grandeza d'ella. Mas não eram as capitaes que melhor se davam com o estado da sua alma.

Na Baviera, visitou Nuremberg, e Augsburgo — a antiga séde dos grandes banqueiros Welsers e Fuggers, que até fizeram emprestimos a muitos dos soberanos da Europa, como a Maximiliano I, Carlos V, Henrique VIII e Eduardo VI de Inglaterra.

Visitou egualmente Ratisbonna, e chamou-lhe, sobretudo, a attenção o templo de Walhalla, a oito kilometros da cidade, que domina a planicie, onde o Danubio prolonga a perder de vista as sinuosidades do seu curso; porque, esse templo, ao mesmo tempo que foi um dos Pantheons da Allemanha, representa na mythologia scandinava o Elyseu da mythologia grega. Era lá que, segundo essa mythologia scandinava, os heroes recebidos por Osiris

gosavam das celestes delicias. E, n'esse Pantheon, contemplou e admirou com os olhos de historiador os bustos de Arminius, Marobod, Civilis, Alarico, Ataulfo, Odoacro, Theodorico, Alboin, Genserico, Eginhard, Raban, Maur, Hrosvitha, Santa Izabel da Hungria, e de outras notabilidades.

Esteve na estancia balnear de Baden-Baden, na Floresta Negra, que é, sem duvida, de todas as estancias de banhos, uma das primeiras, pela belleza da situação e distracções da vida. Mas o ruido de tantos banhistas, o cosmorama de tão diversos typos, a confusão de tantas linguas, o estrepito de tanto movimento, e o ecco de tantas alegrias e de tantos prazeres, vinham rebater-se dentro da sua alma, como as blasfemias da sua tristeza.

Retirou-se, por isso, depressa de lá, e percorreu, no ducado de Baden, os sitios que lhe podiam despertar as recordações historicas do passado. Foi, assim, que desejou vêr na aldeia de Sarsbach o obelisco de granito que designa o logar onde caiu Turenne, em 1675; e foi vêr tambem a cidade fortificada de Rastadt, onde a paz de 1714 foi assignada pelo marechal de

Villars e pelo principe Eugenio; e onde se realisou o congresso de 1713 a 1714, que poz termo á guerra da successão de Hespanha, e ainda um outro congresso, durante as guerras da revolução, em 1797 e 1798.

Demorou-se em Heidelberg, que tem a pretensão de ser a mais linda cidade da Allemanha; e, realmente, ha poucas, fóra dos valles alpinos, que possam comparar-se com ella. Mas, além da sua belleza, Heidelberg é uma cidade de sciencia; e, entre os estrangeiros que a visitam, muitos lá ficam, por causa dos seus recursos scientificos. A Universidade, chamada *Ruperto-Carolina*, do nome do principe que a fundou, em 1386, é uma das mais frequentadas da Allemanha, sobretudo, quanto á jurisprudencia, e aquella que recebe maior numero de estudantes estrangeiros. Ora esse caracter estudioso, e, portanto, relativamente recolhido, quadrava-se melhor com o espirito de Daniel.

Ao passar por Friburgo (Freiburgo), lembrou-se de que, no começo do seculo XIV, ahi viveu o monge Barthold Schwarz, a quem se attribue a invenção da polvora.

Os monumentos historicos de Constança, que tantos forasteiros teem attraido, egualmente o chamaram para lá.

Quiz vêr a sala do concilio onde se celebraram, em 1414 e 1418, as sessões ordinarias; a cathedral onde João Huss foi condemnado a morrer queimado; e o bloco de pedra, onde se accenderam as fogueiras d'essa morte e da morte de Jeronymo de Praga.

Estonteado com tanta coisa maravilhosa que tinha visto e recordado, mas sempre opprimido pelo estado do seu coração e do seu espirito, partiu da Allemanha directamente para a Italia. Contava elle que, pelo menos, o ceu azul e as paysagens sublimes da peninsula o poderiam desanuviar.

X

Na Italia, desembarcou em Milão, essa cidade que, na meia edade, era chamada a segunda Roma, e que, sob todos os pontos de vista, é uma das capitaes da peninsula. Pela população, comprehendendo os arrabaldes, só

é inferior a Napoles. Pelo commercio, apenas cede a Genova. Pela industria, eguala essas duas cidades; e, pelo seu movimento scientifico e litterario, é a primeira de todas, entre os Alpes e a Sicilia. Mas, apesar d'isso, Daniel mais se encantou com as duas ilhas Borromeas — Isola Bella e Isola Madre, situadas na parte italiana do lago Maior, que elle foi visitar, e cuja paysagem mais se apropriava ao estado da sua alma.

Na primeira, os seus dois terraços, que formam uma arquitectura magica de terra e vegetação, com os seus bosques de laranjeiras, magnolias e outras plantas exoticas e perfumadas, e com toda a pompa sem rival da natureza, fermentando-lhe todas as suggestões de um encantamento indefinido, parecia que elevavam o espirito de Daniel a um mundo phantastico de paz e de harmonia.

A Isola Madre não representava um jardim de Armida, como aquella outra. Tudo lá era solitario e silencioso. Mas tambem a vegetação se desinvolvia sem obstaculo. O pinheiro do norte, ao pé do carvalho verde, a palmeira, junto do cedro, a romanzeira, a canna de assu-

car, o arbusto de chá e a figueira da India, espalhados abundantemente, com a concorrencia de muitas outras arvores e plantas, e tudo isso, contrastando com o recolhimento da solidão, enchiam de saudoso enlêvo o coração do triste viajante.

Passou por Verona, só para vêr os tumulos de Romeu e Julieta.

Seguiu depois para Veneza, e ahi recordou rapidamente como esta cidade fôra fundada pelos Venetos, e como, durante a invasão dos Barbaros e das guerras que, então, assolavam a Europa, ella serviu de defeza dos seus habitantes, e até de refugio de muitos foragidos, que lá se acolhiam, pela admiravel situação defensiva que resultava das lagunas que a rodeavam. Recordou tambem como cresceu progressivamente, a ponto de enviar expedições mercantis ou militares a todas as praças do Mediterraneo, e até ao proprio Mar Negro, para fundar escriptorios de commercio ou estações de guerra; e como, depois de varias luctas, sustentadas com o mais ardente patriotismo, se tornou a mais poderosa republica da Europa.

O governo sombrio e despotico dos doges, com o *grande conselho* de quatrocentos e oitenta cidadãos, com o *pequeno conselho*, composto de seis membros, com o tribunal dos *dez*, e com o systema de mysterios e denuncias, passou tambem na mente de Daniel, com todo o horror que elle sentia por qualquer tyrannia. E, como exemplo da contingencia das grandezas da terra, lembrou-se egualmente de que a abertura do novo caminho da India, descoberto por Vasco da Gama, desviando para o Oceano Atlantico a corrente commercial do Mediterraneo, ao passo que o poder crescente dos Turcos limitava os mercados pelo lado do oriente, fez decair rapidamente essa republica.

N'esta disposição, começou por subir ao campanario de S. Marcos, para d'ali contemplar no seu conjunto a paysagem da cidade e seus arredores; e ficou verdadeiramente assombrado da phantasia maravilhosa d'essa vista.

Passou em Ravenna, hoje tão decaida, e que foi a antiga Roma de Honorio e de Teodorico o Godo, escolhida até por este para capi-

tal do imperio, por causa das difficuldades do seu accesso pantanoso; e que os exarchas da Italia encheram de bellos edificios bysantinos, tão curiosos, e mesmo unicos na historia da arte italiana, pelo seu estylo architectonico e seus mozaicos.

Em Florença, já dominada pelos antigos *Florença a Bella*, e considerada como a Athenas da Italia, pelo seu desinvolvimento scientifico e litterario, Daniel recordou que o dialecto d'essa cidade se tornou a lingua universal da Italia; que os Vandalos a invadiram e saquearam, em 1084; e que todas as guerras da meia edade, acompanhadas de saque e de incendio, lhe deixaram muitas ruinas. Mas, ainda assim, viu que os monumentos que ella continha eram grandiosos.

Para despertar a attenção de Daniel, bastava saber que Florença foi o berço de uma grande pleiada de homens illustres, como Giotto, Orgagna, Masaccio, Miguel-Angelo, Leonardo de Vinci, Andrea del Sarto, Bruneleschi, Dante, Savanarola, Galileu, Machiavel, Americo Vespucio, e de outros grandes genios.

A recordação de Dante fez-lhe lembrar os versos d'elle, tão apropriados á sua propria situação:

> ... Nessun maggior dolore
> Che ricordar-se del tempo felice,
> Nella miseria.

E o que muito encantou Daniel foram os formosos passeios ao longo do Arno, a encantadora collina de San Miniato, e o promontorio pittoresco do *Bello Sguardo*, onde se agrupam as *villas* e habitações da antiga *Fiosele* dos Etruscos.

Antes de entrar em Roma, recompoz, n'uma breve synthese, a historia d'essa cidade. Como ella foi constituida por uma população de agricultores, rachadores de lenha, e aventureiros, refugiados dos povos vizinhos, que, por isso mesmo, traziam o germen do trabalho, da audacia e da lucta. E como, depois da historia lendaria, ou, pelo menos, escurecida da realeza, a republica se robusteceu cada vez mais na energia e patriotismo dos cidadãos e na pureza dos costumes, até á conquista da Italia, que levou quinhentos annos, e á qual se seguiu

a conquista da Macedonia, da Grecia, da Africa, da Hespanha, do sul da Gallia, da Illyria, do Epiro, da Asia Menor, do Egypto e da Syria. E, em todas essas guerras, Daniel frizou, principalmente, as luctas de Carthago e a figura homerica de Annibal, que, segundo Napoleão I, foi o maior general dos tempos antigos.

Recordou tambem como, durante esse longo periodo, a plebe luctou quasi sempre contra a prepotencia dos patricios; e como essa lucta importou comsigo o sonho socialista da divisão da propriedade, tão preconisada e defendida pelos dois Gracchos, a ponto de fomentarem e dirigirem a revolução agraria, de que foram victimas; como o rebaixamento dos costumes, a degeneração do patriotismo, a desordem d'essas luctas populares, e a vasante que a dissolução do civismo abre sempre ás ambições e á cubiça do mando, trouxe á superficie as ditaduras do Mario e Sylla e a de Cesar e Pompeu, com todo o seu cortejo de tyrannias e crueldades; e como as visões idealistas de Cassio e Bruto, tentaram ainda refazer a republica sobre o estrado enlodaçado e sangrento do despotismo.

Analysou novamente no seu espirito as figuras de Cesar e de Augusto, que, a golpes de um camartello de ferro, trataram de nivelar as classes, elevando a plebe até á propria graduação do senado; e como, em todo o caso, estabeleceram a paz e segurança publica.

Depois, passou-lhe diante, como n'uma orgia de sangue, devassidão, atrocidade e loucura, a serie de imperadores, ou idiotas ou crueis, intercallada apenas pelo resplendor de um ou outro governante excepcional, até que a avalanche dos Barbaros, como o azorrague da propria Providencia, rasgou em pedaços esse colosso combalido.

Finalmente, cairam-lhe no peito as lagrimas de tantos martyres que serviram de archote ás festas pagans da tyrannia ou de gaudio aos espectaculos do Colyseu, e foram alimento das proprias feras, ou ficaram sepultados nas catacumbas; mas cuja fé e cujo martyrio foi corroendo as algemas dos escravos, redimindo o servilismo da mulher, e enxugando as lagrimas dos desgraçados, até criar o eterno sol de uma nova civilisação.

N'esta disposição, começou por visitar o Pantheon de Agrippa, que, tendo sido incendiado no tempo de Tito, foi depois restaurado por Trajano e enriquecido por Antonino Pio, por Septimo Severo, e por Caracala, até que, em 609, o papa Bonifacio IV fez trasladar das catacumbas para lá as reliquias dos martyres, e o consagrou então ao culto de Santa Maria: culto esse que, dois seculos depois, Gregorio IV tornou extensivo a toda a santidade. De modo que o Pantheon de todos os Deuses foi, assim, transformado no Pantheon de todos os santos. E, a par de tantas reliquias do christianismo, ahi repousam tambem as cinzas de Rafael e de outros vultos notaveis.

Admirou a egreja de Santa Maria — Sopra-Minerva, assim chamada do antigo templo d'essa deusa, levantado por Domiciano.

Recompoz na sua imaginação as thermas de Diocleciano, as mais assombrosas que teem existido, em que trabalharam quarenta mil christãos, condemnados á morte, e que foram transformadas por Miguel Angelo na egreja de Santa-Maria-*degli Angele*. E, ao visitar a egreja de S. Pietro in Carcere ou in Vincoli,

em que se transformou o Carcere Mamertino, lembrou-se que n'este carcere se suicidou Appio Claudio; que ahi morreu de fome o numida Jugurtha; que lá foram immolados ás mãos de Cicero os cumplices de Catilina; que ahi foi estrangulado por ordem de Tiberio o seu valido Sejano; e que lá estiveram tambem encerrados S. Pedro e S. Paulo.

Admirou o castello de Santo Angelo, em que se tornou o mausoleu de Adriano.

Ao contemplar as ruinas do Colyseu, mandado construir por Vespasiano e concluido por seu filho Tito, e onde cabiam cem mil espectadores, pasmou novamente de que a atrocidade dos imperadores e a desgraça dos moribundos fosse até á comedia horrorosa d'estes clamores:

Ave, Cesar, morituri te salutant!

Mas de tudo, o que mais o comoveu, foram as catacumbas, onde os christãos se refugiaram, e onde as lagrimas e preces de tantos infelizes puderam atravessar a crôsta d'esses subterraneos, para espalharem na superficie

da terra uma nova doutrina de amor e caridade.

Os Romanos tinham um grande respeito pelos tumulos; e, por isso, deixaram que os christãos abrissem livremente essas catacumbas, como crypta dos seus enterramentos. Foram ellas depois entulhadas, na invasão dos Barbaros, o que as salvou do devastamento e destroços que soffreram os monumentos da superficie; e ficaram, assim, intactos com as suas inscripções, os baixos relevos e pinturas, até o tempo da sua lavagem e desobstrucção, que principiou no seculo XVI.

Em Napoles, Daniel ficou extasiado do panorama que se observa das alturas do Capodimonte e de todas as outras collinas, cobertas de bosques, em redor da cidade. As ilhas dispersas, de contôrno variado, que se adiantam ao longo das aguas azues; as *villas* que se alongam tambem na base da collina verdejante; ao longe, o mar, como feudatario enorme de tanta belleza, e os navios que bordejavam n'elle como grandes aves, planando no azul; e, finalmente, o conjunto d'essa grande bahia que os Gregos chamavam *cratera* ou

taça: tudo isso formava uma vista deslumbrante. E o fumo do Vesuvio, pardo de dia e rubro de noite, ajuntava um toque picante a semelhante quadro.

Foi visitar as ruinas de Herculanum e Pompeia, que representam um contraste emocionante entre a vida e a morte de uma população inteira.

Quiz vêr a ilha de Capri, tão cheia de recordações historicas. Os seus dois immensos blocos de rocha, ligados entre si por uma longa collina, coberta de vegetação e semeada de casas brancas, estavam, então, banhados pelos raios do sol, que uniam, na intensidade da sua harmonia luminosa, o azul profundo do mar com o tom pardacento da penedia e com a triste sombra das arvores vegetaes. E pareceu a Daniel que esses raios de sol allumiavam tambem as paginas historicas d'essa ilha. Augusto ahi habitou, no fim da sua vida, e n'ella edificou palacios, que, engrandecidos por Tiberio, se tornaram o covil da tyrannia d'este imperador, das suas crueldades e da sua devassidão. Das doze *villas* que elle tinha dedicado aos doze deuses, e que o senado fez arrazar

depois da sua morte, só restavam enormes obstrucções, conhecidas pelos insulares com o nome de *Palazzo de Tiberio.* Mas lá estava ainda a plataforma chamada o *Salto de Tiberio,* constituida por um enorme rochedo, talhado naturalmente a pique, d'onde, segundo Suetonio, depois de longos e requintados tormentos, elle fazia saltar ao mar, mesmo na sua presença, as proprias victimas. Era o despotismo nefando dos Cesares que se levantava horroroso diante de Daniel; e a sua alma bondosa tremia ainda de horror, ao lembrar-se de tantas crueldades.

A Grande Grecia attraiu tambem a attenção do viajante. Sabia pela historia que, do VII ao V seculo antes de Christo, entretanto que Roma nascente disputava ainda aos Latinos e Sabinos o territorio vizinho dos seus muros, colonias gregas, vindas das praias do mar Egeu, tinham trazido ás costas da Italia meridional a lingua e as artes do seu paiz. As cidades mais florescentes escalonavam-se no sul, ao longo do golfo de Tarento; e, por isso, toda a região tomou o nome de *Grande Grecia.* Nada restava já das bellas e poderosas cidades

d'outr'ora, como Heraclea Sybaris, Crotona e Metaponto; e mesmo a nova cidade de Tarento não conservava um só panno dos muros da primitiva.

O paiz era ainda pouco visitado; porque a febre e a malazzia, que ahi reinava em todas as estações, e o medo dos ladrões da Calabria, que infestavam a região, afugentavam os viajantes. Mas, por isso mesmo, e porque Daniel só procurava o que mais estranho fosse, e mais sensações lhe pudesse causar, é que elle quiz visitar esta parte da Italia. No mesmo intento, quiz tambem ir á Sicilia vêr o Etna, que era menos conhecido e visitado que o Vesuvio.

A tres mil metros de elevação, a casa dos Inglezes—*Casa degli Inglezi*, restaurada e engrandecida pelos cuidados do club alpino italiano, offereceu-lhe descanço e abrigo; e d'ahi pôde elle observar as differentes zonas do vulcão. Na sua frente, sobresaía o grande cabeço, listrado, aqui e acolá, de avalanches pardas, onde a cinza se misturava com a neve. Da bocca enorme da cratera, uma columna de vapores, rodeada na base d'uma grinalda de fumo transparente, se torcia em largas volutas

de contornos doirados, e subia torneando-se até ás nuvens. O vulcão estava silencioso; mas esse mesmo silencio tornava o turbilhão de vapores ainda mais imponente; e Daniel contemplava com profunda emoção essa montanha, que os antigos figuraram como *o fecho da terra e o pilar do céo.*

Na extremidade oriental do plató chamado *Piano del Lago*, um longo espigão indicava o rebôrdo do precipicio, chamado *Val del Bove.* Para poder vêr este precipicio — uma das maravilhas do Etna, teve elle de obliquar á direita e contornar pelo norte a base da *Montagnuola*, grande cone de erupção; e approximou-se com uma especie de horror do tremendo abysmo. Viu, então, uma vasta planicie de lavas estender-se a mais de mil metros de profundidade, semelhante a um fragmento de um outro planeta. Em redor de Daniel, a zona polar com as suas neves e os seus gelos; na parte inferior, abaixo do talude das avalanches, que se tinha aluido do plató, a região de fogo, com as suas crateras de cinzas, sua corrente de materias fundidas e seus montões de escorias. E, do alto da escarpa, a vista descia até ás proprias entra-

nhas da terra, e podia-se até facilmente estudar a architectura inteira do vulcão, seguindo com os olhos, nas paredes do amphitheatro, as camadas sobrepostas das lavas e os muros de trachyte ou basalto, injectados nas fendas.

Era um quadro de horror, que, por assim dizer, tinha escripta a maldição eterna. E Daniel retirou-se com o coração, ainda mais dorido, do que anteriormente levava.

XI

Não quiz voltar a Portugal, sem vêr a Grecia. Tinha no pensamento os seus antigos heroes, as suas artes, as suas cidades, os seus monumentos e a sua antiga belleza e fertilidade. Mas, quando percorreu uma parte d'ella, ficou desolado.

A Grecia perdera a abundancia da agua, a verdura e a vegetação das montanhas, que tinha tido outr'ora. As chuvas torrenciaes haviam-lhe roubado a propria terra vegetal, e mesmo as hervas odoriferas, tão abundantes noutros tempos, tinham sido roidas pelas cabras. Não era

mais do que um esqueleto do que fôra antigamente; e quasi que só nas montanhas do interior do paiz e do littoral jonio é que existiam ainda florestas.

Em Athenas, visitou e admirou o templo do Parthénon, que, embora destroçado pelo veneziano Morosini, e despojado depois das suas mais bellas esculpturas, ainda assim, por sua belleza pura e simples, que se harmonisa tanto com a sobriedade da natureza que o rodeia, constitue a primeira de todas as obras primas da architectura.

Viu o templo de Theseu, que fica fóra da cidade, e que é o edificio mais bem conservado que resta da antiguidade grega. Perto do Illissus, um grupo de columnas recordou a Daniel a magnificencia do templo de Jupiter Olympico, que os Athenienses levaram setecentos annos a construir.

Em muitos outros logares de Athenas, encontrou e admirou restos notaveis; tanto mais interessantes que se lhe ligavam as recordações de homens illustres. Por exemplo, sobre este rochedo funccionou o areopago que condemnou Socrates. D'essa tribuna de pedra

fallava Demosthenes. N'aquelle jardim, é que Platão ensinava os seus discipulos.

Foi tambem visitar a cidade d'Eleusis, onde se celebravam os mysterios de Ceres. E esteve no valle de Sparta, valle encantador e fecundo, atravessado por lindos regatos, que leva ao Eurotas as aguas das neves e das fontes do Taygeta. Estava coberto de florestas de amoreiras, oliveiras, laranjeiras, na extensão de uma legua de comprimento e de seis de largura, mas já sem sombras da antiga cidade que ahi existiu. Em vez d'ella, existia a cidade de Eparsa.

E, em tudo isto, a sua alma de viajante ainda mais se entristeceu com a ruina e desolação geral do paiz; e o seu pensamento mais fugiu para a sua terra natal.

XII

Quando Daniel chegou á fronteira de Portugal, e entrou no paiz, pela Barca d'Alva, comprehendeu bem a ancia, o prazer e o arre-

batamento, com que o desterrado volta á sua patria.

O ceu brilhava n'uma côr mais viva e mais azul, e parecia-lhe que a imagem de seus fallecidos paes se reflectia n'esse espelho da Providencia. A aragem cantava-lhe em redor os hymnos da saudade, figurando até que lhe trazia a saudação de todos os seus amigos e de todos os seus conhecidos. O rio Douro, com a sua areia doirada, sorria-lhe como um companheiro que o esperasse, cheio de alegria, para o acompanhar até o Porto. As arvores e as vinhas, então carregadas de fructo, representavam-lhe as grinaldas de uma festa perenne, com que a natureza o enfeitiçava. O proprio canto das aves entrava-lhe no coração, como a orchestra de uma festa universal. As vozes que fallavam a sua lingua, soavam-lhe, como se fosse a musica suave do amor e sentimento. Phantasiava mesmo que toda a gente que o via, o cumprimentava, e o desejava abraçar, n'uma effusão de sympathia. Um pantheismo ignoto, como filtro magico da criação, o identificava com a propria terra, e o elevava ao proprio firmamento. E, na amplitude

e transfiguração de si mesmo, o solo da patria em que nascera, cabia-lhe inteiro no coração.

Esta suggestão levou-o, n'um engôdo mysterioso até Lisboa.

As quebradas do Douro, com a opulencia dos seus vinhedos, tão festivos como um sorriso da propria terra; a paysagem da Regoa e de Jugueiros e lugares circumjacentes até á Rêde, como uma selecção monstruaria das galas da natureza; o aspecto pedregoso e rude do rio até Mosteirô, com as margens erriçadas de rochas e as encostas cobertas de vegetação agreste, a contrastar com a amenidade da paysagem anterior; a vegetação uberrima, desde Mostèirô até o Porto, como o primeiro annuncio dos encantamentos do Minho; a vida de trabalho, industria e commercio d'essa cidade, como um novo enorme Titan da fabula, que tentasse construir, pelos volantes das fabricas e pela bigorna das officinas, um novo alicerce do mundo; o aspecto de Aveiro, que lhe fazia lembrar Veneza; a vista de Coimbra, onde tinham corrido os annos mais felizes da sua vida, onde o seu coração respirara, nas brizas do Mondego, os proprios ais de D. Ignez de

Castro, como suggestão phantastica do amor e da paixão; e onde a sua alma se abrira, tantas vezes, aos quatro ventos do destino, no sonho de um ideal, que, á imitação d'escada de Israel, o transportasse da terra ao céo; sim, a vista de Coimbra, com os seus salgueiraes, com a sua ponte, com o seu casario, coroado pela torre da Universidade, com essa companheira alegre do Mondego, que se chama a estrada da Beira; com as recordações do Penedo da Saudade, do Penedo da Meditação, da Lapa de Esteios e da Fonte das Lagrimas, onde tambem tantos dramas de amor se forjaram, e tantas anciedades ou gemidos d'alma ficaram collados, para depois se transformarem nos eccos suggestivos da ternura e do sentimento; e, no fim da viagem, a contemplação do Tejo, que, nos accidentes da sua corrente, ora tumultuosa, ora serena e placida, muitas vezes, acompanhou os erros turbulentos d'elle Daniel, ou os reflexos da sua dôr e do seu pesar: tudo isto o lançou n'uma especie d'allucinação, que o fez esquecer da realidade da vida, e o transportou a um supposto mundo de arrebatamento e phantasia.

XIII

Bem apparecido sejas, meu amigo, disse Alberto Durão, ao abraçar Daniel, quando este passava no Chiado. Vens com bôa apparencia da tua viagem. E, como passaste por lá?

—Felizmente, gozei sempre bôa saude; porém, meu amigo, distraí-me pouco. Mesmo, quando visitava as mais bellas cidades, ou contemplava os mais agradaveis monumentos e as mais agradaveis paysagens, parecia-me que a vista se desviava para este nosso Portugal. Olha, Alberto, a saudade da patria e a nostalgia do nosso lar é um veneno que nos corroe lentamente, lá por fóra.

—E diz-me uma coisa. Ainda vens macambusio, como estavas nos ultimos tempos?

—Macambusio, não. A minha alma, essa abriu-se mais com tudo o que vi e apreciei; mas a ti, que és meu amigo verdadeiro, não tenho pejo de confessar que o meu coração entristeceu-se continuadamente. Que queres, a

desgraçada scena com a Noemia foi *uma tunica de Nesso*, que me faz sempre doer.

—Foi, realmente, uma brincadeira de mau gôsto. Eu mesmo, que fui dos que apostei comtigo, reconheço que todos nós andámos imprudentemente. E isso me serviu tambem de lição, para entrar n'uma vida mais séria. Mas, em todo o caso, intendo que nenhum de nós, e por isso tambem tu, deve dar mais importancia a tal incidente do que a uma simples brincadeira de rapazes, de que nos devemos arrepender. Demais, o modo cavalheiroso como tu procedeste no teu julgamento, apagou as sombras de toda a culpa. Eu sei mesmo que o proprio pae e irmão de Noemia louvaram esse teu procedimento no tribunal.

—E ella, perguntou Daniel, com anciedade?

—Eu não sei. Mas, se queres experimentar o modo como olhará para ti, ha um meio facil. A minha familia dá no dia de S. Miguel um baile, para festejar a maioridade de minha irmã. A familia Ribaldar, que se acha em Lisboa, com a qual muito nos relacionámos ultimamente, e nem sequer desconfia que tambem fui um dos que fiz a aposta, será convi-

dada; e, naturalmente, acceitará o convite. Eu, desde já, te convido tambem; e meu pae confirmará esta minha iniciativa. Por isso, vai tambem ao baile, e terás, então, occasião de vêr Noemia e de estudares ou adivinhares os humores com que ella estará para comtigo.

—Obrigado, pelo teu convite. Provavelmente, não acceitarei; porque, francamente o digo, tenho até vergonha d'ella.

—Pois olha, estas coisas do coração, se é que o teu coração palpita por Noemia, curam-se, na phrase vulgar, *com o pêllo do mesmo cão.* Tens vergonha d'ella? Cura essa vergonha, vendo-a e tratando de lhe fallar. Lá te espero; e dá cá outro abraço, porque tenho que fazer.

XIV

Daniel recebeu, effectivamente, do pae de Alberto Durão o convite formal para o baile, e levou muitas horas a pensar comsigo no que devia fazer.

—A sua paixão era como um pyrilampo, que reluzia no abysmo do coração, por entre as trevas do seu arrependimento. Se o tirassem de lá, certamente, perderia a luz, na claridade da sua affronta; e bem sabia, como, regra geral, a mulher honesta é reservada, e não perdôa nunca os ultrages á sua dignidade. Por isso, pensava tambem, quem fez o mal, devia ter a coragem da respectiva responsabilidade; e, no caso presente, essa responsabilidade consistia em não ultrajar outra vez, com qualquer impertinencia ou qualquer pretendido accesso, aquella que tinha offendido. Tudo se podia vencer com esfôrço; e, assim, tambem toda a paixão podia recalcar-se ou esmagar-se, mesmo á custa do sangue do peito, como se recalcam ou esmagam as ortigas e as silvas, para que as suas folhas ou espinhos não mordam ou dilacerem a carne. Demais, o tempo, o grande medico da humanidade, tudo cura. E, quando o sepulchro estivesse de bocca aberta á espera da victima, o esquecimento da eternidade podia ser um remedio.

Mas estes raciocinios alternavam-se com a fraqueza do coração. Amava; e, desgraçada-

mente, o amor domina quasi sempre a coragem, e perverte a reflexão e o sentimento. Via sempre uma tulipa rubra que lhe incendiava o olhar, e sentia uma magnolia interior que lhe embriagava todo o sêr, n'um misto de extase e de encanto, de anciedade e beatitude. Tudo se aplacaria talvez, se ouvisse de Noemia a palavra *perdão*, para que, ao menos, na contricção plena do seu desvario, sentisse a consciencia resfolgar livremente. Depois, a palavra *perdão* trás, como o oleo de Deus, a uncção da piedade; e a piedade espalha até rosas no caminho dos proprios criminosos.

E, de suggestão em suggestão, Daniel ia-se elevando a uma especie de paraiso ideal, onde podia contemplar ternamente, e sem ser odiado ou aborrecido, a imagem de Noemia.

Este fluxo e refluxo, contradictorio e permanente, volteou, tantas e tantas vezes, na mente d'elle que a sua fraqueza pôde mais que a frieza do raciocinio, e resolveu ir ao baile. Ao menos, queria vêr Noemia, afagar os olhos na belleza d'ella, e sublimar a alma na castidade e no enlêvo da sua figura.

XV

Quando Daniel entrou no salão, dançava-se já animadamente. O resplendor das luzes, a harmonia da orchestra, a collecção especial de flores, que enfeitavam todo o espaço, e o deslumbramento das *toilettes*; os pares valsantes, que passavam como sylphides, no horizonte do mesmo salão; a formosura das mulheres, que voavam como rosas soltas, nos accidentes da dança; e, finalmente, a animação d'esse pequeno mundo, formado de anceios, de paixões e palpitações de amor, e onde, em geral, o coração, como o centro de Galileu, era o sol que dominava todos os movimentos: absorveram-n'o por minutos na contemplação d'essa região de fadas.

Lá estava Noemia, tão formosa como a tinha conhecido, tão pura como, tantas vezes, a sonhara, e tão radiosa e deslumbrante como o ardor da sua paixão a desejava. Dançava tambem. No alinhamento elegante e senhoril do seu busto, na cadencia musical dos seus movi-

mentos, no fulgor tão meigo e sereno dos seus olhos, na compostura angelica da sua fronte e do seu cabello, era a mesma criatura, immaculada e dôce, que elle tinha na sua alma desvairada. E uma attracção louca e cega, como a fatalidade superior do seu destino, o arrastava para ella. Fosse o que fosse, mesmo que Noemia o repellisse como um villão, queria ser-lhe apresentado, a vêr se conseguia que ella lhe desse a honra de uma contradança, para poder, humilde e respeitosamente, pedir-lhe outra vez perdão. Dentro do peito, roia-lhe o cancro de uma anciedade tacita. Precisava de um balsamo; e esse balsamo só podia encontral-o no perdão de Noemia.

Resolveu, por isso, pedir a Alberto Durão que o apresentasse, afim d'elle Daniel poder solicitar aquella honra.

Assim, passado algum tempo, e quando Noemia tinha já descançado da valsa que acabara de dançar, disse-lhe aquelle:

—Senhora D. Noemia, tenho a honra de lhe apresentar o meu intimo amigo dr. Daniel d'Avellar, que pretende pedir a v. ex.ª o favor de uma contradança.

Daniel d'Avellar estava curvado diante d'ella; e, no seu rosto, passava um oceano agitado de impressões: o extase diante de tão extraordinaria belleza; a contricção da sua falta passada; a esperança do perdão de Noemia; e a apparente situação de respeito e veneração de um cavalheiro delicado.

Noemia contemplou-o rapidamente; e, n'um relampago fugaz, comprehendeu que, depois do que tinha havido entre ambos, o ter elle querido ser-lhe apresentado, revelava que alguma mudança extraordinaria tinha havido, ou no seu caracter ou no seu sentimento. Ouvira dizer que, após o julgamento criminal, Daniel mudara de procedimento, e uma sua amiga lhe segredou que elle ficara apaixonado por ella. Apesar de não acreditar em semelhante paixão, e suppor apenas que um estroina d'aquella força, embora estivesse alguma coisa regenerado, o mais que poderia sentir, era uma attracção superficial, tinha sempre candentes na face os labios de Daniel, como se fosse um estigma de maldição; e esse estigma levava-lhe ao peito o pús d'aquelle ultrage. Não podia perdoar; e, portanto, sem mesmo dar azos a qualquer

explicação, ou a qualquer pedido do apresentado, disse para o apresentante:

—Desculpe-me, senhor Durão, mas sinto-me agora incommodada; e, por isso, resolvi não dançar mais, nem com este senhor, nem com outro qualquer.

E, ao pronunciar essas palavras *nem com este senhor,* lançou a Daniel um olhar tão agudo e tão resentido que elle estremeceu.

Comtudo, endireitando-se algum tanto, sempre n'uma attitude humilde e respeitosa, replicou:

—Perdoe-me v. ex.ª a inconveniencia da minha pretensão; e creia que sinto profundamente qualquer *má disposição* em que v. ex.ª se encontre.

Não foi surpresa para Daniel aquelle procedimento de Noemia. Ainda lhe agradeceu intimamente o deixar ella de dançar, por causa d'elle. Ao menos, d'esse modo, não o expoz á irrisão de uma desfeita declarada. De resto, bem calculava que as feridas do resentimento de Noemia estavam ainda verdes, para poderem fechar com sutura completa. E, assim, passando ainda duas horas na sala do fumo,

a conversar com amigos antigos, retirou-se depois, sem mesmo ter visto o pae e irmão de Noemia, que estavam entretidos na sala de jogo.

XVI

A kermesse corria animada. Entre outras barracas, sobresaía uma, forrada de rosas e glycinias, onde fluctuavam balões venezianos e bonitas gaiolas, com canarios e outras aves delicadas, e onde havia leques e guardasoes: o que tudo transportava os concorrentes ao celeste imperio.

Duas formosas *geishas*, com os seus vestidos de sêda, em que os passaros e ramagens tinham sido delicadamente bordados, serviam chá e bollos aos felizes mortaes que tiravam os bilhetes premiados.

Ambas eram egualmente formosas, embora de modo differente; porque a formosura de Noemia era mais dôce e mais triste, e a da outra, mais alegre e picante. Mas o vestuario de Noemia; o penteado alto, onde dois chrisântemos a tornavam ainda mais bella; a deli-

cadeza do seu busto; a limpidez e transparencia do seu olhar; e a extrema candidez do seu rosto: parece que se apostaram a fazer d'ella, então, uma criatura, o mais deslumbrantemente possivel.

Daniel divagou descuidadamente por entre a multidão; mas, sempre que podia, lançava os olhos para essa barraca. Era uma força mais poderosa do que elle, que lhe arrastava esse olhar; e ao sentimento que o levava para Noemia, accrescia ainda um pouco de despeito, pelo procedimento que ella tivera para com elle, no baile da familia Durão.

E vão lá os philosophos explicar o coração dos homens! Esse despeito era uma especie de pimenta, que mais acirrava os seus desejos.

Depois, parece que, n'esse dia, a belleza de Noemia, o encanto do seu vestuario, a compostura do seu cabello, e mesmo a angelica doçura do seu semblante, se tinham realçado propositadamente, para actuarem n'elle com a força de uma electricidade sobrenatural.

A visão phantastica das fadas, feitas só de encanto, de luz e de ternura, passava, então, na alma de Daniel, como a allucinação febril de

uma paixão ideal. A consciencia dizia-lhe que era uma cobardia, e quasi que uma vergonha, dirigir-se á barraca de Noemia; o coração, porém, arrastava-o fatalmente. E esse teve mais força que a consciencia.

Por isso, approximando-se com o chapeu na mão, curvando-se um pouco, e da maneira a mais respeitosa e humilde que pôde tomar, disse, dirigindo-se a Noemia:

—V. ex.ª dá licença que eu tire alguns bilhetes?

Noemia fulminou-o de novo, n'um olhar vivo, incisivo, onde, como n'um relampago, reluzia ainda a chamma da indignação represada; e, desviando logo a vista, que lançou para o chão, afim de tornar mais expressivo o desprêzo, disse para a companheira:

—Clarisse, attende este senhor.

Daniel comprehendeu bem quanto resentimento havia ainda em tudo aquillo. Tirou alguns bilhetes, que pagou generosamente; e retirou-se, agradecendo.

Noemia nem sequer olhou para elle.

Reentrando na solidão do seu gabinete, Daniel chorou lagrimas seccas, porque, em-

bora lhe não apparecessem nos olhos, queimavam-lhe no coração; e fez comsigo novo exame de consciencia.

Insistir em se approximar de Noemia e obter o seu perdão, ou talvez o seu amor, era expôr-se á irrisão d'ella e praticar uma loucura. As duas tentativas tinham-no desenganado; e, por maior que fosse o amor, o seu brio e a sua dignidade diziam-lhe que era preciso rasgar em pedaços a *tunica de Nesso*, e, queimando os farrapos no holocausto da sua propria felicidade, fazer do martyrio a resurreição de um outro homem, brioso e dignificado perante a propria consciencia. Na leitura, na instrucção e na beatitude da caridade, que já exercia com tanta devoção, haveria, certamente, o refrigerio natural dos seus pesares; e, se é certo que as ruinas fallam sempre da morte, não é menos seguro que as almas tristes se identificam n'esse prenuncio dos cemiterios. Por isso, tambem elle Daniel poderia encontrar, nas ruinas do seu amor e da sua paixão, o balsamo dos tristes e o alento dos condemnados. E, fosse como fosse, embora tivesse de calcinar a vitriolo as chagas da sua

alma, havia de fazer, como os neophitos de uma outra religião interior, por substituir totalmente a adoração de Noemia por um novo culto do bem e da caridade.

XVII

—Noemia, dizia-lhe o pae, tens vinte e um annos, e eu estou velho e doente. Não queria morrer, sem te vêr casada. O dr. Antonio de Menezes veiu pedir-me a tua mão. Creio que é um casamento que te convém; e tu, a quem elle faz a côrte, deves ter avaliado o seu caracter, as suas qualidades e o amor de que elle me fallou. Não tem grande fortuna, mas pode bem adquiril-a, pela sua profissão de medico. Pensa n'esta proposta, e dá-me a resposta; na certeza que para mim será um dia de suprema felicidade aquelle em que eu te vir casada.

—Meu pae, não tenho, por emquanto, desejo de me casar. Só lembrar-me que terei de o deixar a si e a meu irmão tambem, me causa tristeza; e, se quer que lhe falle a verdade, o

coração não me attrahe para o dr. Menezes. Tenho acceitado a sua côrte, mais por delicadeza e para estudo do seu caracter, que por attracção. É certo que não antipathiso com elle; mas parece-me que para o casamento deve sentir-se mais alguma coisa.

—Olha, minha filha, se já não antipathisas com elle, tens meio caminho andado para a felicidade do teu futuro. O resto virá depois. As taes paixões com que, ordinariamente, sonham as mulheres da tua idade, não passam, em geral, de fogos fatuos, que, posteriormente, só deixam cinzas frias; emquanto que as sympathias ponderadas e a justa apreciação das qualidades do noivo, dão um resultado menos romanesco, porém, mais seguro. Acho o dr. Antonio de Menezes proprio para ti. E repito, quando te vir casada, mas sem constrangimento da tua vontade, dar-me-has um prazer que nem tu imaginas; porque estou doente e velho, e tremo da ideia de que, depois de eu morrer, ficarás sujeita ás contingencias de um mau destino.

—Eu pensarei, meu pae. Sinto, nem sei bem porquê, uma certa relutancia por esse

casamento. Confesso-lhe mesmo que, se tenho acceitado a côrte do dr. Menezes, era para vêr o que o meu coração dizia; mas, por emquanto, o meu coração não diz nada.

—Em todo o caso, precisas de olhar seriamente para o teu destino. Tens vinte e um annos. Para qualquer rapariga nas tuas condições, é a idade propria. Não quizeste corresponder ao dr. Daniel d'Avellar, que, afinal, se tornou um rapaz honesto e digno. Fez-te, é certo, um grande desacato, e, por isso, tiveste razão, para te melindrares. Eu mesmo, quando o soube, fiquei indignado, e teu irmão até fazia tenção de o desafiar para um duello. Mas o modo nobre e cavalheiroso como elle se portou no tribunal, quebrou-nos pés e mãos; e, quando nos constou que estava apaixonado por ti, e só queria obter o teu perdão, passou-nos todo o azedume. Não fallamos ainda com elle, nem o cumprimentamos; mas desde que, segundo tambem consta, se regenerou das suas estroinices, e desejava até casar comtigo, dava-te uma reparação completa; e tanto mais que é rico, e a sua situação social é egual á tua.

—É verdade isso, meu pae. Mas que quer,

aquella affronta ainda me queima na face, e é-me impossivel olhar para um homem que me offendeu por tal forma. Não tenho odio a ninguem, e Christo manda perdoar as offensas; mas isto é superior ás minhas forças. Demais a mais, independentemente de tudo, não sympathiso com elle.

—Tu lá sabes, e és tu que regulas o teu coração. Mas, voltando á pretensão do dr. Menezes, elle disse-me que um negocio urgente o chamava a Bragança, onde tem uma pequena propriedade; porque recebeu um telegramma, a dizer-lhe que o caseiro o roubara e fugira para Hespanha. Mas que antecipara o seu pedido, para nos deixar o tempo de decidirmos, attendendo a que, n'este caso tão serio, não queria resoluções precipitadas. N'isto mesmo, foi correcto.

—Pois bem, como tenho tempo de pensar e resolver, eu estudarei comigo mesma e de vagar o que devo fazer.

—Comtudo, lembra-te sempre que eu só desejo a tua felicidade, e que a tua resposta seja de harmonia com a tua vontade e com os teus sentimentos.

XVIII

Noemia tinha uma amiga intima, com a qual convivia frequentemente. Era Clarisse de Sepulveda, de quem já fallámos, filha unica da familia Sepulveda. Não tinham segredos uma para a outra, mas o genio e feição moral de ambas ellas eram muito differentes.

Noemia, sempre de uma doçura extrema e de uma alegria homogenea, mansa e regrada, e com um certo tom de piedade, era de uma naturalidade inexcedivel, em qualquer dos seus actos e das suas affeições. Podia dizer-se que era o busto da bondade angelica e da piedade sobrenatural, illuminado pela aureola sublime de enlêvo e da candura.

Clarisse, bondosa tambem, meiga e dôce, e de uma formosura tambem grande, tinha uma feição muito alegre. Gostava de brincar com a propria alegria, fazer, como vulgarmente se diz, ligeiras *partidas* de prazer, ou delicadas *arrelias* de amisade; e mesmo a sua formo-

sura reproduzia o tom picante, embora agradavel, de uma apparencia faceta.

O pae d'ella, Gustavo de Sepulveda, era muito amigo do dr. Daniel d'Avellar; porque pertenciam ambos a uma sociedade de instrucção e caridade; e, n'essa occasião, Noemia e Clarisse, achando-se ambas a sós, na sala de visitas da familia Sepulveda, estavam exactamente a fallar de Daniel.

Dizia Clarisse:

—Pois eu confesso-te francamente que me tinha até commovido com o procedimento d'elle; e, em vez de o repellir, como tens feito, e segundo eu vi na kermesse, tinha-lhe perdoado.

—Até meu pae já me disse a mesma coisa; mas ainda me queima na face a affronta do beijo. Quando o encontro, essa queimadura doe-me ainda mais. Não sei se é, por isso mesmo, que não sympathiso com a sua figura.

—Pois olha que tem uma bella presença; e para mim vale muito mais que o dr. Antonio de Menezes. Perdôa, se te melindro com isto.

—Não melindras nada; e tanto mais que eu ainda não dei resposta definitiva ao pedido

de casamento. Meu pae tem desejo que eu case com esse dr. Menezes, mas eu ainda não resolvi nada comigo mesma. Não antipathiso com elle; mas esta simples circumstancia ainda me não arrasta o coração. Até se me figuram artificiaes todas as attenções exaggeradas que tem tido comigo, e as finezas que me tem dirigido. Seja, porém, como fôr, elle está com demora em Bragança, e tenho, por isso, tempo de me estudar a mim propria.

N'isto, um criado veiu dizer a D. Clarisse que estava na sala de espera o sr. dr. Daniel, que vinha procurar o sr. Gustavo de Sepulveda.

—Diga-lhe que tenha a bondade de entrar para aqui, replicou impensadamente Clarisse, sem se lembrar da situação em que Noemia e elle ficariam.

Mas logo se riu interiormente da *partida* que lhes pregava; e, apertando carinhosamente a mão de Noemia, teve ainda tempo de lhe dizer:

—Perdôa, que foi impensadamente que o mandei entrar para aqui. E accrescentou, com o seu ar zombeteiro.—Já agora quero

vêr como se porta uma heroina ao pé d'um heroe.

O dr. Daniel, quando encarou com Noemia, estremeceu. O vulcão não estava apagado de todo. E Clarisse, ainda tambem por alegre arrelia, depois de o cumprimentar, disse para Noemia:

—Apresento-te o sr. dr. Daniel de Avellar.

O dr. Daniel curvou-se respeitosamente, e adiantou um pouco a mão direita á espera de correspondencia de Noemia; esta, porém, curvando-se tambem um pouco, e encobrindo a frieza da sua abstenção, na gravidade de um cumprimento delicado de cabeça, não correspondeu.

Um rictus de dignidade irritada passou ligeiramente nos labios d'elle, mas tão leve que, certamente, nenhuma das senhoras deu por isso. E, ainda em pé, disse para D. Clarisse:

—Eu vinha procurar o pae de v. ex.ª

—Meu pae saiu, mas disse que, se v. ex.ª viesse procural-o, como elle suppunha, tivesse a paciencia de esperar um poucochinho, porque não se demoraria.

—N'esse caso, eu vou dar um pequeno passeio, e voltarei depois.

—Essa agora?! Pois, se a demora de meu pae é insignificante, quer deixar-nos? Assim lhe mettemos medo? Accrescentou ella, com certa ironia sublinhada, que Daniel comprehendeu bem.

Sim, elle não devia ter medo de se encontrar com Noemia. O passado estava morto; e, quanto ao presente, era uma senhora *que não conhecia*.

—Tenha, pois, a bondade de se sentar, e conte-nos alguma coisa da sua viagem; porque eu já sei que v. ex.ª é um narrador de primeira ordem.

—É um favor de v. ex.ª e de algumas pessoas amigas, com quem tenho conversado. Mas creia, minha senhora, que eu não sei narrar. Quando tenho qualquer coisa no coração, occorre-me aos labios; mas isso é apenas o reflexo da consciencia, que se vem traduzir em palavras.

—Tenho ouvido fallar nos paizes que percorreu, e não sei porque não quiz vêr a Suecia e a Noruega, onde tantas coisas novas devia encontrar.

— Tem razão, minha senhora. Lá por fóra, não me attrairam, nem as grandes cidades, nem os grandes monumentos, só pelo seu aspecto material. Pelo contrario, o estado da minha alma e do meu coração fazia que eu fugisse da simples grandeza externa, para me recolher na contemplação interior da historia ou do progresso das artes e das industrias; e era nas ruinas, na solidão e n'aquellas paysagens, onde só paravam os tristes e arrependidos, que eu me comprazia.

Daniel ia-se esquecendo, sem dar por isso, de que tudo estava acabado entre elle e Noemia; e, involuntariamente, o pensamento fugia-lhe para a recordação d'esse amor, que o trouxe expatriado.

— Ora, n'esta disposição, eu devia preferir a tudo a Suecia e a Noruega. Era na frialdade dos gelos que eu deveria arrefecer o meu coração de desterrado. Era nas brumas da noite que eu devia escurecer o meu espirito contra as illusões cambiantes do mundo. Finalmente, parece-me até que os *fjords*, que rasgam as penhas das serras, devem parecer-se com as fendas escabrosas do meu destino.

—E nas outras viagens que tem feito, nunca foi á Suecia e á Noruega?

—Não, minha senhora. N'essas outras viagens, em que eu era mais novo, cheguei á Dinamarca, no destino de ir tambem á Scandinavia. Comtudo, não passei da Dinamarca. E, senhora D. Clarisse, eu sou por natureza excentrico nas minhas viagens. Por exemplo, Copenhague é uma cidade muito bella, construida de pedra e tijollos cinzentos. Perto do porto, a praça octogonal de Ameliemborg, decorada de uma estatua equestre em bronze de Frederico v, e rodeada de palacios, que são as residencias ordinarias dos reis, e estes palacios, por sua vez, rodeados de jardins, offerece uma formosa perspectiva. O palacio de Cristiansburgo, onde têm logar as reuniões officiaes dos soberanos e a reunião do parlamento, é admiravel, e encerra uma galeria de quadros preciosos, sobretudo, pelas suas telas da escola hollandeza e pela grande collecção de pinturas da escola dinamarqueza. O palacio do *Principe* possue um admiravel museu de antiguidades do norte e um excellente museu de ethnographia comparada. O castello de Rosemberg tambem con-

têm uma grande collecção de crystaes de Veneza. Tudo isso e outras maravilhas analogas é que, sobretudo, chamam os viajantes. Pois a mim detiveram-me ainda mais outras vistas, que para muitos são insignificantes. E, foi, assim, que o meu espirito se enlevou, principalmente, na extremidade da pequena ilha de Möen, onde se encontram as escarpas culminantes de todo o archipelago. Ha ahi uma collina, rodeada de pequenos lagos — a do Aborrebjerg, que se eleva á altura de cento e cincoenta metros, altura já extraordinaria para a Dinamarca; e não longe, uma rocha, abruptamente cortada, domina ainda a cem metros, ou mesmo a cento e trinta, as aguas do Baltico. Estas bruscas alturas, chamadas Möens Klint, ou penhascos de Möens, terminam acima do mar por paredes verticaes, cuja greda, listrada de camadas parallelas de silex, reflecte ás vezes os raios do sol até cincoenta kilometros; de modo que tudo isso, pela refracção d'esses raios do sol, apresenta os contornos e reflexos os mais bizarros. Pois eu perdi ahi muito tempo, absorvido nas maravilhas d'aquella perspectiva. Lembrava-me que, nas rochas e ruinas de

qualquer vida ou qualquer coração, Deus tambem podia espargir o reflexo de um sol egual, que transmudasse tudo em cataratas de esplendor. Dizem-me que, no norte, as mulheres são encantadoras, pelos seus olhos azues e pelos seus cabellos doirados. É um quadro bello da natureza, e sempre digno de se vêr; e isso me poderia levar á Scandinavia. Porém, minha senhora, accrescentou Daniel, sorrindo, as sereias do mar Thyrreno tambem tinham olhos azues, e, por causa d'ellas, morreram muitos navegantes; e, por outro lado, como disse um poeta:

> «Cabellos são como as ondas;
> «E eu sei que é perfido o mar.»

—Ha encantamentos, accrescentou, dirigindo-se para o lado de Noemia, de que é melhor fugir.

—Como andou por lá muito tempo d'esta vez, já devia ter muitas saudades de Portugal?

—Nem v. ex.ª imagina. Logo que saí da nossa patria, pareceu-me que o universo inteiro ficava para mim dentro de Lisboa, e que o proprio espaço, como acontece no crepusculo da

tarde, se ia annuviando a meus olhos. Quando cheguei á Inglaterra, e senti o plumbeo ceu d'esse paiz, a carregar-me no coração, fechava, muitas vezes, os olhos, para vêr, nas trevas da minha visão, o ceu azul da minha patria, que d'aqui me sorria, como se fosse o olhar azul de uma mulher adorada. O movimento das docas e dos canteiros, fabricas e officinas, restrugia-me no peito, como a blasphemia da minha saudade. Refugiei-me bastante tempo nos lagos de Killarney, da Irlanda, para viver sómente da minha alma, do meu pensamento e da tristeza da minha saudade.

— N'esse sentido, disse Clarisse, o senhor doutor devia achar-se bem na Italia, por ser um paiz alegre como o nosso.

— Ahi, até a propria lingua me encantava. Eu conheço os maiores poetas italianos, e sei de cór muitos tercetos de Dante. A doçura d'essa lingua, que se parece com a nossa, era já para mim um clarim que me fallava de Portugal. E, quando era maior o pêso da nostalgia ou a magua recondita da minha alma, porque, n'essa parte, nós os homens somos bem mais infelizes que as senhoras, visto que, a par das

alegrias da nossa mocidade, temos os erros cruciantes dos nossos desvarios, então, lembrava-me dos versos do Inferno:

.... Nessun maggior dolore
Che ricordar-se del tempo felice
Nella miseria...............

—Ao senhor doutor não aconteceu, certamente, como a outros viajantes que vão a Roma, e não vêem o papa.

—Felizmente que não. A egreja de S. Pedro, essa basilica na qual foi transformada a de Constantino, e que é a maior egreja do mundo, estava a trasbordar de gente, o que tornava a scena mais empolgante. Vi, então, esse velho augusto, deitando a benção a toda a multidão; e tal foi a minha impressão que se me affigurou que o mundo inteiro tremia de devoção a essa simples benção; que toda a humanidade se erguia, n'uma adoração prodigiosa; que os proprios tumulos se abriam, para receberem o baptismo de uma nova redempção; e que, finalmente, a christandade inteira subia, n'uma auréola de paz e de justiça, ao reino dos ceus.

—Disseram-me que o sr. dr. Daniel foi

tambem á Grecia? Porque se lembrou de visitar esse paiz, hoje tão decaido?

—Minha senhora. O passado attrae-me. Assim podesse eu voltar ao passado da minha vida, e fazer nova róta com a experiencia que tenho hoje, e com o arrependimento dos erros que tenho commettido. Quiz vêr esse paiz, onde as artes parece que traduziam os mais prodigiosos successos da natureza; onde a belleza pagã se representava em estatuas que, embora de marmore, fermentavam paixões delirantes, como aconteceu, por exemplo, com a Venus de Gnido, que representava a belleza de Phryné; onde o ceu figurava a tampa azul de um sacrario natural de belleza; onde a falla dos amantes era mais dôce que o mel do Hymeto, e onde a leiva do solo fermentava heroes como os de Thermopylas. Mas chorei, ao vêr a desolação de tudo aquillo. Minha senhora, não sei porque a minha alma, outr'ora tão alegre, se tem feito triste. Os meus olhos foram esconjurados, não sei por quem; e acontece, por isso, brotarem-me lagrimas a qualquer quadro ou recordação que me commova. Assim, quando vi Athenas, tão decaida e tão cheia de

ruinas, a patria gloriosa de tantos heroes e o berço sublime de tantos genios, chorei internamente, ao lembrar-me como a roda dos tempos transforma a propria natureza, e faz dos quadros alegres situações penosas, da mesma forma que muda a sorte dos corações. Mas que massador estou! Desculpem v. ex.as este massador, que só teve por intenção corresponder ás perguntas de v. ex.a, senhora D. Clarisse.

—Oh! Pelo contrario, eu é que estou encantada de o ouvir, e agradeço-lhe a sua condescendencia. Mas, já agora, não nos prive de completar as suas impressões, quanto á Grecia.

—Pouco mais tenho que dizer. Como v. ex.as sabem, na Grecia, os povos preponderantes foram os Athenienses e os Spartanos. Aquelles attendiam, sobretudo, á educação artistica e scientifica; e para elles o mundo representava o cosmorama da luz, da belleza e do amor. Os Spartanos attendiam, principalmente, á educação guerreira; e para elles o mundo representava, acima de tudo, o theatro da força e da heroicidade. Pois este contraste passou pelo meu espirito. Em Athenas, lembrei-me de quantos d'esses dramas d'amor, que, ás

vezes, nos fazem perder a alegria e o conhecimento da propria personalidade, e nos transformam n'uma estatua funebre do que fomos, não estariam enterrados n'aquellas ruinas, e quantos sonhos ridentes de paixão se não teriam reflectido mesmo n'aquelles marmores! Nos campos de Sparta, hoje despovoados e cheios tambem de ruinas, lembrei-me tristemente de que a força e a presumpção de nós mesmos acaba por fim no triste desengano da solidão e do nada.

—E, quando chegou a Portugal, sentiu novamente muito prazer?

—Nem me falle n'isso, minha senhora. As arcadas do peito abarcavam a área inteira do meu paiz. A minha alma sentia-se tão livre, como as andorinhas dos beiraes. Os meus olhares estavam tingidos de azul, por verem em toda a parte o ceu que me criara; e as proprias aves conversavam comigo, n'uma linguagem que eu já comprehendia. Infelizmente, não tenho familia, cujos abraços pudesse apertar de lá, nas ancias do meu coração. Mas quasi que, n'um extase de somnambulo, eu me sonhei nos braços de uma esposa que ado-

rasse, rodeado de filhos que eu beijasse, e erguendo no meu lar, como se fosse n'um altar sagrado, o culto do meu amor e da minha paixão. O olhar de minha esposa seria a lampada d'esse lar, o seu halito perfumado, o incenso da minha vida, o sorriso dos meus filhos, a aurora boreal do meu refugio. Quando accordei do extase, tinha diante de mim a triste realidade; mas, ainda assim, estava no meu paiz, e já isso era uma consolação.

N'isto, entrou na sala o pae de Clarisse.

—Fil-o esperar muito, não é assim? E, como diz o rifão, *quem espera, desespera.*

—Pelo contrario, tenho estado muito entretido com estas senhoras, e tão bem disposto, como, raras vezes, me tenho sentido.

—Ó meu pae, disse Clarisse, não imagina como o sr. dr. Daniel nos tem encantado, a fallar da sua ultima viagem e das impressões que teve no decurso d'ella.

—Sr. Sepulveda, a bondade de sua filha vai até o ponto de querer cobrir com a sua benevolencia a rudeza das minhas palavras. É que, n'esta casa, não ha senão obsequios para toda a gente.

— Minha filha só lhe faz a justiça devida. E, agora já que o fiz demorar tanto tempo, vamos, se quizer, tratar dos nossos pobres.

— Estou ás ordens de v. ex.ª, disse Daniel. E, dirigindo-se para Clarisse e Noemia, e para não exceptuar esta do mesmo cumprimento, em vez de estender a mão áquella, curvou-se respeitosamente a certa distancia, dizendo apenas:

— Minhas senhoras!...

XIX

Quando acabou a conferencia com Gustavo de Sepulveda, o dr. Daniel voltou á frieza da sua reflexão; e a recusa que Noemia tinha tido em lhe estender a mão, doeu-lhe com toda a força de uma pua ensanguentada. Era a terceira vez que ella o repellia. Não havia de o repellir outra vez. Elle seria indigno do proposito de uma regeneração, se continuasse a implorar, como um triste mendigo, a piedade de Noemia. Morre-se na guerra, abençoando os destinos da patria; e tambem elle se iria consumindo na paixão, abençoando a imagem

de Noemia. Porém, as cavernas da sua alma, havia de enchel-as agora unicamente com a correcção do seu procedimento brioso e nobre, sem a procurar. E o que é mais, começava a sentir-se cobarde perante aquelle amor, e a consciencia dizia-lhe que as cobardias atrofiavam tambem a propria virtude. Diluisse embora todo o sentimento em lagrimas de vitriolo, queimasse a ferro e fogo as roscas enervantes d'aquella paixão, arrancasse mesmo a pedaços o coração dolorido, para o substituir por um musculo de ferro, nunca mais, nunca mais, se approximaria voluntariamente de Noemia. Os antigos navegantes do estreito de Messina, tambem fugiam aos encantos das sereias; as ruinas podiam enterrar-se e esconder-se para sempre nos detritos do solo; e elle ia esforçar-se tambem por esconder e apagar para sempre, nos escombros do passado, essa triste illusão do seu amor. Tres vezes uma repulsa era de mais. Se não tivesse brio agora, não passaria de um triste miseravel.

E, com estes pensamentos e este proposito, recolheu a casa.

SEGUNDA PARTE

I

Era uma tarde de outomno, d'esses dias em que a natureza parece que se veste dos seus ultimos adornos, para os despir e guardar depois, durante o inverno. O ceu, tingido de azul, e perfumado pelo aroma das rosas cadentes e dos fructos amadurecidos; a brisa, cantando ternamente as suaves canções do universo, como quem se ensaia para as repetir na primavera; o trinar das aves, como gemidos precoces de saudade pelas estações de alegria; o tom amarellado das folhas, já como um lampejo de tristeza; o plangente murmurio da tarde; e o mysterioso espectaculo da natureza, n'essa época, cheio das lições da experiencia e dos resultados praticos da terra: tudo isso enchia o coração de Noemia de uma absorvente melancolia. Estava só n'um recanto

do jardim, e o desdobramento intimo da consciencia a tinha abysmado n'uma saudosa meditação sobre a sua vida, e n'uma pathetica antevisão do seu destino.

Fôra pedida em casamento por Antonio de Menezes. Promettera dar resposta definitiva; e não sabia ainda o que devia dizer. Seu pae tinha empenho n'esse casamento; mas o coração d'ella é que o não aconselhava.

Havia repudiado todas as pretensões de Daniel; e, se era certo que este lhe fizera uma affronta grave á sua dignidade, em todo o caso, portara-se no tribunal como um homem verdadeiramente cavalheiroso, e tinha empregado todos os esforços, para obter o perdão d'ella. Constava-lhe tambem que elle a amava; e ella, com rigor excessivo e uma reserva impropria de coração bondoso, repellira-o por tres vezes. E, depois, quando o viu em casa dos Sepulvedas, custava-lhe confessal-o a si propria, ficara encantada com a sua presença, e surprehendida com a sua linguagem.

Até ahi, Noemia quasi que nem o fitara; e suppunha que não podia ser delicado um homem que praticara uma grosseria tão

grande. Mas, n'aquella occasião, teve tempo de o examinar.

O dr. Daniel era de uma estatura proporcionada, um pouco trigueiro, olhos rasgados, bigode espesso, e physionomia expressiva.

Tinha essa belleza viril e máscula em que a alma transparece vigorosa n'um ar de bondade, e a candura e meiguice de um coração terno se cruza na expressão de um caracter resoluto.

Depois, a suavidade da voz, o tom de enlêvo e melancolia que elle dera á exposição da sua viagem, a santa aspiração de uma esposa que o comprehendesse, e de filhos que o amassem: tudo isto se reproduzia agora na imaginação de Noemia, sob a influencia magnetica de uma visão encantada. O coração começava a estremecer-lhe, e a imagem de Daniel apparecia-lhe, perante a propria consciencia, cheia de arrependimento, de dedicação e de amor.

Ai! Como a *tunica de Nesso*, por sua vez, a começava tambem a queimar!

Sentiu passos, e, olhando para o lado, viu que era seu pae que se approximava.

—Então, minha filha, já pensaste na resposta que hei de dar ao dr. Antonio de Menezes?

—Nem sei que lhe diga, meu pae. Como já lhe expuz, o coração não me attrae para elle; e, n'estas circunstancias, parece-me que é melhor que o pae lhe apresente a minha recusa.

—Folgo com essa tua resposta; porque, se tornei agora a fallar-te d'esse casamento, era para sondar o teu desejo, e até com esperança de que me dissesses isso mesmo. É que elle procedeu tão infamemente que, depois de te pedir em casamento, e sem mesmo esperar pela tua resposta, já casou em Bragança com uma *brazileira* viuva, que não é nova nem bonita, mas que tem uma grande fortuna. Como o teu dote é modesto, sacrificou-te por um bezerro d'oiro. E, demais, eu soube á ultima hora que, mesmo independentemente d'esta villeza, é de um caracter muito fraco e pouco honesto.

—Que miseravel! Disse Noemia, indignada. Alguma coisa me adivinhava o coração.

E duas lagrimas lhe rolaram silenciosas pela face.

— Choras, minha filha! Então, sempre tens pena de se desfazer este casamento?

— Por forma nenhuma; a infamia, porém, d'esse procedimento é que me faz chorar, por vêr como a gente se deixa illudir tão facilmente pelas apparencias. De resto, creia, meu pae, que foi um beneficio da sorte semelhante solução, sem termos nós contribuido para ella.

O criado veiu chamar Lourenço Ribaldar, porque estava a procural-o Gustavo de Sepulveda, o pae de Clarisse.

Quando Noemia ficou outra vez só, é que chorou copiosa e amargamente; mas tanto essas lagrimas, como as que lhe escorregaram dos olhos diante do pae, não eram por Antonio de Menezes, eram por Daniel. Comparava a nobreza de um com a villeza do outro. Aquelle, que era pobre, tentara o dote d'ella, que, embora não fosse grande, chegava para poderem viver modestamente. Daniel, que era rico, procurava simplesmente o seu amor.

Antonio de Menezes era um villão egoista, que se vendera por dinheiro. Daniel empregava a maior parte do seu rendimento em

obras de caridade; e, como se não bastasse esta penitencia perante Deus, tinha feito perante ella a penitencia submissa da sua paixão e do seu arrependimento. Mas o orgulho da parte d'ella Noemia, e o desprêzo d'essa penitencia, tinham-no, certamente, afastado para sempre... Desgraçada!

Via agora bem claramente que o amava; e, um muro de isolamento se interpozera entre ambos. Porque, na sua qualidade de mulher, e depois do que tinha havido, ella não podia romper esse muro; e, naturalmente, Daniel tambem não faria por se approximar.

E tão absorvida ficou n'esta meditação que nem deu pela chegada de Clarisse, que a beijou affectuosamente.

—Por aqui, agora?!

—É verdade, acompanhei meu pae, que está conferenciando com o teu. Mas vejo-te lagrimas? Que é isso?

—Eu não tenho segredos para ti, como sabes. O Antonio de Menezes casou em Bragança com a viuva de um *brazileiro*, muito rica; e nem sequer esperou pela minha resposta.

—E choras por isso? Então, sempre lhe tinhas amor.

—Não lhe tinha amor nenhum, como já te declarei; e considero até uma fortuna livrar-me elle, assim, de embaraços e a meu pae e meu irmão. A villania praticada para comnosco doe sempre; mas não é por isso que eu choro. Choro, porque... envergonho-me quasi de t'o confessar, depois que estive em tua casa com o dr. Daniel, e o contemplei e ouvi de perto, senti uma grande mudança no meu coração. A sua figura é, na verdade, impressionante; a sua voz entrava-me na alma, como se fosse a prece augusta de um peccador redimido; a bondade e ternura que elle manifestava no que dizia, traziam-me um remorso da minha dureza; e a aspiração que manifestou por ter familia, vinha-me direita ao coração, como se fossem palavras do evangelho, escriptas a tinta vermelha de proposito para mim.—Que queres, Clarisse, accrescentou Noemia, escondendo o rosto no seio da amiga:—eu amo-o!

—Não sabes a alegria que me dás com isso! Achei sempre no olhar de Antonio de Menezes uma scintilla fria, que não sei definir,

mas que me fazia antipathisar com elle. Foi uma felicidade para ti ficar, assim, prejudicada qualquer solução arriscada que tomasses a respeito d'elle. Emquanto que o dr. Daniel é um caracter nobre. Olha bem para mim! Amal-o? Estás, por isso, a tempo de realisares o teu sonho.

—Não, minha Clarisse. No pé em que as coisas estão, e depois de eu o ter desprezado, como tu sabes, envergonho-me de abrir, por mim propria, margem para uma conciliação. E creio bem que, sendo elle brioso, como eu supponho que é, tambem se não approximará de mim.

—Louquinha que tu és! Uma paixão, como a d'elle, não dorme nunca; e estou bem certa que, para se approximar de ti, bastará da tua parte um olhar benevolo ou um sorriso agradavel. A questão é que vos encontreis juntos. Olha, queres uma coisa? Domingo, tem de haver, na *Sociedade de Instrucção e Caridade*, uma sessão solemne, para distribuir premios ás crianças que tiveram maior aproveitamento litterario e mais irreprehensivel procedimento. Daniel vai presidir; e eu faço tenção de assis-

tir com meu pae. Vem tambem comnosco, e terás occasião de estar novamente junto do *teu arrependido*, e de o ouvires fallar.

—Não sei se meu pae me deixará ir.

—Teu pae e teu irmão querem sempre o que tu quizeres. E, a proposito de teu irmão, já o não vejo, ha muitos dias, como está elle?

—Não te ruborises, Clarisse, que o teu rubor não é segredo para mim. O Jorge tem estado fóra de Lisboa, a tratar de negocios profissionaes, n'uma questão muito importante, de que é advogado. Queres que te pague as tuas arrelias, dizendo-lhe que te fizeste vermelha, ao fallar d'elle?

Clarisse, por unica resposta, abraçou-a, e beijou-a.

—Lá te espero no domingo. A sessão começa ás duas horas da tarde.

II

Quando Noemia e Clarisse, acompanhadas do pae d'esta, chegaram á séde da *Sociedade*, já lá estava o dr. Daniel de Avellar, e veiu

logo cumprimental-as. Apertou a mão de Clarisse, e fez apenas um respeitoso e delicado cumprimento de cabeça a Noemia. Esta estremeceu, mas correspondeu-lhe tambem delicadamente de cabeça. Em todo o caso, notou, com tristeza, que elle não indicou a minima feição de poder corresponder a qualquer cumprimento d'ella. Era justo; mas o coração de Noemia, só com isso, já começou a gemer.

Depois, Daniel, com a mesma delicadeza, conduziu-as para as duas primeiras cadeiras á direita da presidencia, dizendo-lhes, n'uma voz dôce:

—Vossas excellencias estarão melhor aqui, para ouvirem bem.

D'ahi a pouco, dada a hora regulamentar, e estando já todos os membros da direcção na sala, e esta repleta de senhoras e cavalheiros, e de alumnos e alumnas, professores e professoras, Daniel tomou a presidencia. Olhou suavemente para todos os lados da sala; mas parece que propositadamente desviou os olhos de Noemia. E, pausadamente, n'uma voz vibrante, mas dôce e terna, como se fosse o

ecco sobrenatural da propria caridade, pronunciou o seguinte discurso:

« — Minhas senhoras e meus senhores. Esta *Sociedade de Instrucção e Caridade*, criada pelos esforços de alguns filantropos, tem atravessado as maximas difficuldades, por falta de recursos; porque as suas aspirações têm sido tantas que não puderam bastar, para as preencher, os subsidios pecuniarios dos seus fundadores.

« Diante d'estes apparecia, a toda a hora e a todo o instante, a imagem de crianças seminuas e de cerebros entenebrecidos, que só tinham por si o orvalho de Deus e a luz da Providencia. E arrancar a infancia desvalida ás trevas e á fome, é como entrar n'uma nova terra promettida, levando hasteada nas mãos a bandeira da misericordia.

« Sim, minhas senhoras e meus senhores, resgatar o infortunio é converter em flores os pregos de uma cruz, e fazer da corôa de espinhos, com que Jesus foi crucificado, uma alvorada resplendente, que abarca os proprios abysmos.

« Por isso, onde não podiam chegar os

recursos proprios dos membros d'esta associação, imploramos nós mesmos a caridade particular; e muitas senhoras, allumiando com a belleza do seu olhar a mão que nós estendiamos supplicantes, nos ajudaram n'esta cruzada. Algumas offereceram até joias, que, certamente, Deus conservará no seu eterno erario, como penhor da felicidade d'ellas, e que a Virgem Maria descontará, a juros celestes, no relicario sagrado do seu proprio coração.

«Póde, assim, a sociedade criar um capital, cujo rendimento, com as offertas, dadivas e esmolas, vai alargando o seu prestimo e augmentando os nossos desejos.

«E é d'este modo que já subsidia muitos desgraçados, e, pode hoje, n'esta sua primeira sessão solemne, distribuir os premios que estão presentes.

«Minhas senhoras e meus senhores. As tres alavancas de Archimedes, com que pode revolver-se o mundo inteiro, e onde assenta o progresso, são a virtude, a instrucção e a religião.

«A virtude é a harmonia da nossa personalidade com os nossos deveres, com a recti-

dão dos salutares preceitos sociaes, e com a moralidade. Só por ella é que o homem pode entrar, como romeiro bemdito, e aos canticos festivos de uma orchestra divina, no templo abençoado da propria felicidade. Ou antes a virtude é a propria natureza humana, filtrada nos dictames rigorosos da nossa consciencia.

«A instrucção é a aurora que rasga as trevas da noite, e que allumia os sarçaes do caminho ao peregrino transviado. Enche de diamantes a nossa alma; cobre de perolas a nossa cruz; illumina todos os precipicios da nossa vida; e, por assim dizer, n'uma bigorna, só feita de luz, transforma em bençãos e riqueza as escorias do nosso coração. Como a lampada que illumina os recantos das catacumbas, tambem nas furnas do nosso cerebro, a instrucção esclarece até os desvios dos proprios claustros.

«Finalmente, a religião é a elevação da criatura para o Criador.

«O ceu que nós vemos, e que representa a abobada paramentada d'esta egreja commum que se chama universo; as constellações e as estrellas, que são lettras de um livro eterno, escripto na cupula do firmamento; a vastidão

do mar, que é o espectaculo indeterminado das lagrimas do mundo, represadas n'uma ambula infinita; e, emfim, a terra — o estrado portentoso de todas as maravilhas da criação: haviam de ser feitos por alguem, qualquer que seja o nome que lhe queiram dar.

«Esse *alguem* é o Deus immortal e todo poderoso; e por isso é mais que um dever de gratidão e de homenagem sagrada o elevar até Elle o sentimento da nossa devoção.

«Ora esse sentimento é, na sua essencia, a propria religião.

«São essas tres alavancas do progresso e da civilisação, que vamos premiar aqui, relativamente aos alumnos que mais se distinguiram; e, para distribuir esses premios, á proporção que os respectivos nomes forem pronunciados, peço ás duas galantes meninas, que estão sentadas nas duas ultimas cadeiras, o favor de se prestarem a essa missão. E n'isto vou de harmonia com a Escriptura, que diz que os *ultimos, serão os primeiros.*»

Uma salva de palmas coroou este discurso, salva que foi tambem acompanhada por Noemia. O seu coração, porém, é que sangrava.

O mais natural era que o dr. Daniel escolhesse para a distribuição dos premios as senhoras que estavam mais perto, e, portanto, a ella e a Clarisse.

Não só deixou de proceder assim, mas até, percorrendo com a vista, quando fallava, todas as partes da sala, e olhando amavelmente para umas e outras pessoas, não olhou nunca para onde ella estava. Evidentemente, isso tudo foi um proposito.

Como a *tunica de Nesso* queimava tambem agora o peito de Noemia!

Acabada a cerimonia, o dr. Daniel dirigiu-se ao gabinete da direcção, e não mais as tornou a vêr, o que a Noemia pareceu tambem propositado.

Mas o discurso d'elle ficou-lhe na alma, como se as palavras fossem estrellas de um quadro celestial. A magia com que se exprimiu, a maviosidade da pronuncia, a compostura do gesto e a uncção religiosa do proprio olhar, tudo isso lhe alastrara na alma como camada estratificada do amor e da paixão.

III

Havia uma outra kermesse em beneficio da mesma *Sociedade de Instrucção e Caridade*, de que o dr. Daniel de Avellar era director. Entre as barracas destacava-se uma, côr de rosa, artisticamente enfeitada com lindas avencas e abundantes fetos, onde Noemia e Clarisse, vestidas de branco e admiraveis de belleza, vendiam flores. E havia alli as formosas rosas de Bengala, ao pé dos opulentos cravos de Nice e das dalias e das prímulas, com muitas outras ornamentações dos nossos jardins e das nossas estufas: tudo collocado com tal arte e com tanta elegancia, que bem denotava as delicadas mãos das formosas raparigas que tão brilhantemente haviam ornamentado a sua barraca.

O dr. Jorge Ribaldar estava quasi sempre sentado ao pé da irmã. Os olhos d'elle trocavam-se ás vezes docemente com os de Clarisse. E Noemia não podia adivinhar se era, para se não approximar do irmão ou d'ella, que

Daniel nunca chegou ao pé da barraca. Andava como abstraido na multidão; e, por mais que ella o observasse furtivamente, não viu tambem que, de alguma vez, os seus olhos se encontrassem.

—Que fundo desgosto, pensava Noemia, elle sentia por causa do procedimento d'ella, que nem sequer já queria vel-a!

Tudo isso caiu novamente, como toque funebre, no peito da donzella.

Quando Daniel, assim, andava, mais esquecido de si proprio, passou casualmente por um grupo de rapazes, que fallavam de Noemia.

—É, realmente, galante e formosa, dizia um.

—Estou com desejos de a namorar, a vêr se ella me dá cavaco, accrescentou outro.

—Não será difficil, replicou ainda um terceiro, porque ella já tem a cara habituada aos beijos dos homens.

—O senhor, que se refere assim a uma senhora honesta, não passa de um miseravel! Disse Daniel, indignado.

—Quem é o senhor, que se arvora em Magriço das damas? E com que direito o faz?

—Faço-o com o direito de quem toma a responsabilidade dos seus actos e das suas palavras, em todos os campos. Repito, o senhor não passa de um miseravel!

O contendor, que se chamava Duarte da Silveira, ia a arremessar-se sobre Daniel. Este esperou-o firme e resoluto; mas os companheiros obstaram ao conflicto pessoal; e, então, aquelle, dirigindo-se a Daniel:

—Aqui tem o meu cartão. Queira dar-me o seu; e ámanhã receberá os meus padrinhos.

—A que horas, pouco mais ou menos, perguntou Daniel?

—Quando mais lhe convier.

—Então, depois do meio dia, para que eu tenha tempo de ir fallando tambem a dois amigos.

Esta scena, apesar da publicidade, não chegou logo aos ouvidos de Noemia, do irmão e de Clarisse; e, não tornando aquella a vêr o dr. Daniel, continuou a attribuir isso ao resentimento d'elle. E, quando acabou a kermesse, e recolheu a casa, levava egualmente no coração a obsessão do seu amor.

IV

Effectivamente, no outro dia, o dr. Daniel recebeu as testemunhas de Duarte da Silveira. E, como já tinha fallado a dois amigos seus, para serem tambem testemunhas, foi logo aprasado o logar onde todas se podessem encontrar.

Ahi resolveram ellas por unanimidade que havia *offensa simples*; e, porque o Duarte da Silveira tinha indicado para esse caso a pistola, foi tambem esta arma a escolhida, devendo o duello ser *á voz*, e a uma unica voz ou signal de tiro simultaneo, a vinte metros de distancia, e á troca de duas balas uma por cada adversario.

Foi nomeado um director de combate, e escolhidas as pistolas de um espingardeiro respeitavel, que tambem foi incumbido de as carregar.

Marcaram-se as oito horas da manhã do dia seguinte, na estrada das Amoreiras; e, á hora

marcada, lá estavam os combatentes, com as testemunhas, o director de combate, o espingardeiro, e os respectivos medicos.

Preparados os combatentes, as testemunhas passaram-lhes revista ao vestuario, que acharam conforme ás regras dos duellos. O espingardeiro forneceu as pistolas, e carregou-as; de modo que não poz os fulminantes, sem que a polvora affluisse á bocca da chaminé. Uma das testemunhas do Duarte da Silveira, que tinha incumbido o espingardeiro de fornecer essas pistolas, declarou, sob a palavra de honra, que o seu constituinte nunca tocara n'essas armas, e ignorava se o gatilho era resistente ou sensivel.

O director do combate tirou á sorte a distribuição das armas. Foram depois medidos os vinte metros, e collocados os adversarios nos respectivos logares, por fórma que nenhum d'elles occupava, em relação ao outro, logar muito vantajoso.

Cada qual recebeu, então, de uma das testemunhas do seu adversario a pistola que lhe coube por sorte, armada no segundo entalhe, e com a bocca do cano inclinada para a terra.

E recebeu-a com a mão esquerda, e sempre n'esse sentido da bocca do cano estar inclinada para baixo.

Cada qual empunhou a coronha com a mão direita; depois abaixou o antebraço ao longo do corpo, com o cotovello o mais proximo possivel do quadril, o indicador junto do gatilho, e tendo os pés unidos, com as pontas viradas para fóra. E preparou-se depois, voltando ligeiramente a cabeça para o adversario.

Então, a convite do director do combate, as testemunhas desviaram-se da linha de tiro; e, desviadas ellas, o mesmo director, collocando-se n'uma situação propria, disse em voz alta:

—*Attenção!* Palavra essa, que foi seguida das vozes:

—*Um... dois... tres... Fogo!*

Ambos os duellistas dispararam simultaneamente. A bala do dr. Daniel foi perdida, mas a do outro é que lhe atravessou a parte externa da coxa direita, pelo que teve de receber logo o primeiro curativo, e de ser conduzido n'um automovel para casa.

V

A doença e tratamento de Daniel foram demorados e dolorosos, e complicaram-se com outros incommodos. Mas elle, de cada vez, mais abençoava as suas dôres.

— Ao menos, assim, pensava comsigo, tinha na sua consciencia uma pequena compensação da affronta que fizera a Noemia, e uma prova de que se expoz a morrer, para sacudir um labeu affrontoso da reputação d'ella. Quando Noemia o soubesse, faria outro conceito d'elle Daniel; e o pae e irmão que elle tinha tambem enxovalhado, haviam agora de perdoar-lhe. — Não tinha esperança de que o muro de bronze, interposto entre Noemia, se quebrasse. Para isso, no estado em que as coisas estavam, seria preciso um milagre que lhe tocasse a ella o coração, de modo a sentir um affecto egual ao seu. E tão calcinadas estavam já as ruinas do seu amor, que só outro sentimento, poderoso como o d'elle, poderia

fazer brotar das cinzas do peito, novamente viva, a flor da sua paixão.

—Nas cinzas dos grandes vulcões, pensava tambem, rebentam, é certo, as flores delicadas; mas o orvalho do ceu é que as alimenta e reproduz. E, por isso, tambem sómente por orvalho do ceu, isto é, por milagre de Deus, é que poderiam erguer-se novamente as rosas no seu coração.

VI

Quando a convalescença já deixava receber os amigos, o criado entregou-lhe uns cartões de visita de Lourenço Ribaldar e Jorge Ribaldar. Daniel mandou-os entrar.

Estava no seu gabinete, deitado n'uma *chaise-longue*, e ainda muito alquebrado e pallido.

N'esse gabinete, havia tambem a mesa de trabalho, onde se achavam methodicamente dispostas algumas obras primas da litteratura mundial, como o *Romeu e Julieta* de Shakespeare, o *Fausto* de Gœtte, *Os Miseraveis* e a

Nossa Senhora de Paris de Victor Hugo, a *Anna Karenine* de Tolstoy, a *Margarida Posterla* de Cantú e o *Inferno* de Dante. Na parede, havia quadros de Gupi e de outros pintores celebres. N'uma outra mesa lateral, bustos de homens notaveis, como de Herculano, João de Deus, Castilho, Castellar, D. Antonio de Trueba, Alfredo de Musset, Lamartine, Schiller, Beetoven, Rafael Sanzio e Miguel Angelo. Em frente, e tomando todo o panno da parede, havia tambem uma estante de pau preto, cheia de livros; e muitas cadeiras de couro antigas, com admiraveis relêvos, estavam devidamente espalhadas pelo gabinete. Finalmente, um precioso tapete da Persia, um reposteiro de gobelin, na porta de entrada, e as janellas guarnecidas tambem de gobelins, com cortinas de renda finissimas, completavam a mobilia d'esse aposento.

E tão distincta era a vista do seu conjuncto, que Lourenço Ribaldar e o filho notaram, logo que entraram, todo esse bom arranjo.

—Tenham a bondade de se sentarem, disse Daniel. E desculpem-me de os receber n'este gabinete, e deitado n'esta *chaise-longue*;

porque o meu estado de saude ainda não permitte outra coisa. A que devo a honra da visita de v. ex.as?

—Soubemos, ha muito, do seu duello e do motivo que lhe deu logar, respondeu Lourenço Ribaldar; e vimos, por isso, agradecer-lhe o seu procedimento cavalheiroso, e apresentar tambem os agradecimeetos de minha filha Noemia. Já queriamos fazer isto, ha mais tempo; mas o seu medico aconselhou-nos que só o fizessemos, quando o sr. dr. Daniel estivesse nos termos de receber visitas.

—Eu não fiz mais do que o meu dever. O cavalheiro com quem me bati, estava-se referindo injuriosamente á filha e irmã de v. ex.as, e por causa de um facto passado comigo, em que ella não teve culpa nenhuma, e que só um miseravel podia commetter, como eu commetti. Por todos os motivos, eu devia repellir a injuria. E abençoarei o meu ferimento, se elle levar á consciencia de v. ex.as e da sr.a D. Noemia, a convicção do meu arrependimento, e o perdão da minha falta.

—Eu e meu filho já lhe perdoamos, ha muito, mesmo por sabermos que tem empre-

gado todos os esforços, para obter egualmente o perdão de minha filha. Mas agora não fallemos n'isso. O seu medico, recommendou que trocassemos comsigo as menos palavras possiveis, e evitassemos por qualquer forma que o dr. Daniel tivesse alguma exaltação de espirito ou de coração. Por isso, repetimos os nossos agradecimentos; e vamos deixal-o.

Lourenço Ribaldar estendeu a mão ao doente, e este, puxando-o para si, sem que elle a podesse retirar, beijou-lh'a commovidamente, e duas lagrimas deslisaram sobre ella. É que a doença e commoção de tão inesperada visita, e a imagem de Noemia, que se lhe figurou de repente, fizeram-no sensivel e nervoso, como se fosse uma criança. Ao mesmo tempo, balbuciou:

—Beijo-lhe a mão, pelo procedimento generoso de v. ex.ª

Quando Lourenço Ribaldar pôde desprender a mão, o filho estendeu a d'elle a Daniel, e disse-lhe carinhosamente:

—Daniel, faz de conta que, n'este momento, reviveu a nossa antiga amisade de Coimbra.

—Deus t'o pague, Jorge!

Na rua, pae e filho conversaram; a respeito do incidente.

—Afinal, este Daniel saiu um cavalheiro. Era um bom casamento para tua irmã, e eu sei que elle deseja bem esse casamento. Mas ella tomou-lhe aquella scisma, por causa do tal beijo. Pois elle tem pago bem cara a ousadia!

—Eu não admiro, replicou o dr. Jorge Ribaldar que Daniel tenha acabado com as suas estroinices, e se tenha tornado, assim, digno e pacato; porque, já em Coimbra, era um bom rapaz. Mesmo no meio das suas extravagancias, conhecia-se o filão d'oiro que tinha no coração.

—E que bonito gabinete! Gostei de vêr aquillo. Prova que é tambem homem de arranjo domestico; e isso é meio caminho andado para a felicidade de um lar.

Continuando a conversar assim, chegaram a casa. E, coisa estranha para ambos! A Noemia pediu-lhes que contassem e descrevessem tudo: — o estado de saude de Daniel; se estava ainda deitado, ou já levantado; onde os recebeu, e como os recebeu; como era o aposento

onde os recebera; se o pae e o irmão o trataram affavelmente; o que lhe disseram, e o que disse Daniel; se este se referiu ao passado; se fallou d'ella... Em summa, sem o cuidar, Noemia estava a abrir o coração perante o proprio pae e irmão, e diluindo n'aquellas perguntas a *tal scisma*, a que elles se haviam referido.

VII

Quando o dr. Daniel pôde sair a passeio, foi pagar a visita á casa Ribaldar, mas tratou de saber por pessoa de confiança, quando Noemia lá não estava, e aproveitou essa occasião. Não era que, apesar de tudo, elle deixasse de a amar. Pelo contrario, nas cinzas do seu coração, estava o rescaldo, candente ainda, e não era preciso muito, para que este rompesse em novas labaredas. Não queria, porém, por esmola a correspondencia de Noemia ao seu amor, nem qualquer meia consolação de palavras, por cerimonia ou delicadeza.

Que podiam dizer ambos, se por ventura se encontrassem n'essa visita? A victima só está bem ao pé do juiz, quando o absolveu completamente do seu crime; e Daniel não contava com o perdão absoluto de Noemia.

Lourenço Ribaldar e o filho receberam-no admiravelmente. Ninguem se referiu ao passado. Daniel d'Avellar tinha umas propriedades ao pé do palacio Ribaldar, e, além de outros assumptos, fallou-se tambem, a respeito d'essas propriedades.

—Porque motivo, o dr. Daniel as não tinha ido vêr ha tantos annos? Não gostava d'ellas? Pois eram muito boas, e o sitio era bonito. Como ia a *Sociedade de Instrucção e Caridade?*

E por parte de Daniel:

—Quando é que elles, iam para a quinta? A sr.ª D. Noemia gostava de estar lá? Ou n'aquella solidão, não tinha saudades de Lisboa?... Como tantos condiscipulos d'elle Daniel e de Jorge Ribaldar tinham já fallecido! Se o Jorge tinha voltado muitas vezes a Coimbra...

Em summa, fallou-se indifferentemente de tudo.

Quando Daniel se despediu, o pae e o filho abraçaram-no carinhosamente; e elle, puxando para si, outra vez, a mão d'aquelle, beijou-lh'a, com uma ternura saliente.

Logo que Noemia, depois d'isso, voltou a casa, e soube da visita, ficou tristissima e nervosa. Entendia que, da parte de Daniel, fôra um proposito, e, assim, não havia meio de quebrar o muro de bronze que os separava.

VIII

Daniel, quando estava completamente restabelecido, quiz vêr as propriedades rusticas que tinha por differentes partes do paiz. Uma d'ellas era a que estava situada na aldeia de Carcavellos, perto do palacio Ribaldar.

As suas estroinices de rapaz, as suas viagens e doenças, tinham-no feito descurar da administração dos bens; mas não estava resolvido a ser *morgado de aldeia*, e, por isso, ia tratar seriamente do que era seu.

N'essa propriedade, que era importante,

havia um caseiro, que pagava à renda respectiva; mas, como todos os caseiros das outras propriedades que Daniel possuia, pagava uma renda muito pequena. E elle desejava equilibrar as coisas, de modo que, ainda com muita vantagem para o agricultor, pudesse tirar sobejos para a *Sociedade de Instrucção e Caridade*, e para os mais pobres da sua devoção.

Não annunciou a sua ida; já porque desejava chegar de surpreza, para vêr como o caseiro lhe tinha a casa, não contando com essa ida; e já porque tencionava demorar-se pouco, e não queria que a familia Ribaldar soubesse de nada, para que elle pudesse retirar-se tanto em segredo e tão calladamente como tinha ido.

A vivenda da propriedade era airosa, bonita e bem conservada. O caseiro tinha recommendação de a ter sempre limpa, e sempre bem dispostos, pelo menos, um quarto e uma sala para o patrão, quando este lá quizesse ir.

E, foi, assim, que acompanhado só por um criado de confiança, Daniel bateu um dia á porta da casa d'essa sua propriedade.

Tinha apenas chegado na vespera á noite;

e, no dia seguinte, depois do almoço, foi percorrer diversas partes do predio.

Era preciso atravessar uma estrada muito declivosa, que ladeava uma torrente, para elle poder vêr uma das vinhas distantes; e, quando estava a metade do declive, sentiu o estrepito de uma *charrette*, que vinha no alto. Dentro, divisou logo Jorge Ribaldar e Noemia. Era elle que guiava; mas o cavallo desbocara-se, e, tomando o freio nos dentes, galgava n'uma corrida doida e vertiginosa. A estrada estava cheia de pedregulho saliente e de grossas pedras, arrancadas pelo temporal; e, no leito, havia fundas regueiras da invernia. Para evitar qualquer accidente, seria preciso que a *charrette* descesse vagarosamente, e que a mão de brida pudesse regular ordeiramente o cavallo. Mas, ao contrario d'isso, Jorge Ribaldar já o não podia governar, e a *charrette* torcia-se epileptica, por causa das saliencias das pedras e covas do temporal; dava saltos malabares; e andava de arremêsso como doida para um lado e para o outro d'essa estrada. O abysmo da torrente ia sempre á beira, sem guardas e sem qualquer resguardo, e apenas com um talude

insignificante. E, quasi no fim da encosta, a estrada formava um angulo reintrante, que tinha tambem um dos lados voltado para o abysmo; e tanto ella como a torrente inflectiam á esquerda, havendo, assim, um barranco desamparado e cego.

N'estas circumstancias, a *charrette*, ou se havia de despedaçar, antes de chegar áquelle angulo, e mesmo, n'um dos saltos, cair no precipicio; ou, então, chegada a esse ponto, pela cegueira e desbocamento do cavallo, era fatal a queda no abysmo.

Daniel conjecturou tudo isso; e, collocando-se no meio da estrada, quando o cavallo se approximava, atirou-se-lhe ao freio e cabeçada, tentando segural-o e fazel-o parar.

O cavallo, porém, embora fosse diminuindo o impeto e a furia, levou-o por muito tempo pendente e de rastos. Só quando a *charrette* chegou perto do angulo, é que esse cavallo parou arquejante, em consequencia do peso e pressão de Daniel; e, então, este, quasi desfallecido, foi arremessado para cima de uma pedra, onde bateu com a cabeça, de que resultou uma commoção cerebral, que o deixou desmaiado.

Accudiram alguns homens; e com o auxilio d'elles, o dr. Ribaldar e Noemia, collocaram-no dentro da *charrette*, e conduziram-no para o palacio.

IX

Daniel achava-se ainda prostrado no leito, sem accordo de si, cheio de contusões e ferimentos nas pernas e nos pés, por ter andado de rastos e aos baldões pelas pedras, e com o craneo fendido. Felizmente, o medico, que immediatamente fôra chamado, não diagnosticou de perigosa a fractura do craneo, nem qualquer dos outros ferimentos. E, depois de fazer o primeiro curativo, recommendou que, logo que o doente voltasse a si, o que podia levar bastantes horas, o não deixassem fallar, e o conservassem em absoluto repouso.

Noemia pediu ao pae e ao irmão que lhe permittissem velar pelo doente, e servir-lhe mesmo de enfermeira, em tudo o que uma senhora o pudesse fazer decentemente.

O pae respondeu:

—Vela, sim, minha filha, porque o enfermo tudo merece.

Mas as horas passavam, passavam, e o dr. Daniel não voltava a si. Então, ella, na meia escuridão do quarto, implorava de joelhos a protecção da Senhora da Piedade, cujo retabulo pendia de uma das paredes, quando ouviu o doente gemer e balbuciar:

—Onde estou eu?

—Está em casa de meu pae, respondeu Noemia, approximando-se.

—Quem me falla?

—Sou Noemia. Peço-lhe, porém, que não diga nada. O medico recommendou isso mesmo. Sou sua enfermeira em tudo que o puder ser. E, se valho alguma coisa para si, torno a pedir-lhe que não falle.

—Mas isto é um sonho, porque...

Ella poz-lhe docemente a mão na bocca, para o impedir de continuar, e que elle lhe beijou com devoção, fechando novamente os olhos, como se recaisse n'um outro colapso. Era a antevisão da felicidade e o rapido vislumbre do seu amor, que o faziam recolher em si

proprio, n'uma immobilidade abençoada. Mas Noemia suppoz que elle desmaiara, e ajoelhou-se outra vez á Virgem, resando doloridamente uma nova oração.

— Por quem resava? Perguntou d'ahi a pouco o doente.

— Orava a Nossa Senhora pela sua vida e saude; mas, como não me quer fazer a vontade de estar callado, vou-me embora.

Daniel, porém, levantou supplice as mãos, a pedir-lhe silenciosamente que o não deixasse; e ella accrescentou:

— Pois bem, ficarei, mas com essa condição; porque, se o dr. Daniel tem alguma coisa a dizer-me, ha de ter muito tempo para isso.

E foi sentar-se ao pé da cabeceira do leito.

Daniel tomou-lhe silenciosa e docemente uma das mãos, n'uma alegria intima, que nem ella podia medir; e, n'essa atonia suave de ventura, que ás vezes adormenta o proprio espirito, foi decaindo, pouco e pouco, n'um somno reparador.

Noemia fechou, então, as janellas; correu o cortinado do leito; metteu brandamente as

mãos de Daniel para dentro da roupa; ageitou-lhe a cobertura; e saiu, pé ante pé, do quarto, cerrando a porta. Palpitava-lhe ternamente o coração, e passavam-lhe atravez da alma as estrellas do ceu!

X

Era a primeira vez que Daniel se levantara do leito, por ordem do medico, e estava n'uma saleta contigua ao quarto, sentado n'uma poltrona almofadada.

O aspecto do ambiente parecia que resumbrava alegria. É que á propria saleta e mobilia, já de si alegres, juntara-se o cuidado e arranjo de Noemia, para festejar o restabelecimento do seu doente.

Assim, toda a saleta era pintada côr de tilia; tinha reposteiros e sanefas verde mar; e um tapete claro, onde sobresaiam rosas e nenufares, com uma singela mobilia de faia, ainda a tornavam mais alegre e confortavel.

Havia no sofá almofadas delicadamente bordadas por Noemia. Sobre uma pequena secre-

taria, estava um lindo vaso com finissimo espargo; e na mesa alguns preciosos *bibelots*, conjuntamente com uma admiravel photographia tambem de Noemia.

—Isto é o sonho das mil e uma noites! Disse Daniel. Chego até a abençoar o meu ferimento, que me trouxe tanta felicidade. Sim, Noemia, quem me diria, quando eu percorria, meio tresloucado a Europa, afim de apagar o remorso do desacato que tinha commettido para comsigo, e quando, mesmo lá por fóra, eu sonhava sómente com o seu perdão, que havia de estar hoje n'este ambiente beatifico da sua presença! Quando eu sentia no meu peito as brumas humidas da Inglaterra, como o peso do meu remorso, a sua imagem era um sol que rompia aquella tristeza. Quando eu contemplava, muitas vezes, a formosura dos olhos azues e os cabellos loiros das jovens inglezas, que enchiam os passeios publicos, o olhar transparente e radioso de Noemia, que tanto me encanta, e esses seus cabellos doirados, feitos das nuvens do occidente e das auroras boreaes do norte, sobresaiam por cima de todas as contemplações, como ideal do paraiso.

— Ó dr. Daniel, não diga mais nada que lhe pode fazer mal, e até me envergonha.

— Deixe-me fallar, que a felicidade não mata ninguem. E eu tenho tanta coisa represada no coração! Na Belgica e na Allemanha, ao vêr as grandes cidades e os grandes monumentos, e ao evocar as recordações historicas, essa obsessão de todos os dias e de todos os instantes — a sua lembrança, vinha alentar a tristeza do meu peito. E, como se fosse uma especie de musgo celeste, a cobrir as ruinas da minha alegria, parece que essa lembrança cimentava, nas raizes do affecto que eu sonhava, o desabar da propria vida. Quando, na Italia, eu me absorvia na admiração d'aquelle ceu claro, que cobria toda a peninsula, como cortina azul de um tabernaculo eterno, e tambem na admiração d'aquellas nuvens, que semelham carros d'oiro em páramos de anil, era tambem a imagem pura do seu rosto, dos seus olhos e dos seus cabellos que tudo isso me representava. Em Verona, chorei ao pé dos tumulos de Romeu e Julieta, lembrando-me que seria mais dôce dormir ao pé de si, n'um sepulchro eterno, do que a morte lenta que eu

tinha no coração.—Quiz contemplar o vulcão do Etna, e quasi me lembrei de entrar na cratéra, para vêr se era maior o abrasamento d'ella do que eu sentia no meu peito.

—Não Daniel, não continue! Isso é de mais; e eu tenho muito medo que lhe faça mal.

—Deixe-me continuar, por quem é! Eu não posso descançar, sem lhe narrar tudo o que tenho sentido. Diziam-me que, na Grecia, havia estatuas que, mesmo na frialdade do marmore, faziam endoidecer de paixão. Quiz vê-las. Antes doido n'um só jacto de amor que doido lentamente de melancholia e desespêro. Não achei senão ruinas. Mas o rosto de Noemia é que reluzia cá dentro, mais que a Venus de Millo ou que a estatua de Gnido, que era a reproducção do rosto de Phryné.—Depois que regressei á patria, pareceu-me que uma restea magica do nosso sol vinha, no fio conductor de um encantamento sobrenatural, trazer-me logo á fronteira a electricidade da sua vista.—No baile da familia Sepulveda, quando lhe fui pedir uma contradança, se Noemia lêsse no meu coração, teria pena de mim; porque havia de vêr n'elle uma confusão tumultuosa de tudo que põe em

sobresalto a nossa alma: a ancia de a contemplar; o desespèro de não obter ainda o seu perdão; o martyrio lento de um coração que esmorece; e a esperança dubia de uma illusão distante. Mas tudo isso recalcado e abatido n'um almofariz de vitriolo.—Na kermesse e na casa Sepulveda, a sua repulsão doeu-me tambem muito; mas já não abriu tão grande sulco, porque havia dentro de mim um montão de cinzas, que aparou parte do golpe. Estratificou, porém, mais o desalento da minha sorte, e a perda da minha esperança.—Então, Noemia, julguei-a definitivamente perdida para mim; e fiz um dolorido apêllo á minha consciencia, para, ao menos, manter o brio de um cavalheiro repulso. Por isso mesmo, não a procurei mais. O coração ia sangrando sempre o resto da sua vitalidade; mas tudo isso eu tomava como expiação merecida do meu erro. —E, a par de tanto soffrimento, vejo-a aqui, ao pé de mim, o mesmo olhar celeste, o mesmo cabello doirado, esse busto elegante do seu corpo, essa feição angelica da sua phisionomia, a lyra d'essa voz, mais dôce que a da Santa Cecilia, e a servir-me de enfermeira, com

a bondade do seu perdão e a meiguice da sua ternura!

—Pois bem, oiça-me tambem agora de confissão! O beijo que me deu, queimou-me, é certo, por muito tempo. Olhava para si, como para um lacrau; e essa affronta, de noite e de dia e a toda a hora, queimava-me como um beijo, dado por um Judas repulsivo e corrupto. Soube que o Daniel estava arrependido, e só queria que eu lhe perdoasse. O seu procedimento no tribunal tirou-me a aversão da alma, e o nojo da face; mas a reserva fria, serena e implacavel ficou-me ainda no coração. O tempo foi amollecendo essa reserva, e chegaram-me tambem aos ouvidos informações vagas do seu amor. Por isso, quasi me ia arrependendo de ter sido tão cruel para comsigo. Quando, porém, o encontrei em casa da familia Sepulveda, e lhe ouvi fallar da sua viagem, em cuja narração, como eu bem conheci, havia referencias á sua paixão e á minha reserva, e quando, na sua voz harmoniosa, e no encanto e fluencia da sua linguagem, se exprimia a respeito de uma esposa, familia e filhos, e exaltou tanto a felicidade do lar domestico,

senti que a sua alma lhe affluia, tão limpida e tão amorosa e pura aos labios, que o meu proprio coração se transformou dentro do meu peito. E começou em mim a via-sacra lenta de um novo sentimento, que, ás vezes, eu queria até repellir, mas que inteiramente me avassallou.—Depois, o modo cavalheiroso como Daniel reprovou a injuria infame de Duarte da Silveira; o denodo com que expoz a vida por mim, no duello, e a dedicação e risco da sua propria vida, para salvar tambem a minha vida e a de meu irmão, completaram o resto. E hoje, Daniel, olhe bem para mim, para soletrar no fundo da minha alma, como eu leio no fundo do seu coração: amo-o!

—Bem haja, Noemia, pela felicidade suprema, que essas palavras me dão. E seu pae e seu irmão consentirão no nosso casamento?

—Eu sei que até o desejam.

XI

No mesmo dia em que se realisou o casamento de Noemia, celebrou-se tambem o de Clarisse com o dr. Jorge Ribaldar; e as duas novas familias constituiram mais dois exemplares da felicidade conjugal.

Noemia e o dr. Daniel costumavam tambem passar o outomno e inverno na propriedade d'elle, proxima do palacio Ribaldar, que foi recomposta e transformada, sempre de harmonia com o bom gosto da esposa; e a primavera e estio em Lisboa, no bello predio que já era tambem d'elle.

O dr. Jorge Ribaldar e Clarisse, que ficaram morando com Lourenço Ribaldar, faziam, conjuntamente com este, a mesma coisa. Passavam ordinariamente o outomno e inverno em Carcavellos, e a primavera e o estio em Lisboa, tambem na casa propria d'essa familia.

Mas, afinal, as duas casas, tanto na aldeia, como na cidade, parece que se confundiam; porque ambas as familias estavam quasi sem-

pre juntas, n'uma união tão intima e cordeal, que, se não fosse terem habitações distinctas, ninguem supporia que tinham economia separada.

O pae Lourenço Ribaldar revia-se tambem no genro e nóra, e enchia a bocca, differentes vezes, dizendo:

—Que feliz velhice eu tenho!

FIM

FANTINA

FANTINA

Chamava-se Fantina, e possuia o ideal da belleza. Havia, sobretudo no olhar e na expressão magestosa do rosto, essa attracção indefinivel, que involve a mulher na auréola perenne do encanto, e lhe dá, como o nimbo das santas e a corôa de louro dos poetas, um condão sobrenatural.

Os paes, pobres, mas honrados e trabalhadores, criaram-n'a, como se fosse um ramo de flores, no incenso continuo do amor, da alegria e da adoração.

Lia romances, e recitava versos. Perdia-se em devaneios, nas noites de luar. Comprehendia a linguagem muda das estrellas; e, louca de extasis, nervosa de aspirações, e dominada d'essa nostalgia de um futuro que se não vê, e que

mal se decifra nas palpitações do coração: ficava, horas e horas, scismando nas sombras do crepusculo, e, alta noite, nas solidões do travesseiro.

* * *

Formando contraste com Fantina, Gregorio do Valle estava preso á terra materna, pela estupidez e pelo dinheiro. Negociara em carne secca no Brazil; negociara depois em bois; fôra azeiteiro e mercieiro; e, voltando á patria, cheio de adipe e de riqueza, resolvera casar, isto é, fazer o seu ultimo negocio, na compra de uma mulher bonita.

Cheio de gôta, de escrofulas, de brancas e de idade, resolvera encadernar-se na pessoa de uma *moça* perfeita e gentil.

N'estas disposições, viu Fantina, e amou-a; e, pela primeira vez, teve horror de ser velho e feio. Só então, comprehendeu que, acima da materia selvagem e do instincto baixo da carne, ha o sentimento sublime que sóbe, como effluvio ardente, dos corações apaixonados, e que pro-

cura, como o incenso dos thuribulos, remontar-se ao sobre-ceu dos templos e á abobada do infinito.

* * *

Os negocios dos paes de Fantina tiveram uma terrivel queda financeira. Uma pequena casa e uns pequenos campos, unicos bens que possuiam, foram hypothecados a Gregorio do Valle. E, não obstante isso, os recursos pecuniarios escasseavam, cada vez mais; porque uma doença pertinaz do pae de Fantina, junta a uma divida, já provinda dos avós, que foi preciso pagar, levaram os pobres velhos á ultima necessidade.

Fantina deixou, então, de ler romances, e trabalhou porfiadamente, de dia e de noite, para remir as agonias da familia. Mas o trabalho da costura era inefficaz, para acudir ás criticas circumstancias em que todos viviam.

* * *

Gregorio do Valle teve, então, a ideia mais honrosa de todos os seus negocios. Foi pedir Fantina em casamento; e os paes, que viram abrirem-se as portas á felicidade e á abundancia, instaram com a filha, para que sacrificasse o coração, em holocausto ao descanso dos velhos.

Fantina prometteu casar com Gregorio, e tudo se preparou, alegre e satisfeito, para as bodas. Até o pae d'ella remoçou de repente, no meio da doença.

E, comtudo, n'essa mesma noite e nas horas caladas, em que só vela a consciencia, Fantina chorou de desespêro, ao lembrar-se que ia enterrar debaixo de um cepo de materia aquellas santas illusões da sua vida, que, tantas vezes, lhe voaram do coração, ao resplendor dos sonhos de donzella, como aves nocturnas que se erguem ao resplendor das estrellas.

Ella, que tinha alevantado tantas vezes a phantasia ás regiões luminosas do amor, tinha

de abaixar a fronte ao pé da mais terrivel realidade e do positivismo grosseiro e bestial.

Sonhadora do norte, transplantada no recanto de uma aldeia, entrevia bem, nos instinctos espontaneos e vivos da sua intelligencia, que uma porta de bronze lhe ia fechar de uma vez para sempre a felicidade.

* * *

Marcara-se o domingo para a festa do casamento.

O noivo tingira de preto os cabellos.

Comprara uma cadeia de oiro para o relogio, que pesava 50 grammas; enfeitara os dedos com dois vistosos argolões; comprara tambem para a noiva ricos adresses e vestidos; e esperava, no idiotismo feliz da materia, a realisação final dos seus sonhos.

Mas, quando, de manhã, a mãe de Fantina, admirada do silencio do quarto, ia despertar a filha e beijal-a pela ultima vez, no leito de solteira, a cama estava deserta. Fantina fugira de casa; e, em cima da meza, estava um bilhete, em que ella pedia perdão aos paes.

* * *

No anno seguinte, commentara-se nos cafés da capital a vocação, verdadeiramente artistica, de uma criança, vinda da provincia, e acolhida em casa de uma actriz das mais distinctas do Gymnasio. A sua estreia havia de ter logar na ***Força do Destino***, dramalhão antigo, mas com lances de merecimento e com enrêdo proprio para commover as plateias. E essa estreia era esperada com anciedade pelos commentadores d'aquelle prodigio.

Chegou este dia. Fantina ia, pela primeira vez, defrontar com esse mar instavel que se chama o ***publico***, e arrostar as garras crueis d'esse monstro que se chama ***opinião***; e tremia, como nunca tremeu diante de seus paes.

Ella que deixara o lar paterno, em busca do movimento, do prazer e da alegria; ella, que sentira no peito a vocação de artista, e fôra, no sol da propria inspiração, ao encontro do seu destino; ella que tivera coragem, para ser má filha, abandonando os velhos que a criaram;

ella, emfim, que tivera forças para trocar o remanso do lar e a paz serena da aldeia e da familia, pelo bulicio do mundo e pelo turbilhão de Lisboa: tremia fundamente, ao lembrar-se que, a dois passos de si, estava uma turba de juizes, estranhos e indifferentes, e que haviam de condemnal-a ou absolvel-a, glorifical-a ou perdel-a, conforme o capricho de um momento e a alegria ou o aborrecimento de uma hora.

O seu olhar é que podia salval-a e dar-lhe a immortalidade, conforme o resplendor que pudesse incutir-lhe. O seu sorriso podia atirar com ela á superficie da fama ou afundal-a no abysmo da indifferença, conforme a doçura de que estivesse possuida. E a intelligencia que sentia em si, e a exaltação do genio que a dominava, por mais pronunciadas e evidentes que fossem, podiam ser sacrificadas á frieza d'esse olhar ou á pallidez d'esse sorriso.

Por isso, quando o panno subiu, e que as luzes da ribalta bateram de chofre no rosto de Fantina, ella ia quasi desmaiando. O publico, porém, tudo lhe perdoou, porque a achou surprehendente de belleza.

Em todo o caso, produziu o deslumbramento d'uma criança formosa; mas ninguem conheceu a artista, no primeiro acto.

* * *

No segundo acto, havia uma scena, que parece fôra escripta de proposito para Fantina.

Uma mãe, que estava moribunda, tornava a vêr, pela ultima vez, a filha que um amante roubara do lar materno, e que abandonara depois, no bulicio de uma grande cidade. E essa filha, peccadora arrependida, vinha ajoelhar aos pés da mãe e ungir-se em profunda contricção das culpas do passado.

A mãe, essa abraçava-a, chorando; deitava-lhe a benção protectora, no momento derradeiro; e ambas ellas, apesar da tristeza e solemnidade do momento, se deixavam ir, como enlevadas na recordação das amarguras do preterito.

Havia, n'esse acto, principalmente a narração, que a filha fazia das agruras intimas, que lhe entravam fundas na alma, quando mais lhe luzia o sorriso nos labios, que era quasi um

ecco do que Fantina tinha soffrido, desde que fugira de casa.

* * *

Estava tudo preparado. Tocava a orchestra, e havia na plateia o movimento accelerado dos espectadores, que tomavam os seus lugares, quando ao camarim da Fantina foi ter um telegramma que lhe era dirigido.

N'esse telegramma, uma sua amiga de infancia, com quem ella sempre entreteve, apesar de ausentes, as relações de amizade, participava-lhe que seu pae fallecera, e que sua mãe se achava gravemente doente, a ponto de que só a presença da filha lhe poderia dar allivio.

Fantina leu; teve o espasmo de loucura; e o primeiro pensamento foi fugir á tentação, que a perdera e correr immediatamente á cabeceira da sua mãe. As notas finaes da orchestra morriam nos bastidores; porém, o contra-regra chamava tudo a postos; e não sei quem, vendo-a extatica e immovel, impelliu-a brandamente para o palco.

N'isto subiu o panno; os revérberos das luzes; o zumbido dos espectadores; o assestamento e a scintillação dos binoculos; e não sei que louca fascinação passou-lhe sobre o craneo, como o relampago de uma batalha. E nervosa, quasi doida, ficou.

Segundo a exigencia do drama, estava n'uma poltrona uma velha moribunda, que representava o papel de mãe. Quando Fantina a encarou, pareceu-lhe, effectivamente, que via diante de si a mãe que a criara e alimentara, e que, a essas horas, chorava, nos paroxismos da morte, a falta da filha. E tão profundamente se possuiu do seu papel, que, obedecendo, machinalmente ao ponto, emquanto á recitação, declamou-o, n'um tom profundo de realidade e tristeza, que vibrou como corrente magnetica no coração de todos os espectadores.

Quem soubesse as amarguras intimas de Fantina, veria alli simplesmente uma filha arrependida. Mas o publico só viu a artista, realçada de formosura e talento, possuindo o segredo de arrancar dos olhos, os mais frios, lagrimas de verdadeira commoção.

Foi um triunfo! E comtudo Fantina chorava

lagrimas de sangue, onde se desafogava uma dôr sublime, que ninguem comprehendia, e que lhe subia do coração, na maré cheia de martyrio e contricção.

* * *

D'alli a dois dias, entrava uma louca no hospital de Rilhafolles, e ahi vegetou alguns annos, até que morreu. Ninguem mais se lembrou da actriz, que fizera da sua estreia uma maravilha; e, apenas, de uma só vez, a foi vêr um homem, alquebrado de annos e doenças, que se chamava Gregorio do Valle. Viu-a; e chorou por ella, esse homem, que não tivera coração em toda a mocidade, e que, afinal, amou doidamente aquella desgraçada criança.

FIM

HISTORIA AZUL

HISTORIA AZUL

Chamaram-lhe *o medico dos pobres*, porque lhes dedicava um amor e uma caridade extremosa. Orfão desde o berço, entregue desde pequeno aos cuidados officiosos de um tutor, sem conhecer nem o lampadario do amor materno, nem a uncção respeitosa da protecção de um pae, chegara aos empurrões da sorte, nos collegios, na Universidade, e sob as ordens da tutella, até á maioridade.

O templo venerando da familia, onde as lagrimas se dissipam como incenso nas caricias do amor, e onde os sorrisos são os arcos d'alliança que amaciam as tempestades, conhecia-os sómente, como um profano conhece os ritos de uma religião estranha. E, muitas ve-

zes, nas horas calladas da noite e nos momentos de vigilia e concentração, em que a consciencia eleva á superficie a espuma sangrenta de todas as luctas, elle chorava interiormente d'essa solidão de affectos, a que o condemnara o destino.

Por isso, aquelle anceio de amor, nunca experimentado, e aquelle sonho vago de um mundo desconhecido, trasbordavam, como a repreza de um lago, por sobre o espaço plano e razo da humanidade, onde fermentava a pobreza e medrava a desventura.

E os pobres viam-no passar, como um santo, glorificado no nimbo da sua missão. E, á porta das cabanas, na sombra dos tugurios, no estrado da amargura, o seu apparecimento symbolisava a imagem protectora da Providencia.

E, no entanto não era um *urso*, fugido ao convivio das salas ou ás attracções da convivencia; pelo contrario, embora de uma correcção, ás vezes fria e impenetravel perante os indifferentes, era, na intimidade, d'uma brandura, quasi infantil, e d'uma sinceridade nobre, deixando-se arrastar, como nas ondas de um

sonho, por estas santas ilusões da vida e da mocidade.

Comentava-se, comtudo, a sua reserva de sentimentos. Parecia que o amor pelos pobres lhe absorvera totalmente o coração. E, n'uma sala, n'um passeio, n'um baile, n'uma festa qualquer, elle admirava, com o vigor da mocidade, o esplendor da belleza; mas os seus labios não tinham proferido ainda uma palavra, sequer de banal admiração perante uma senhora, um galanteio de momento perante uma donzella.

Esta permanente rigidez, esta seriedade respeitosa, começou a provocar a *bisbilhotice* dos salões.

Pois, não haveria n'esse medico, cheio de vida e de gloria, o sentimento predominante de toda a mocidade? Encobriria, por ventura, aquella reserva um orgulho estólido, ou alguma intima desillusão?

Mas o passado d'elle, era conhecido. Não amara ainda, nem sequer se lhe sabia de alguma d'estas simpathias rapidas, que são os meteoros da paixão, e que vão, muitas vezes, recozendo dentro do peito, escondidas até do proprio pensamento. E, por isso mesmo, a vai-

dade instinctiva da sua posição e gloria, o descaroamento da sua infancia, e uma rigidez exclusiva de estoico, deviam ser as causas dominantes da sua isenção, como namorado.

* * *

Ao contrario d'isso, Etelvina, a filha do commendador, educada no ambiente dôce e tepido da riqueza, com todas as garantias de filha unica e de herdeira abastada, representava a alegria ruidosa e vibrante da primavera.

No esplendor dos olhos, no carmim dos labios, na fartura dos cabellos, na attracção magica do rosto, havia mesmo esse condão sublime da mulher, que sabe espalhar em volta de si o alvor transparente de uma festa e a suggestão dominante da graça e do encanto. Porque ella era, de facto, o bulicio das salas e o desespêro dos namorados.

Ás vezes, passava-lhe no rosto como que a expressão indefinida de uma santa que andasse colhendo na terra um rosario de amarguras, para, depois, no cadinho mysterioso da alma, as transformar em balsamo bemdito de

uma felicidade perenne; e, outras vezes, (e era essa a feição dominante), possuia no sorriso um mixto de malicia e de sarcasmo, de ternura e de veneno, que formava a tentação de um anjo mau, involto nas azas brancas da candura e do amor.

* * *

Cortejavam-na e perseguiam-na. Mas ella, como rainha, passava por cima do estrado de flores, dispensando apenas, por etiqueta de mulher bonita, a graça de um sorriso e a doçura de um olhar. A sua fortuna attraía os especuladores; a sua formosura arrastava-lhe os apaixonados. E Etelvina, no *coquettismo* ingenito das mulheres formosas, e na desconfiança intima das herdeiras ricas, tinha chegado aos vinte e dois annos, tendo bem aferrolhada dentro do peito, com o orgulho da sua riqueza e da sua formosura, a chave do seu destino.

*
* *

E, entretanto, na orbita de tantos admiradores, o medico tinha por ella apenas o tratamento respeitoso, embora dôce e cortez, que tinha para as outras mulheres. Estatua inflexivel do cavalheirismo, parecia trazer no peito uma cota de malha, para se defender da tentação. E ella, por esse preconceito do poder e da grandeza, que não admitte independencia, e por esta reacção do orgulho e da vaidade, tão frequente nas mulheres bonitas, começou a sentir-se levemente irritada por aquella correcção imperturbavel.

Então, ora com meia sinceridade, ora com toda a inspiração da arte, Etelvina tentou involvel-o no arrastamento imprevisto e traiçoeiro da sua belleza; e, entre essas duas criaturas, apparentemente de sentimentos tão oppostos, travou-se, d'ahi por diante, uma lucta de coração.

Pelo seu lado, o medico sentia, de vez em quando, descerrar-se, como no resplendor de um fogo de Bengala, o intimo retraimento que

ia constituindo n'elle quasi um habito; e, n'essas horas, estremecia, receioso de um abysmo que se lhe defrontava.

Haveria n'essa mulher *coquette*, provocadora, cheia de viveza e de graça, que ora se lhe afigurava como um perigo, e ora o tentava como uma promessa, a plenitude de sentimentos, para constituir a felicidade de um homem? E, n'esse torvellinho de tristeza, de alegria, de doçura, e desespêro, com que ella se transformava successivamente, haveria, como no fundo de um mar revolto, a perola escondida no esplendor de uma vegetação, cheia de pureza e de brilho?

Era possivel que tudo isso fosse apenas o trasbordar alegre e espontaneo da mocidade, a eterna comedia de um coração de donzella; e que, depois, no remanso do lar e na responsabilidade da familia, ella deixasse precipitar, como na reacção quimica da alma, simplesmente o colorido fixo das virtudes de esposa. Ou, então, (e essa ideia é que o sobresaltava), aquelle brincar incessante de criança, aquella continua exposição em *vitrine*, de graça, de *coquettismo* de vaidade, de formosura e do

orgulho da riqueza, podia repercutir a manifestação morbida de uma loucura precoce —a loucura da tentação fatua e da vaidade egoista.

Havia n'essas duvidas um abysmo; e, no fundo d'elle, podia estar represada a agua dos enxurros, trazendo á superficie os miasmas da podridão, ou a corrente pura a transfundir a vida por todos os poros.

Fosse como fosse, quando o medico deu por si, estava loucamente apaixonado por Etelvina. E ella sabia-o; e comprehendia bem que um homem da sua têmpera escrevera o seu affecto, com a tinta vermelha do proprio sangue, no fundo da consciencia, e que levantara para sempre na sua vida o lema de todas as aspirações. E, então, na alternativa incessante da meiguice e provocação, da doçura e da crueldade, ora involvendo-o n'um olhar de piedade, ora queimando-o n'um sorriso de blasfemia, ardente e apaixonada por momentos, fria e zombeteira por outros, trazia-o no balanço de uma rêde magica, por cima da qual passassem as tormentas tropicaes, de involta com as aves do paraizo.

E, quando elle por fim pôde dizer-lhe, com a voz tremente e com o rosto pallido — tal era a responsabilidade d'esse instante — *que a amava*, Etelvina respondeu-lhe:

— Que, nada lhe podia dizer; porque nada mais desejara d'elle, senão vêl-o como os anjos caidos, sem as azas do seu indifferentismo. E, agora, accrescentou ella, seu estoico, não perca mais comigo o tempo, tão precioso para os seus pobres.

* * *

Effectivamente, o medico, d'ahi por diante, não se desviou nunca da missão assidua da caridade e do exercicio evangelico da sua profissão. Diante de Etelvina, diante de qualquer outra mulher, retomara a correcção imperturbavel e cortez do seu passado inteiro. Se havia paixões dentro do peito, a crôsta da cratera estava serena, e os musculos da face obedeciam disciplinadamente a essa tranquillidade externa. Apenas, como a estatua do desengano, ficou-lhe mais amargoso o sorriso, e,

ás vezes, passava-lhe fugace no rosto o lampejo mysterioso d'uma saudade encoberta.

E incoherencia notavel das mulheres! Etelvina, que o encontrava quasi todos os dias, e a cujos ouvidos chegavam continuadamente os eccos da sua gloria e as bençãos da sua bondade, começou a sentir-se, não irritada, como anteriormente, por essa correcção e rigidez imperturbavel, mas arrastada pela admiração geral.

Ha dois sentimentos que vão direitos como illuminuras ao coração das mulheres — a coragem e a bondade; e o medico era um santo que tinha essa heroicidade carniceira de enterrar o proprio affecto — o primeiro e unico sonho da sua vida, sob o apostolado da sua profissão.

E ella, como iconoclasta cruel, por um simples orgulho de mulher bonita, e sómente para castigo de pequenos despeitos, destruira o altar azul, onde esse rapaz a levantara por imagem da sua dedicação!

Então, começou novamente a lucta, em que o ataque partira de Etelvina. Não era já o artificio *coquet*, era a commoção saudosa pelo

passado, a admiração reverente, um mixto de vergonha e remorso, a consciencia da inferioridade de sentimentos, e a aspiração mysteriosa de um futuro desconhecido, que a dominavam.

Pelo seu lado, o medico nem conhecia, ou, pelo menos, parecia que não conhecia essa transformação; e, na serenidade da sua isenção, involvia Etelvina no tratamento cortez, bondoso e impenetravel que tinha para todas as pessoas.

E, quando ella depois de varias noites de expiação, e quando, dentro da alma, lhe irrompeu indomita a labareda, teve ensejo de se encontrar a sós com elle, e lhe pediu perdão do modo injustificavel e desabrido como recebera a declaração do seu amor, o medico respondeu-lhe, com a maxima cortezia:

—Que nada tinha a perdoar, antes devia agradecer, o ter-lhe ella recordado o exercicio da caridade.—Effectivamente, accrescentou elle, resolvi dedicar-me para sempre aos meus pobres. E ainda bem, que v. ex.ª é rica, e não precisa da minha dedicação!

*
* *

Um anno depois, encontraram-se ambos n'uma praia de banhos. Para o medico, esse tempo decorrera com a regularidade de uma ampulheta. Alargou-se o horisonte das suas obras de caridade; e, se é possivel, retraiu-se-lhe mais o coração. De resto, o esplendor da beneficencia e as bençãos do povo, tinham continuado a formar um estrado de marfim á serenidade da sua consciencia. Mais um degrau na escada da vida, inflorado pelo resplendor da sua bondade e da sua missão; e nada mais.

Etelvina, porém, depurara as criancices de donzella, para deixar em relêvo a expiação de um amor sem esperanças. E, como o travor de um veneno lento e mortal, infundira-se-lhe no coração uma indefinida morbidez. Era a dôr pungente da saudade, avivada na consciencia de um remorso, e como que um sonho perdido nos delirios de uma febre, a ponto de que ella desejava morrer.

Do bulicio de outr'ora, da ironia zombeteira do sorriso, da provocação tentadora do olhar, e d'esse mixto de santa e de fada, de tentação e doçura, de sarcasmo e crueldade, só ficara a expressão limpida, azul e transparente, de uma alma, purificada no ardor de uma paixão verdadeira.

*
* *

Um dia, ao tomar banho, uma onda arrastou-a para o mar; e ella deixou-se arrastar, quasi sem esforço nem reacção, n'esse abandono de uma vida já cansada.

Houve na praia um grito geral de horror. Um dos primeiros a soccorrel-a, foi o medico.

Era a sua missão e o seu dever; e, quando a pôde levantar nos braços, salvando-a da morte imminente, pareceu-lhe que Deus lhe illuminara, no sentimento da caridade, a penumbra do coração. Mas o rosto ficou sereno, na tranquillidade do apostolado.

Conduziram Etelvina para uma cama proxima; e elle mesmo lhe prestou os serviços da medicina.

Ahi, quando ella pôde recuperar-se do desfallecimento, e começou a ter a consciencia do que se passava, apertou-lhe com doçura as mãos, e disse-lhe tremente:

— Porque me não deixou morrer?...

O medico, então, olhou em derredor. Por acaso não estava mais ninguem ao pé d'elles, n'essa occasião. E, ao vêl-a, entre a pallidez da morte e a reacção da vida, entre o desfallecimento da lucta e o accordar do coração, prostrada, na dolorosa expressão do soffrimento e na angelica doçura da resignação, ajoelhou reverente e extatico. E, quasi alheio de si proprio, como um somnambulo, e, n'uma vertigem indefinida de amor e de paixão, beijou-a na testa.

Por outro acaso singular, Etelvina abriu os olhos n'esse momento; mas, antes que pudesse recuperar-se da surpresa, o medico disse-lhe, com a voz tremente, n'uma unção infinita:

— Perdoe-me! É que, eu amei-a sempre, e ainda a amo!

FIM

O RETRATO

O RETRATO

I

Afinal, Lucilia de Castro não passava de uma leviana e de uma ambiciosa. Tinha acceitado a côrte de Alvaro de Mello, e tinha chegado até a combinar o casamento e a trocar prendas de noivado, em que ella lhe dera um medalhão de prata com o seu retrato. Mas fluctuava agora, entre a realisação da sua promessa e o namoro que lhe fazia Carlos Pimentel.

Sua mãe tinha já fallecido, e o pae, um modesto proprietario, que possuia alguns bens no Brazil, partira, ha mezes, para lá, afim de liquidar a fortuna, deixando a filha em companhia de um criado e de uma criada de toda a confiança. E, coisa singular! Tanto ella como

Alvaro de Mello escondiam de toda a gente e dos proprios criados o seu amor, ao passo que Carlos Pimentel ostentava publicamente os seus galanteios.

Só Alvaro de Mello os não conhecia, porque vivia sempre absorvido no seu trabalho. Era empregado n'uma casa commercial, onde tinha um ordenado vantajoso; e a sua labutação quotidiana, bem como a preoccupação das suas obrigações, não lhe deixavam logar, para ouvir e conhecer os commentarios do soalheiro.

A sua vida fôra um exemplo constante de honestidade e trabalho. O dono do estabelecimento estimava-o profundamente; depositava n'elle uma confiança plena; e tinha um grande respeito pelas qualidades que o adornavam. Porque, realmente, Alvaro de Mello possuia, ao mesmo tempo, a alma diamantina e o coração de oiro.

Sincero nas palavras, pensado e firme nas acções, delicado nas maneiras, resoluto nos intentos, e correcto no seu procedimento, e unindo as fraquezas terrestres ás virtudes sobrenaturaes, era, no dizer de Victor Hugo,

uma criatura perfeita; porque juntava os defeitos de um homem ás qualidades de um anjo.

Ás vezes, uma ligeira nuvem lhe passava no semblante, como se fosse o halito pesado de um abysmo desconhecido, E, outras vezes, sem elle mesmo o poder explicar, nas horas tristes da noite, ou na saudade indefinida do crepusculo, uma tristeza vaga lhe subia do coração, como se fosse algum suor de um penar que se não vê, ou a antevisão de um mal que se receia.

Mas, quando isso acontecia, a ideia do seu amor e do seu casamento vinha logo, como agua lustral de um sacrificio puro, lavar os resaibos d'essa recondita amargura.

Carlos Pimentel, ao contrario de tudo isso, era rico e fidalgo, alegre e zombeteiro, querido das damas e amante de esturdias. Em vez de viver do trabalho, vivia dos desbaratos da sua fortuna, e passava o tempo nos cafés, no jogo e nos prostibulos. Tinha para com as mulheres a impostura da seducção. A sua alma fermentava na ignominia, o seu coração pulsava na degeneração. Tinha espinhos encobertos entre a verdura da rama; e era, por assim

dizer, um d'estes abortos sociaes que a educação superficial veste de musgo ou de flôres, para encobrir a nudez da ruina, e, com ella, os vermes da podridão.

Jeronimo de Castro, pae de Lucia, tinha sido tambem um trabalhador indefesso, que ganhara honradamente no Brazil uma fortuna modesta. E, por isso mesmo, para elle o trabalho era como outra alavanca de Archimedes, capaz de equilibrar o mundo inteiro; a justeza de caracter, a têmpera da perfeição; e o regramento dos costumes, um estalão da escala social.

Idolatrara a fallecida esposa, e tinha-se esmerado na educação da filha, tratando sempre de lhe incutir o sentimento da virtude, com todos os mais attributos da dignidade humana. E dizia-lhe, muitas vezes:

—Que ao defrontar com o seu destino, se não deixasse illudir pelas apparencias, nem pelos ouropeis do luxo e grandeza.—Valia mais, accrescentava elle, um coração nobre, do que uma mina de brilhantes; e o trabalho, só de per si, era superior a toda a ostentação da nobreza.

A filha recolhia, depois, estas palavras na consciencia, e bem sabia que, se, pela quebra da sua honestidade, lhe desse um desgosto que o envergonhasse por toda a vida, o mataria depressa: tal era o timbre da dignidade que ella reconhecia em seu pae.

Mas o diabo tentou os proprios anjos. E foi, assim, que Lucia, depois de ter acceitado a côrte de Alvaro de Mello, ter combinado o casamento com elle, e lhe haver dado até aquelle medalhão com o seu retrato, começou a substituir no seu coração essa outra imagem pela de Carlos Pimentel. E sentiu a avultar-lhe nos sentidos a suggestão de que este era rico, fidalgo, alegre e folgazão, ao passo que Alvaro de Mello não passava de um modesto empregado, e andava quasi sempre revestido de uma gravidade austera, e, por vezes, infiltrado de saudade e melancholia.

Demais a mais, era excessivamente apegado ao trabalho, como quem só queria argamassar todo o futuro no cimento do suor. E, embora o trabalho fosse respeitavel, em todo o caso, a preoccupação de se preencher toda a vida, sempre labutando, traria ao lar domestico uma

reclusão excessiva. Ella via o mundo atravez de um prisma, completamente diverso.

Com quem a vida seria alegre e festejada, seria com o Carlos Pimentel, que era rico e alegre, e que tinha todos os dotes de um mundano prasenteiro e de um fidalgo de sociedade animada.

Fosse como fosse, e até sem que Alvaro de Mello desconfiasse d'isso, Lucia foi acceitando a côrte d'aquelle Pimentel.

II

Alvaro de Mello começou, então, a conhecer uma certa frieza n'ella. Não sabia d'onde isso provinha; mas uma aragem de ciume começou tambem a sobresaltal-o. E o coração deu-lhe o rebate da ruina, ao mesmo tempo que uma tristeza indefinida lhe restrugia como um triste clarim dentro do peito.

Ainda assim, attraia-o sempre a casa de Lucia, que era o templo onde estava a divindade dos seus amores; e parecia-lhe até que a

imagem doirada que elle adorava, coroada de um nimbo, feito de radios celestes, vinha alumiar cá por fóra todo o seu destino.

E, n'uma noite de verão, em que vagueava pelos arredores, á tôa da sua saudade, viu abrir-se a porta da rua, introduzir-se um vulto de homem por ella, e fechar-se de novo essa porta.

Sabia bem que o pae de Lucia estava ainda ausente, e, por isso aquelle facto despertou-lhe uma terrivel suspeita. E, depois de breve hesitação, quasi desvairado e sem consciencia nitida do que fazia, galgou a parede do jardim, trepou a uma janella do rez do chão, que tinha a portada e vidraça abertas, e entrou para dentro.

O espectaculo que se lhe deparou, foi a ruina completa dos seus sonhos.

Lucia e Carlos Pimentel estavam sentados n'um sofá, tendo as mãos entrelaçadas, e ambos docemente conchegados.

O perjurio estava manifesto, e bem desmascarado o padrão da traição e deslealdade.

Quando os dois o viram, levantaram-se bruscamente, e Lucia exclamou:

—Que atrevimento foi esse?

E Carlos Pimentel, sem mesmo dar tempo a qualquer resposta, vociferou:

—O atrevimento lh'o dou eu!

E, immediatamente, disparou sobre aquelle um tiro de revólver, que o feriu n'um braço.

Accudiram tambem immediatamente os criados; e um d'estes abriu a porta, e gritou por soccorro, o que fez accorrer logo um policia.

Lucia tinha desmaiado, e desmaiada se conservou. E, então, o Pimentel pensou rapidamente no escandalo que se ia dar. Ella ficaria desacreditada perante o publico; ficariam tambem descobertos os intentos seductores d'elle Pimentel; e, peior ainda que tudo isto, a sua alma cobarde temia a ira e a vingança, talvez mortal, de Jeronimo de Castro, quando voltasse do Brazil. E, assim, n'um lance theatral, rapidamente concebido, disse:

—Era um ladrão; e eu, que passei por acaso aqui, e conheço esta familia, quando o vi entrar, logo me lembrei que se tractava de algum roubo. Subi pela janella, e felizmente a tempo de evitar o crime. Para isso fui obri-

gado a disparar o revólver, para o atemorisar, não tencionando, comtudo, feril-o.

Alvaro de Mello ficou silencioso. Passou-lhe tambem rapidamente no pensamento que dizer a verdade seria desacreditar e deshonrar Lucia, a quem tanto amava; porque, apesar da sua imprudencia, ainda a julgava honesta. E lembrou-se tambem da magua que daria ao pae d'ella.

Por outro lado, suppoz que ninguem daria credito á declaração de Carlos Pimentel, e que a verdade se desvendaria, naturalmente de per si.

E, na hesitação do que devia fazer e declarar, sentiu que o policia o apalpava, e lhe tirava do bolso do collete o medalhão.

—Ahi está já uma prova do roubo, accrescentou o Pimentel.

Então, o desgraçado bem prégou que não era ladrão, que não entrara para roubar, nem roubara esse medalhão. E, quando estava hesitando se explicaria ou não todo o caso, o policia, o criado e o Pimentel impelliram-no violentamente para fóra da porta.

A consequencia foi que, por mais que elle

quizesse justificar a sua honradez, declarando tudo, e dissesse que não era ladrão, lá foi parar á cadeia.

III

A entrevista que Carlos Pimentel teve com Lucia fôra a primeira e unica. E essa, como vimos, foi interrompida por Alvaro de Mello, de modo que a honra d'ella nada soffreu.

Mas o orgulho d'elle é que soffreu; pois, quando Lucia lhe recusou uma outra entrevista, e se conservou n'um certo equilibrio de honestidade, Carlos Pimentel foi tambem acabando com o namôro, e o seu desanimo e frieza desceram até á quebra completa do galanteio.

Duas coisas concorreram para isso:

Primeiramente, por um lado, da parte de Carlos Pimentel, ia-se gorando a esperança da conquista; e nunca elle pensou no casamento. E, por outro lado, a sua libertinagem, o jogo e os prazeres frivolos foram dissipando, pouco a pouco, os seus haveres.

A ruindade de caracter foi-lhe subindo á superficie, como o lodaçal mephitico dos pantanos. A consideração perante o publico foi-se apagando; e derreteu-se a camada de cera que encobria a maldade da sua constituição. E tudo isso, pelo rebate do mal, foi chegando aos ouvidos de Lucia.

Em segundo logar, deu-se n'esta uma transformação radical. Como as flores que renascem do lodo das ruinas, no seu coração, despedaçado pela scena do supposto roubo, levantou-se uma perpetua, que symbolisava o remorso e a saudade: o remorso, por ter contribuido, para que fosse justiçado como ladrão esse caracter nobre, que, tantas vezes, lhe depuzera aos pés todas as anciedades da sua vida; e a saudade, porque a imagem d'essa mesma criatura lhe abarcava agora todo o horisonte da alma, como o reflexo de uma estrella que scintillasse inteira nos recantos de uma caverna.

Por tudo isto, muitas vezes, lhe affluia o pranto aos olhos; de modo que esse baptismo ia lavando e purificando, pouco a pouco, a torrente deleteria que a tinha conspurcado. E uma penitencia intima, indefinida, mas cruciante,

como o cilicio da propria consciencia, lhe ia cortando tambem os sarçaes do sentimento.

E, então, é que, recolhendo-se ao oratorio da sua intima condemnação, viu claramente, como se estivesse n'um scafandro perdido no fundo do mar, desenrolarem-se em volta d'ella todas as ondas agitadas da sua existencia. E os remorsos da sua alma, outros tantos monstros marinhos, de bocca hiante e garras estendidas, enchiam-na de pavor.

Educada nos carinhos de sua mãe, depressa a perdeu, ficando-lhe ainda nos labios a ambrosia dos beijos maternaes. Depois, seu pae, que a idolatrava, fez do proprio peito um ninho de amores; e, nos seus beijos, nos seus abraços e nos sorrisos e caricias, manteve-a sempre n'uma festa lustral de affecto e dedicação.

Chegada á puberdade, encontrou no caminho, como se fosse a escada de Israel que lhe ensinasse a subida para o ceu, e lhe mostrasse o campo eterno da felicidade, a affeição d'essa alma ingenua e pura, que se chamava Alvaro de Mello; d'essa criatura, quasi sobrenatural, que ás qualidades de um justo, á ternura de

um desgraçado e á bondade de um santo, unia a firmeza de passo nos atalhos da vida, e o esforço productivo nos pedregaes do trabalho.

Podia ter subido para o ceu, por essa escada, que elle lhe amparava, e planado entre as estrellas da ventura, elevando-se á immortalidade dos bemaventurados, com esse namorado, que tanto lhe queria, e com o pae d'ella, que tanto a idolatrava.

A serpente venenosa da ambição e da grandeza, e o vicio da leviandade indesculpavel, a par da sua má comprehensão da ventura real da vida, levou-a a despresar essa affeição. E, como as aves que se namoram das serpentes, deixou-se imbair da suggestão cancerosa de um reptil.

Ouviu apodar de ladrão esse martyr da sua leviandade e da sua ingratidão; e tinha-se callado, para não matar o pae de vergonha, se este soubesse que ella introduzira de noite em sua casa um lacrau, vestido de homem, rasgando, assim, a propria virtude, n'um acto indecoroso. E nem sequer podia declarar toda a verdade; porque bem sabia que o pae tinha

uma lesão de coração adiantada, que mais depressa o mataria com um abalo tão repulsivo.

Para martyrio supremo, collocada n'um dilema terrivel, não sabia o que havia de fazer.

Declarar a verdade era a deshonra completa para si, o que já pouco lhe importava; mas peior do que tudo isso, era tambem a morte do pae, ou a desgraça cruciante d'elle por toda a vida. E não declarar a verdade era deixar condemnar o innocente, que lhe dera, como n'um *bouquet* de festa nupcial, todas as rosas da sua alma, todos os aromas do seu coração. Deus a amparasse e illuminasse, para que não matasse o pae, nem condemnasse o innocente!

IV

No dia do julgamento, o agente do Ministerio Publico requereu a assistencia de Lucia. Já lhe tinha fallecido o pae no Brazil, sem chegar a saber coisa nenhuma d'aquelle drama. E, por isso, quando foi chamada a fazer declarações, vinha ainda vestida de luto.

Extremamente pallida, e extremamente abatida, a sua formosura era ainda deslumbrante. Parecia que as sombras do luto faziam d'ella a estatua da *Soledade*, reflectindo a amargura, o remorso e a vergonha, n'um grande espelho moral de tristeza e desalento.

E, ao lançar os olhos para Alvaro de Mello, que estava sentado no banco dos criminosos, ia caindo aturdida e fulminada, se o official de diligencias a não tivesse amparado. E um chôro convulsivo a comprimiu, em soluços, desde logo.

Quando o juiz lhe perguntou como os factos se tinham passado, contou exactamente as coisas como ellas se deram, accrescentando que, se o não tinha declarado mais cedo, fôra com receio de matar o pae; porque, além de conhecer o caracter brioso e intransigente d'elle, sabia que tinha uma lesão cardiaca, muito adiantada, de que já fallecera, sem saber coisa nenhuma.

—Pela minha parte, accrescentou, bem sei que esta declaração me deshonra, na opinião do mundo. Pouco me importa com isso. A entrevista que dei, não passou de uma simples

leviandade, sem consequencias que compromettessem a minha honra. Mas, qualquer que seja o juizo que o mundo faça, é-me indifferente isso tudo. Se alguma coisa eu tivesse direito a esperar ou a pedir, era sómente que o desgraçado que ahi está sentado, que me dedicou todo o seu amor, e para quem eu procedi tão deslealmente, me perdoasse. De resto, o meu remorso é maior que a minha vergonha.

No semblante do reu, passou, então, um vinco de vitriolo, a par de um olhar fulminante, que lhe dirigiu. Já dissemos que elle tinha as virtudes de um anjo, unidas ás fraquezas de um homem; e uma d'essas fraquezas era a reserva no esquecimento, ou, pelo menos, a demora no perdão.

E áquelle olhar fulminante, correspondeu outra camada de lagrimas da parte de Lucia.

Foi absolvido; e então, o juiz mandou-lhe entregar o medalhão. Mas, quando elle o recebeu, disse, voltado para o magistrado:

—Dê-me licença, senhor juiz!

E violentamente arremessou esse medalhão contra a parede, onde se partiu em pedaços;

e um d'estes pedaços, vindo de recochete, bateu com força no rosto de Lucia, que tombou logo fulminada no chão.

Toda a gente suppoz que fôra aquella refracção que produziu este accidente. Mas verificou-se depois que tambem uma lesão cardiaca, herdada do pae, e provocada pela impressão d'aquelle arremêsso, é que produziu a morte.

FIM

O DIVORCIO

O DIVORCIO

A primavera ostentava todas as suas galas. O sussurro pantheista do universo, como surdina maravilhosa do infinito, erguia os hymnos reconditos da terra. O aroma das flores, como filtro magico da natureza, embriagava os sentidos. A brisa serena do mar vinha beijar o solo, no affecto communicativo dos dois elementos. As aves, n'uma harpa eolia da immensidade, festejavam as maravilhas da criação. A agua do rio luzia ao longe, como espelho dos areaes doirados. O bosque de pinheiros, de australias, de mimosas e de carvalhos, sacudia levemente essa tunica verde do sacerdocio alpestre. E tudo parecia respirar alegria, quietação e ventura.

E, entretanto, os dois esposos Maria da Soledade e Ernesto da Silva estavam tristes e abatidos.

Ambos elles, orfãos de pae e mãe, tinham casado por amor, havia quatro annos. Tinham uma filha, Maria da Graça, que era o lampadario do seu lar. Mas as circumstancias economicas assombravam-lhes a limpidez do coração.

Demais, ao passo que Ernesto da Silva era poupado e trabalhador, sonhando apenas com o bem-estar da familia, e recolhendo sempre ás horas vagas do seu trabalho, como as aves se recolhem ao beiral do seu tecto, a mulher tinha o instincto da ostentação e do luxo, o que mais aggravava aquella situação. É certo que se mostrava sempre canceirosa e dôce, e isto suavisava os sacrificios do marido; mas, algumas vezes, n'uma aspiração de grandeza, queixava-se da vida recolhida que levava, e parecia tambem que, n'esses momentos, uma leve sombra, perturbadora da consciencia, lhe subia ao semblante. E elle, que só via na felicidade conjugal o anceio completo da sua existencia, doia-se internamente de não ter meios

bastantes, para satisfazer os proprios caprichos da mulher.

A sua carta de engenheiro não lh'os tinha ainda proporcionado; e, n'essa occasião, estavam ambos discutindo a hypothese de um futuro, cheio de commodidades para elles e de grandeza para a filha.

Tinham-lhe offerecido uma collocação vantajosa, em Minas Geraes do Brazil, onde, em poucos annos, podia obter uma fortuna, que tudo compensasse. Mas era arriscado levar a filha para o clima ardente d'essa região; e mesmo a saude de Maria da Soledade, que era de natureza debil e delicada, tambem devia resentir-se fortemente, se fosse para lá.

Por isso, n'uma hesitação de todas as horas sobre se Ernesto devia acceitar essa collocação, e se, no caso affirmativo, devia levar comsigo a mulher e a filha, tinham já passado alguns dias. Por fim, resolveram que partisse elle só, para não arriscarem a vida da criança.

Para Ernesto da Silva, isto equivalia a um sacrificio doloroso; mas alentava-se no sonho doirado de que, em poucos annos, voltaria

rico, e viria encontrar a familia sadia e vigorosa.

E, após repetidos abraços na mulher e ardentes beijos na filha, tudo molhado em lagrimas, lá foi em demanda do seu destino.

* * *

Quando Ernesto da Silva se viu só no mar, e, encostado á amurada do navio, contemplou a vastidão do oceano, arrependeu-se da resolução que tomara; e deixou-se dominar de uma verdadeira obsessão phantasiosa. Na superficie das aguas, parecia-lhe que via a propria filha, a seguir o navio e a chorar de tristeza pelo pae, embalada docemente na espuma, e fitando-o, na suavidade dolorosa da sua innocencia. A esposa mandava-lhe de longe a manifestação enternecida do seu amor. As ondas que banhavam o convez, traziam-lhe as lagrimas que ella chorava. As gaivotas que voavam por cima do navio, eram mensageiras da sua tristeza, que lhe communicavam tambem a saudação da sua patria. E nas nuvens doiradas do horisonte, como se fossem as tran-

ças de oiro que tantas vezes tinha beijado, reflectia-se o semblante d'essa querida esposa.

As lagrimas caiam-lhe no proprio coração. Mas já não podia voltar para trás.

* * *

A collocação que esperava em Minas Geraes, não lhe falhou. Ficou director de umas importantes minas de oiro e ferro, com bello ordenado e participação nos lucros. E, assim, concebeu logo todas as esperanças de obter, em poucos annos, os meios indispensaveis, para garantir o seu futuro e todos os desejos da sua querida Soledade.

A primeira carta que elle escreveu, ao passo que traduzia as enormes saudades do seu coração, era cheia de esperança, coragem e confiança na situação que obtivera.

Dizia elle:

«*Minha filha:*

Cheguei, vi e venci. Estou engenheiro-director de umas importantes minas de oiro e

ferro em Minas Geraes, com bom ordenado e participação nos lucros. Para amostra da minha situação, remetto-te cem libras, no incluso cheque. Serve-me isto, para ao menos suavisar a saudade enorme que sinto pelo teu amor, e pelos abraços e beijos da nossa filha. Intemperies, calor abrazador da estação, agruras do trabalho, necessidade de manter a disciplina dos meus subordinados, cuidados de tarefa, lembranças do passado e ancias do futuro, tudo, tudo revoloteia em redor do teu nome e da nossa filha, nas ancias do meu peito e do meu coração. E, quando á noite recolho a casa, e a vaga dos meus afazeres e dos meus deveres me dá alguma tranquillidade ao pensamento, elle vôa, desde logo, ao nosso lar. Então, vejo-te fadigosa nos serviços da casa e nos cuidados da educação da nossa filha. Vejo a criança abraçar-te e beijar-te, e quasi que estendo os meus labios, a vêr se colho no ar algum beijo perdido.

Afinal, Soledade, n'esta vida, estamos sempre a desejar de ser mais velhos; e eu estou n'esse caso, porque desejo ter mais annos, para poder realisar toda a minha ambição.

Havemos até de comprar uma casa com um jardimsinho, que seja o refugio do nosso amor e o templo de nossa filha.

Abraça-a e beija-a por mim, e deita-me d'ahi tambem um beijo teu, a vêr se Deus m'o traz nas cordas da aragem.

Basta escrever para Ouro Preto, segundo as indicações do bilhete incluso.

Teu muito amado e dedicado esposo,

Ernesto da Silva».

A esta carta respondeu Maria da Soledade, do modo seguinte:

«*Meu amado Ernesto:*

Cá recebi a tua carta e o cheque das cem libras.

Chorei, ao lel-a, de saudade e de emoção pelas tuas palavras, e pela manifestação do teu amor. A nossa filha, graças a Deus, tem tido saude, e está cada vez mais bonita. Todos os dias lhe fallo em ti; e faço-a beijar o teu retrato, para que sempre te tenha presente no coração.

Não imaginas como, no meio da minha saudade, me faz sobresaltar de esperança o virmos a ter uma casinha nossa, onde eu te possa adorar sempre, como o dono d'ella e do meu coração, e onde possa fazer um relicario permanente de amor para a nossa filha e de dedicação para ti.

Para que vás sabendo o que se passa por aqui, ahi vão duas novidades. O nosso vizinho Anastacio morreu de repente, e a Maria da Cancella fugiu com um valdevinos, que a enganou, sem que por ora se saiba onde pára.

Adeus, meu Ernesto. Eu e a nossa filha estivemos de madrugada a deitar beijos na aragem pura, a vêr se Deus leva o nosso halito ao teu coração.

Tua esposa que muito e muito te quer,

Maria da Soledade».

N'uma outra carta, dizia tambem Ernesto da Silva:

«*Minha filha:*

Continuo trabalhando, e, graças a Deus, com prosperidade. Tenho fundadas esperanças de que, em poucos annos, veremos realisado o nosso ideal. Vai vendo se apparece um predio bonito e bem situado. Para essa hypothese, embora eu não tenha adquirido ainda o dinheiro preciso, tenho quem m'o abone.

Aqui o calor é insupportavel. Ás vezes parece-me até que abraso, como se fosse carqueja. Mas o ceu não se alcança sem sacrificio; e, para mim, o ceu é a realisação do nosso sonho. N'esta esperança, perco-me até em demoradas phantasias, que me suavisam um pouco a enormidade da saudade; como, por exemplo, sentir-te em casa propriamente nossa, com tudo o que te causasse prazer, e vêr ahi brincar a nossa filha; irmos todos passear pelo campo, ensinando-lhe eu já praticamente alguma coisa de botanica; e, emfim, entreter-me, fosse no que fosse, nos nossos serões, alumiado pelos teus olhos celestes, e doirado pelos sorrisos da nossa filha. Tudo isto me absorve cada dia n'uma suggestão venturosa.

Mando-te mais trezentas libras, no incluso cheque. É, por assim dizer, para o alicerce da nossa futura morada.

Teu muito e muito dedicado esposo,

Ernesto ».

Repetiram-se estas cartas, de lado a lado, por muito tempo. E da parte de Ernesto, quasi sempre acompanhadas de dinheiro, com o pedido feito á mulher de ir juntando e reservando o sobejo das despezas para a acquisição do predio, que servisse de ninho ao amor dos dois e da filha; ao que Maria da Soledade respondia, acariciando tambem esse desejo.

* * *

Doze annos se passaram assim, até que Ernesto da Silva adquiriu honradamente uma fortuna abastada, e resolveu voltar a Portugal. Tinha realisado o seu sonho.

Reiterou então á mulher o desejo de que

ella adquirisse aquelle predio; e participou-lhe que brevemente regressaria do Brazil. Mas não teve resposta.

Estaria ella doente ou morta? O coração saltava-lhe de impaciencia e temor. E, se tinha fallecido, como estaria a filha, sem protecção nem amparo? Tudo isso mais lhe fez apressar a partida.

E, comtudo, levava tambem saudades do Brazil.

O nosso esforço productivo é como se fosse uma lustração espiritual, que aromatisa todo o ser. No suor do trabalho, como no estridor da bigorna e do martello, é que se forja o bronze da nossa individualidade. A nossa autonomia perante a consciencia social, não é consagrada sómente pelo mundo, é-o principalmente pelo nosso labor. Para podermos ser *alguem*, é preciso ter a energia da actividade, acrisolada na canceira de cada dia. E Ernesto da Silva, como o Anteu da fabula, tendo-se alentado no seu esforço, em contacto com a terra, sentia que elle proprio se tinha transformado, e que, ao deixar o Brazil, deixava tambem lá um padrão da sua gloria.

Mas a mulher e a filha valiam para elle ainda muito mais.

* * *

Ao desembarcar em Lisboa, os ares da patria entraram-lhe inteiros no coração, n'uma outra phantasia cheia de illusões.

As estrellas que o fitavam, eram clarões da immortalidade, que lhe entremostravam o paraiso. O aroma das flores era o respirar da bemaventurança. O murmurio do mar, a orchestra da felicidade. E às aguas do Tejo, o prolongamento de uma cadeia de prata, que lhe juntava na imaginação a patria natural á patria quasi adoptiva. Parecia-lhe que a natureza inteira lhe acenava, na benção dos bem predestinados; que o sol, a aragem, as casas, os jardins, os campos e as collinas tinham surgido do nada, em holocausto á sua repatriação; e que, no horizonte, como um arco-iris de bonança reluzia o semblante doirado de sua esposa e a face angelical de sua filha.

Pouco se demorou em Lisboa, e seguiu para

a terra da sua naturalidade, a aldeia de Mattos, na provincia do Minho.

A casa que elle tinha habitado e deixado á mulher, já não estava occupada por ella, nem pela filha. Moravam lá outros inquilinos, que o informaram de que Maria da Soledade tinha mudado, tambem com a filha, para a aldeia, chamada Pedregosa, da Beira Alta, e que, depois d'isso, não tinha havido noticias suas.

Socegado um pouco, por se convencer de que ambas eram vivas, mas anciado, por desconhecer o motivo d'esta mudança e d'este desapparecimento, resolveu-se a ir immediatamente a Pedregosa. E, n'este sentido, chegando, n'uma certa manhã, á estação do caminho de ferro que ficava mais proxima, tomou ahi um automovel, e dirigiu-se para esse lugar.

Levava o coração em balanços. Que determinaria a mulher, pensava elle, a mudar de terra, e para tão longe? Porque razão, abandonaria a casinha, onde tinham passado tão felizes os primeiros annos do seu casamento?

Elle contava até encontral-a n'aquella outra aldeia de Mattos, já no predio comprado com o dinheiro que lhe mandara, agasalhando a filha

no seu amor, e ensinando-lhe a adorar o nome do pae. E dava-se agora aquella mudança inexplicavel!

E, quando ia acabrunhado n'esta meditação, viu ao longe, no meio da estrada, um vulto de mulher, que, apesar de esbatido pela distancia, logo conheceu. Era a Soledade.

Fez parar o automovel, e apressando-se nervosamente, seguiu ao seu encontro; e, quando se approximou, fez gesto de a abraçar, mesmo pelas costas. Então, ella, voltando-se de repente, fitou-o de relance; estremeceu d'um jacto; levou as mãos á cabeça, como se esta lhe estalasse n'esse momento; e deitou a fugir. Mas o marido alcançou-a depressa, e tomando-a por um braço, disse-lhe, espantado:

—Que significa isto? Não me conheces?

Estava um banco de pedra rude ao pé. Maria da Soledade caiu quasi desfallecida em cima d'esse banco; e, d'ahi a pouco, voltando a si, escondeu o rosto nas mãos, e desfez-se n'um pranto convulsivo.

O marido despegou-lhe irritado as mãos do rosto, e repetiu:

—Que significa isto?

A pobre, então, n'uma agonia desfeita, e, entrecortada a palavra pelas convulsões do peito, disse-lhe a tremer:

—Perdôa-me. Eu divorciei-me de ti, e casei-me segunda vez. Mas estou bem castigada.

—Que dizes?!... Estás divorciada?!... E a nossa filha?

Ernesto não chegou a ouvir a resposta; porque tombou de repente fulminado no chão.

* * *

Precisamos de voltar atrás, para explicar os acontecimentos.

Como já dissemos, Maria da Soledade tinha o instincto do luxo e da ostentação; mas o que não dissemos ainda, é que tinha tambem uma cabeça leviana.

Desvairavam-na ambições desmedidas, e invejava uma vida de prazer, de fausto, divertimentos e liberdade.

O marido tinha, certamente, qualidades excellentes; amava-a, e estremecia doidamente a filha. Mas era muito agarrado ao lar domestico;

só queria viver dentro d'elle, como se fosse n'uma cella; e aborrecia os gaudios ruidosos e os festejos espalhafatosos do mundo. De modo que, se voltasse do Brazil, embora ella fosse amada e estimada por elle, a vida seria de uma grande semsaboria, e teria de se resignar, como os animaes domesticos, a vegetar sempre á sombra da protecção vigilante de um patrão.

Tinha uma visinha, que se divorciara, com o fundamento de que o marido estivera dez annos no Brazil, sem haver noticias d'elle; e, depois de divorciada, seguiu, sem obstaculo nem prisões, uma vida, cheia de prazer, de liberdade e de alegria.

Este exemplo fez-lhe callo na consciencia; e, pelo sim e pelo não, resolveu occultar na vizinhança tambem as noticias do marido.

Depois, um jogador valdevino, chamado Ricardo de Carvalho, sem eira nem beira, mas com todas as astucias de um seductor, começou a namoral-a. E, sabendo que ella tinha muito dinheiro, que o marido lhe mandara, insinuou-lhe que mudasse de terra, e requeresse o divorcio, com aquelle fundamento

de que, ha mais de dez annos, não havia noticias de Ernesto da Silva.

Foi facil fazer essa prova; porque, infelizmente, ha sempre testemunhas que se prestam a tudo. E foi, d'este modo, que Maria da Soledade e o seu cumplice mudaram para a aldeia e logar de Pedregosa.

Ainda assim, o local onde se deu o encontro com Ernesto da Silva, era muito distante d'esse de Pedregosa; e, por isso, como é que Maria da Soledade se encontrava lá?

Vamos tambem explical-o.

Aquella Maria da Graça, filha do primeiro matrimonio, era divinamente formosa, e de alma tão divina como o semblante. A imagem do pae, que ella só conhecera em criança, estava-lhe gravada no coração, como se tivesse todas as perfeições de Jesus; e, nas ancias da sua innocencia, estendia os olhos pelo mar fóra, a vêr se abrangia na sua phantasia o local onde elle trabalhava.

Pedia a Deus que o fizesse voltar brevemente a Portugal, para que ella podesse regar em lagrimas de contentamento e felicidade as dôres que tinha chorado por essa ausencia.

E todos os seus pensamentos, os seus anceios e as suas orações, cifravam-se, principalmente, n'esse desejo.

Mas Ricardo de Carvalho não passava de um devasso ridiculo e de um ambicioso mau. Colhido o dinheiro de Maria da Soledade, tratou-a o peior possivel, chegando a insultal-a e espancal-a gravemente, e dizendo-lhe até que, assim como fôra infiel ao primeiro marido, lhe seria tambem infiel, se elle Ricardo não fosse vigilante.

Começou, então, a tental-o a formosura de Maria da Graça; e essa tentação levou-o mesmo ao excesso de querer violental-a. E, de tal modo insistiu na tentativa da sua torpeza, que a criança declarou á mãe que fugiria de casa, ainda que fosse para servir como criada, só para não estar ao pé de semelhante monstro.

Maria da Soledade, no meio dos seus erros, sempre era mãe; e, para effectivamente defender a filha, conseguiu collocal-a como enfermeira n'uma casa de saude.

A essa casa de saude é que Maria da Soledade ia vêl-a, quando, já perto d'ella, Ernesto da Silva a surprehendeu no caminho.

* * *

Quando Ernesto da Silva caiu fulminado, Maria da Soledade teve ainda animo, para dizer ao *chauffeur* que o levasse para essa casa de saude, que estava proxima, e que lhe indicou; e, depois, fugiu como doida, com as mãos apertadas na cabeça.

E aqui está como, d'esse modo, veiu aquelle desgraçado a dar entrada, inteiramente desfallecido, na mesma casa de saude, onde estava a filha.

* * *

Quando despiram o doente, encontraram-lhe uma carteira com bastante dinheiro em notas; com um cheque de doze mil escudos sobre o Banco Ultramarino; com o retrato de uma mulher e de uma criança; e um bilhete de identidade, tambem com o retrato e nome d'elle e o seu titulo de engenheiro.

O coração pulsava ainda, embora fracamente; e, por isso, não estava morto. Mas a pallidez da

face, o quebrantamento do pulso e a rigidez dos membros, davam pouca esperança de salvação.

Espalhou-se logo na casa de saude aquelle acontecimento. A carteira com o dinheiro foi guardada cuidadosamente; mas, por uma curiosidade natural, todos viram os retratos. E, então, uma das enfermeiras, a mais nova de todas, teve um ataque nervoso, que levou muito tempo a socegar. Era a filha d'elle, Maria da Graça.

E, logo que ella recuperou a consciencia de si, dirigiu-se ao director, declarando-lhe que o doente era seu pae, e pediu-lhe que permittisse que ella lhe servisse tambem de enfermeira.

—Mas, respondeu-lhe o director, como é que a menina prova isso?

—Pelos retratos que lhe foram encontrados e pelo bilhete de identidade. Um dos retratos é o de minha mãe, e o outro é, certamente, o meu, tirado, quando meu pae foi para o Brazil. É o retrato d'elle, eu bem o conheço, pelos outros que elle cá deixou.

—Não duvido que assim seja. Mas, como vê, para os homens ha enfermeiros, tambem homens. E eu só poderia consentir que a Ma-

ria da Graça ajudasse tambem o enfermeiro d'esse doente, ou mesmo que lhe servisse de enfermeira, se estivesse bem demonstrado pela sua certidão de edade, que, realmente, é seu pae.

—N'esse caso, respondeu ella, eu mandarei vir a certidão. Tenho uma pessoa amiga na terra onde nasci, que se incumbirá d'isso. Em tres dias, deve essa certidão estar aqui.

—Pois bem! Esperarei, então, esses tres dias. E Deus queira que a certidão encontre ainda vivo o doente.

—V. ex.ª podia ainda fazer-me outro favor, e era deixar que eu o visse, amiudadas vezes, e lhe beijasse as mãos.

—Não ha duvida n'isso.

* * *

Logo n'esse dia, Maria da Graça ajoelhou ao pé do pae. Pegou-lhe nas mãos, e cobriu-lh'as de beijos. Bem desejava beijal-o tambem no rosto, mas conteve-se, emquanto não viesse a certidão de edade, e tivesse ordem para isso. E foi-lhe até recommendado que, logo que

visse que o doente recobrava a consciencia de si proprio, tivesse cautella nas suas manifestações, para que, se, por ventura, elle a reconhecesse, não viesse a ter uma tal impressão que o podesse matar, ou, pelo menos, fizesse peorar.

* * *

O doente continuava inactivo e desfallecido. Frequentes vezes ao dia, Maria da Graça vinha beijar-lhe as mãos. Ajoelhava ao pé do leito. Pedia á Virgem Maria que o salvasse. Auscultava-lhe o coração; e o seu pranto, como um baptismo sagrado, ia lavar o rosto do pobre desfallecido.

Este conservava-se inerte. Mas, pouco a pouco, a vida foi reagindo; e, embora não tivesse ainda os olhos descerrados e desembaraçada a consciencia de si proprio, ia sentindo alguma coisa do mundo exterior. Conhecia que alguem lhe beijava as mãos; sentia tambem a humidade do pranto caindo sobre ellas; e, vagarosamente, dia a dia, ia distinguindo melhor as sombras.

* * *

Houve, então, o maximo cuidado de que, no pleno despertar do doente, a impressão da presença da filha o não fizesse recair novamente; e, n'esse sentido, o medico assistente preparou a scena, de combinação com Maria da Graça.

Assim, quando, após alguns dias, Ernesto da Silva começou a conhecer mais nitidamente o ambiente e as pessoas que d'elle se approximavam, Maria da Graça estava á sua cabeceira. O doente não podia abrir ainda bem os olhos; e, por isso, os tinha quasi sempre fechados. Mas, quando os abria, já ia fallando alguma coisa.

Julgando-o adormecido, Maria da Graça, segundo o seu habito, ajoelhou ao pé do leito, e beijou-lhe as mãos. Então, o doente abriu os olhos; fitou-a tão demoradamente, quanto a retina ainda o permittia; e um abalo nervoso lhe sacudiu todo o organismo.

— Meu Deus, pensou elle, que semelhança com minha filha!

E, dirigindo-se para ella, perguntou-lhe docemente:

—Como se chama?

—Sou Maria da Graça.

—Que idade tem?

—Dezeseis annos.

—A minha filha tambem tem o mesmo nome e a mesma edade. Que será feito d'ella?

Tornou então, a fechar os olhos, recaindo n'uma profunda meditação.

—Aquella criatura, certamente por caridade, beijava-lhe as mãos, e chorava por elle. Mas, se estivesse alli a filha, tudo isso faria por amor; e elle teria, ao menos, comsigo o anjo providencial da sua desventura. Que seria feito d'ella, ao pé de uma mãe, tão descaroada? Ainda se lembraria do pae? Devia ter feito muita mudança com a edade; mas, certamente, havia de ter conservado a formosura de criança. E que grande semelhança devia ter com a enfermeira!

Esta enfermeira figurava-se-lhe tambem um anjo celeste, que se compadecia de um desgraçado como elle. Mas nada apagava no seu coração a lembrança da outra criança. Pare-

cia-lhe até que, se a visse, todo o seu mal acabaria por encanto.

No dia seguinte, appareceu mais agitado e nervoso, n'um grande quebrantamento, e o rosto innundado de lagrimas. E, quando o medico tratou de averiguar a causa d'essa recaida e a razão d'essas lagrimas, Ernesto da Silva confessou-lhe que tudo era devido á constante apprehensão e amargura causada pela saudade da filha, que tanto se devia parecer com a enfermeira. E, então, o medico, depois de o animar e lhe dizer que já tinha averiguado onde a filha parava, e lhe promettia que, logo que elle estivesse bem restabelecido, conseguiria que ella o viesse vêr, accrescentou:
— Mas para isso é preciso que o meu querido enfermo tenha coragem e sangue frio, para não ter uma impressão tão forte que o faça recair.

— Não tenha receio, senhor doutor. A felicidade não mata ninguem. Por maior impressão que eu haja de sentir, ao vêr a minha filha, estou bem certo que essa impressão me não ha de prejudicar a saude. O que me póde matar, é esta ancia dolorida, que eu sinto da falta d'ella.

—Então imagine que sua filha apparecia hoje. Isto é simplesmente uma supposição. O senhor teria a certeza de, n'esse caso, supportar a impressão?

—Ó senhor doutor, por quem é, não me mate de esperança e de anciedade. Compadeça-se de mim, e deixe-me vêr minha filha, o mais depressa possivel.

Então, a um signal do medico, Maria da Graça abordou á porta; e, precipitando-se para o leito, ajoelhou ao pé do doente, e tomando-lhe as mãos, beijou-lhas, soffregamente e repetidas vezes, balbuciando:

—Meu pae, meu querido pae!

Ernesto da Silva illudira-se a si proprio. A impressão foi tão forte que desmaiou; e levou bastante tempo a recobrar os sentidos.

Quando voltou a si, a filha estava sentada no leito; beijava-lhe o rosto; e as lagrimas caíam-lhe em fio. E, quando o viu despertar, repetiu novamente:

—Meu pae, meu querido pae!

Então, este silenciosamente conchegou a filha para si; correu-lhe docemente a mão pelos cabellos; afastou-lh'os da testa; e con-

templou-a demoradamente. Em seguida, abraçou-a, n'um impeto convulsivo; e as lagrimas caíram-lhe tambem silenciosamente pelo rosto.

O esforço d'esta impressão prostrou-o novamente, e ficou por algum tempo, como que absorvido n'um extase sobrenatural. Depois, pediu o retrato da filha.

Foi a propria Maria da Graça que lh'o forneceu; e accrescentou que tinha tambem comsigo a certidão de edade, que egualmente lhe apresentou.

O pae contemplou demoradamente esse retrato, e comparou-o com o rosto da filha, dizendo:

—Tens ainda as mesmas feições de criança, apenas com a differença de edade. E vejo que Deus te fez caritativa e boa!

E, então, ainda em novo frenesi, abraçou-a convulsivamente, repetindo:

—Minha filha, minha filha!

Em volta d'elles, todos choravam de commoção.

* * *

D'ahi a dias, Ernesto da Silva e Maria da Graça conversavam tranquillamente. E dizia-lhe elle:

—Minha filha, tua mãe divorciou-se de mim; e, como eu já pude saber, com o fundamento de que não houve noticias minhas, durante dez annos, quando eu lhe escrevia continuadamente, e lhe mandava quasi sempre dinheiro dentro das cartas. Recomendei-lhe até que comprasse uma casa, que servisse, não só de ninho ao nosso amor, porque eu amava-a doidamente; mas tambem de altar para ti, minha filha, que és para mim a divindade do meu coração. Vim do Brazil, cheio de esperança, e volto para lá, cheio de amargura.—Queres ir comigo? Mas devo dizer-te que estou pobre. O dinheiro que eu ia ganhando, mandava-o a tua mãe, que ficou com elle. E eu tenho agora de ir trabalhar novamente, para viver.

—Quero meu pae, quero ir comsigo.

—Pensa bem. Eu estou pobre, vou sujeitar-me novamente ao trabalho, para viver. Terei

de ganhar o pão de cada dia, no suor do meu rosto e nas lagrimas do meu coração.

—Que importa, meu pae, que esteja pobre! Se eu puder enxugar algumas d'essas lagrimas, já serei muito rica, pois são diamantes que eu guardarei na minha alma.

—Sim, tu és o meu unico thesouro, e bem desejava levar-te comigo. Serias uma consolação da minha desgraça e da minha pobreza. Mas o clima é ardente e mau, e tu mesma talvez sejas obrigada tambem a trabalhar.

Maria da Graça deitou-se, então, de joelhos; beijou sofregamente as mãos do pae; e, debulhada em pranto, disse-lhe, na voz dôce e angelica das criaturas celestes:

—Meu pae, leve-me comsigo. Ainda que eu tivesse de morrer, chegando ao Brazil, queria morrer ao pé de si, abençoando e adorando o seu nome. Não terá sómente uma filha, terá tambem uma escrava.

O pae levantou-a do chão. Abraçou-a e beijou-a doidamente. Estreitou-a depois ao peito, n'um frenesi convulsivo; e, despegando-se d'ella, disse-lhe docemente:

—Eu quiz experimentar-te, minha filha, a

vêr até onde chegava o teu amor e a tua dedicação para comigo. Graças a Deus, somos ricos; porque tenho no Brazil capitaes abundantes.

* * *

D'ahi a oito dias, embarcaram ambos para o Rio de Janeiro.

FIM

ERRATAS

Deixamos á intuição dos leitores a correcção de alguns leves erros ou descuidos que ha nas palavras e na pontuação.

Apontaremos apenas o seguinte descuido:

Pag.	Linhas	Onde se lê	Deve lêr-se
153	18	As notas finaes	Mas as notas finaes
153	19	porém, o contra-regra	o contra-regra

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE